AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU,* referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (https://monografiashistoriaufu.wordpress.com).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia.* Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

ANTONIETTE CAMARGO DE OLIVEIRA

O ASSISTENTE SOCIAL EM UBERLÂNDIA:

FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL, 1972-1989

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA CDHIS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

1.567 S9 (c)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
UBERLÂNDIA, AGOSTO DE 1998

1512

ANTONIETTE CAMARGO DE OLIVEIRA

O ASSISTENTE SOCIAL EM UBERLÂNDIA:

FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL, 1972-1989

Monografia apresentada para conferência de título de Bacharelado em História, sob a orientação da professora Drª. Christina da Silva Roquette Lopreato. Departamento de História, Centro de Ciências Humanas e Artes.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
UBERLÂNDIA, AGOSTO DE 1998

BANCA EXAMINADORA

Drª. Jacy Alves de Seixas

Drª. Maria Clara Tomaz Machado

Drª. Christina da Silva Roquette Lopreato (Orientadora)

AGRADECIMENTOS

Foram várias as pessoas que me auxiliaram na elaboração deste trabalho. Em especial Marcos Moreira dos Santos que, além do carinho e compreensão, confeccionou os gráficos e editorou os textos, e Matheus, cujo vigor da vida são grandes estímulos para enfrentar as adversidades.

Recebi também muitas sugestões, dicas e críticas de vários amigos a quem gostaria, sem nomeá-los individualmente, de externar os meus agradecimentos.

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) devo o apoio financeiro que me possibilitou a elaboração deste trabalho, durante um ano, por meio da liberação de uma bolsa concedida a partir da aprovação, inicialmente, do projeto de pesquisa e, posteriormente, dos relatórios trienais e semestral encaminhados ao Programa.

À minha orientadora Dr[a]. Christina da Silva Roquette Lopreato. Ela soube esperar que eu encontrasse o meu caminho, sempre transmitindo um sentimento de confiança, fazendo-me acreditar que eu era capaz de cumprir bem a minha tarefa.

À Dona Antônia, Sr. Baltazar, tia Maria Eleuza, vovó Ana e vovó Madalena, pelas orações que fizeram em minha intenção e que sem dúvida foram de muita ajuda.

Aos meus pais, que sempre acompanharam minha vida estudantil, ajudando inclusive ultimamente nas tarefas maternas e domésticas das quais tenho me ausentado.

À Maria Clara, pela força no desenrolar da pesquisa.

À Marilda, que foi uma segunda mãe para o meu filho durante o último ano.

Ciléia e Maria Ângela, funcionárias do CRESS – 6[a] Região, que sempre se prontificaram em me auxiliar no trabalho de pesquisa.

E finalmente, a Eloah Mariza Macedo, Marilza Helena Betanho e Ana Virgilina de Paula, cuja contribuição através dos depoimentos foi de fundamental importância na compreensão da problemática proposta no projeto.

ÍNDICE

Introdução 02

Capítulo 1 - Serviço Social: origens e percursos 04

Capítulo 2 - História do surgimento do serviço social em Uberlândia 11

Capítulo 3 - Formação curricular 24

3.1- Campo empresarial 39

3.2- Campo educacional 47

3.3- Campo comunitário 53

Capítulo 4 - Atuação profissional 57

Considerações finais 75

Anexos 78

Fontes e Bibliografia 104

INTRODUÇÃO

O fato de ter escolhido como campo de trabalho a Educação e como temática o Serviço Social, justifica-se por minha participação enquanto bolsista de Iniciação Científica no projeto de pesquisa "Levantamento e Catalogação de Fontes Primárias e Secundárias de Interesse para o Estudo da História da Educação no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba".*

A idéia de trabalhar com a formação e atuação de Assistentes Sociais em Uberlândia, de 1972 até 1989, deveu-se ao fato de que, neste período, o curso de Serviço Social nesta cidade se encontrava a cargo da Associação Brasil Central de Educação e Cultura, mais conhecida como ABRACEC, que, por sua vez, teve suas fontes levantadas e catalogadas pelos membros do projeto acima referido. O contato com tais fontes resultou no que chamamos de uma (re)construção da História desta instituição educacional, na qual expusemos o que, na nossa opinião, seria mais importante destacar desde a sua criação, como forma de compreendermos o contexto em que surgiu, evidenciando, na ocasião, o curso de Serviço Social como uma das possibilidades de investigação..

Conforme havíamos proposto no projeto de pesquisa, um dos nossos objetivos seria investigar as reais razões para a criação do curso de Serviço Social em Uberlândia no início da década de 70. Em seguida, analisaríamos sua estrutura e política educacional e ainda a inserção e atuação no mercado de trabalho dos profissionais formados pela referida instituição educacional.

O relatório divide-se em quatro partes distintas. No primeiro capítulo buscamos refazer os caminhos que o Serviço Social percorreu desde o seu surgimento, na Inglaterra do século XIX até os dias atuais. Em seguida procuramos analisar a implantação do curso de Serviço Social em Uberlândia. Numa terceira parte, tencionamos perceber como se deu a formação dos Assistentes Sociais (entre 72 e 89) através das grades curriculares, das ementas das disciplinas existentes

naquela instituição e dos modelos teóricos e institucionais adotados como referência.

Na quarta e última parte, tratamos basicamente da situação e dos problemas relacionados à atuação desta categoria no mercado de trabalho local, a partir dos resultados obtidos de um questionário respondido por 86 Assistentes Sociais, em 1989.

Quanto às fontes utilizadas, importa ressaltar que, apesar dos nossos esforços, não encontramos muitos trabalhos historiográficos que tratassem basicamente da temática proposta. Assim, optamos por uma pesquisa bibliográfica cujos autores fossem da área de Ciências Sociais de uma maneira geral, sendo que especificamente, grande parte dos artigos utilizados são produções dos próprios Assistentes Sociais, muitos deles extraídos da revista *Serviço Social e Sociedade*.

A revista lançada em 1997 pela Unit - Centro Universitário do Triângulo, sucessora da antiga ABRACEC, em comemoração aos 25 anos do Curso em Uberlândia, foi de grande valia para nossa pesquisa. Além de termos feito uso de algumas entrevistas reproduzidas nesta *Revista*, colhemos outros depoimentos junto a professores que ministraram aulas na ABRACEC. Utilizamos também um relatório feito em comemoração aos 20 anos do curso nesta cidade, elaborado em 1992 pela FIT – Faculdades Integradas do Triângulo, antecessora da atual Unit, o qual tivemos acesso através da sua diretoria; alguns documentos e informações foram obtidos no Conselho Regional de Serviço Social - CRESS, outros na Prefeitura Municipal de Uberlândia, na 40ª SRE – Superintendência Regional de Ensino e na biblioteca da Unit, onde foi possível pesquisar os Trabalhos de Conclusão de Curso – TCCs. Foram utilizados também alguns artigos publicados na imprensa local no período delimitado.

---

* Trata-se de Pesquisa desenvolvida inicialmente pelos professores da UFU, Dr. Wenceslau Gonçalves Neto, Dr. José Carlos S Araújo, Dr. Décio Gatti Júnior e Dr. Geraldo Inácio Filho, através do Departamento de Práticas Pedagógicas – DEPOP, com financiamento do CNPq, onde fui bolsista de Iniciação Científica durante o período de março/95 a março/97.

1 - SERVIÇO SOCIAL: ORIGENS E PERCURSOS

Dado a problemática contida no projeto de pesquisa, faz-se necessário uma breve historicização do Serviço Social. Para tal, utilizamos leituras específicas, elencadas ao longo do presente texto, que subsidiam este trabalho.

Inicialmente, analisamos a obra de MARTINELLI na qual a autora localiza um primeiro tratamento sistemático da prática da "assistência". Ela coloca que com o objetivo de racionalizar e normatizar tais práticas, membros da alta burguesia européia unidos à Igreja Evangélica e à classe dominante fundam na Inglaterra em 1869, a *Charity Organization Society*[1] ou Sociedade de Organização da Caridade. Segundo a autora, tal sociedade *"(...)recorreu a modelos pretéritos, concebidos especialmente durante as dinastias Tudor e Stuart. (...)Apoiados em uma legislação das mais brutais de que se tem notícia, os modelos visualizavam a 'assistência como uma forma de controlar a pobreza e ratificar a sujeição e a submissão dos trabalhadores'. Apoiavam-se essencialmente em três grandes estratégias: a intimidação, a repressão e a punição"*[2].

Ainda segundo esta autora, a existência de tais práticas de controle social têm sido verificadas desde o século XV na Inglaterra. Em nome de um equilíbrio social e de uma estabilidade do poder, muitas vezes os ingleses justificaram a mutilação, a tortura, a restrição da mobilidade social e uma infinidade de atrocidades, que acabavam servindo de exemplo para todo o restante da Europa também implementar.[3]

---

1 De acordo com Bresciani, o nome completo de tal Sociedade era Society for Organizing Cheritable Relief and Repressing Mendicity. Ver: BRESCIANI, Maria Stella M. **Londres e Paris no século XIX**: o espetáculo da pobreza. São Paulo: coleção "Tudo é História", Brasiliense, 1982, p.45.

2 MARTINELLI, Maria Lúcia. **Serviço Social:** identidade e alienação. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1991, p. 84.

3 As práticas de controle social a que nos referimos extrapolavam o campo da assistência aos pobres, bem como o controle dos mesmos e dos trabalhadores para que não se insubordinassem contra a "estabilidade do poder" e do "equilíbrio social". No livro **Vigiar e Punir:** História da Violência nas Prisões, de Michel Foucault, encontramos na sua primeira parte que trata do suplício (basicamente o penal), diversos exemplos de crueldades cometidas contra os criminosos no século XVIII, não só na Inglaterra, mas na França e na maior parte dos países da Europa. Resumidamente, conforme o autor, *"O suplício penal não corresponde a qualquer punição corporal: é uma produção diferenciada de sofrimentos, um ritual organizado para a marcação das vítimas e a manifestação do poder que pune: não é absolutamente a exasperação de uma justiça que, esquecendo seus princípios, perdesse todo o controle. Nos 'excessos' dos suplícios, se investe toda a economia do poder"*. Cf. FOUCAULT, Michel Petrópolis, Vozes, 1976 p. 35.

Para melhor entendermos o contexto social e econômico por que passava a Inglaterra no período que antecedeu a fundação da Sociedade de Organização da Caridade, recorremos a BRESCIANI, que mostra a situação vivenciada pelos pobres desempregados naquele país, principalmente na segunda metade do século XIX. Segundo esta autora, a ameaça dos desempregados incomodava apenas quando os mesmos, deixando de vislumbrar qualquer esperança de trabalho e propriedade, passavam a se encaixar na figura de maus elementos – mendigos, vagabundos. E esta ameaça tornava-se ainda mais significativa quando estes "maus elementos" juntavam-se em "multidão" para expressarem seu descontentamento.[4]

As tentativas de disciplinarização social (cujos métodos de persuasão não eram nenhum pouco suaves nesse período), segundo MARTINELLI, passaram a enfrentar um movimento crescente de resistência no século XIX, no momento em que os trabalhadores ingleses estavam em processo de organização da sua classe e, ainda praticando a ajuda mútua. Portanto, são complementares as informações de CARVALHO, ao afirmar que o Serviço Social profissional surge quando fica evidente a necessidade de um trabalho de assistência *"mais rigorosamente controlado e fundamentado em conhecimentos técnicos"*[5]. Com esse objetivo é que criou-se nos Estados Unidos em 1898 a primeira Escola de Filantropia Aplicada, pela Sociedade de Organização da Caridade de Nova York. Quanto à América Latina, CARVALHO esclarece que tal preocupação se deu somente neste século, em 1925, com a fundação da Escola Social Dr. Alejandro del Rio, em Santiago do Chile.

Complementando, na origem histórica do Serviço Social institucionalizado que, como já foi dito, se deu em meados do século XIX, na Inglaterra, está o surgimento de grandes aglomerados urbanos com o advento da Revolução Industrial. Diante desse novo fenômeno, desvela-se uma outra situação social: a promiscuidade, a doença, a falta de habitação, a miséria, a exploração, o

4 BRESCIANI, M. E. **Op. cit.**, p. 39.

5 CARVALHO, Raul de. "Modernos Agentes da Justiça e da Caridade – notas sobre a origem do Serviço Social no Brasil". **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo: ano I, nº 2, março/1980, Cortez, p.58.

desemprego, o trabalho de menores e mulheres em jornadas excessivas, dentre outros[6].

Como em finais do século XIX os trabalhadores já estavam avançados em termos de organização política, o "Estado burguês" buscava formas de vigiar e controlar mais eficientemente seus movimentos, temendo que a classe trabalhadora, adiantada em seu processo de conscientização, se voltasse contra a ordem social estabelecida. Nesse momento, a burguesia através de seu discurso ideológico, realiza uma operação bastante precisa. Ela oferece à sociedade fundada na divisão e na contradição interna uma imagem da sociedade como idêntica, homogênea e harmoniosa, com o propósito de anular a existência efetiva da luta, da divisão e da contradição. Ou seja, a burguesia tem a pretensão de determinar qual deveria ser o percurso da prática social. Aí questiona-se: mas ela já não fazia exatamente isso? É verdade, mas é que em determinado momento a classe dominante "rouba" dos agentes sociais, que ela mesma produziu, a possibilidade de construírem coletivamente projetos próprios de práticas sociais autênticas[7]. Neste sentido, MARTINELLI consegue retratar com clareza a forma como os agentes ou assistentes sociais foram se deixando alienar:

> "A expansão do número de agentes foi notável no último terço do século XIX, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, é verdade que alimentando-se da acumulação da pobreza, da generalização da miséria. Ao iniciar-se o século XX, o Serviço Social estava presente na maior parte dos países europeus e também nos Estados Unidos, contando já com inúmeras sedes da Sociedade de Organização da Caridade. Sua identidade profissional era, porém, tão cheia de contradições e antagonismos, como o próprio regime que a criara. Seus agentes, saídos da burguesia, estavam agora a seu serviço, submetidos, portanto, à lógica do capital já não ocupavam espaços tão significativos na classe dominante. Para a classe trabalhadora, porém, sua face era a do poder, da desigualdade e da exploração capitalista, e não a face do trabalhador.
>
> Não era, pois, nada confortável a posição dos agentes sociais, quando o século XX despontou no horizonte. Só mesmo o envolvimento com a malha alienante da sociedade burguesa podia protegê-los dessa constatação. A mesma alienação que eram levados a ratificar, através de sua prática fetichizada e mecânica, havia impedido o assumir coletivo

6 Tal situação é explorada por BRESCIANI, quando faz uso em seu livro de alguns autores, principalmente romancistas e literatos, que descrevem detalhadamente a visão que tinham: alguns sobre os indivíduos, outros sobre a multidão da qual faziam parte tais indivíduos. Através de seus olhares, podemos perceber o contexto histórico vivido pela grande massa de trabalhadores, desempregados, subempregados e miseráveis nas ruas da Inglaterra, sabendo-se que tal situação, no seu limite de miserabilidade, é que demandou a tomada de certas providências por parte principalmente da burguesia inglesa em 1869. Op. cit.

7 Essa é a perspectiva de análise de MARTINELLI, quando afirma que o estigma de alienação que os Assistentes Sociais carregam até hoje tem sua origem no século XIX. Segundo ela, o fato deles não estarem inseridos num movimento de construção da sua identidade profissional é que fez com que sua consciência social ficasse fragilizada.

> no sentido histórico da profissão, transformando a prática social em uma prática indefinida, ambígua e não objetiva.(...)
>
> A prática social era, na verdade, uma prática plena de abstrações."[8]

O contato com certos autores que abordam as origens e os percursos do Serviço Social, deixa transparecer que o processo ocorrido no Brasil não difere, grosso modo, da sua caminhada histórica na Europa. No entanto, em uma das interpretações houve sim uma grande diferença. É que, se havia na Europa e Estados Unidos em finais do século XIX um movimento de resistência da classe trabalhadora, aqui, neste século, essa questão por exemplo, da indisciplina em conseqüência de um estado de miséria decorrente do processo de industrialização, não ocorreu. OLIVEIRA compactua com certas leituras historiográficas que afirmam que qualquer tipo de organização por parte dos "pobres" era impossível, pois que no início deste século o que predominava no Brasil era o coronelismo local, agindo num contexto de economia de base agrária[9]. Conforme esta autora, já que não existia um processo de acumulação capitalista seguindo o modelo europeu, não existia também a indisciplina e a resistência por parte dos trabalhadores e pobres em geral.

MARTINELLI, no entanto, discorda deste ponto de vista. Para ela, no Brasil, ainda na metade da década de 20, tornava-se impossível conter o avanço e o amadurecimento político do movimento operário somente pelos métodos costumeiros, ou seja, através do aparato militar. O projeto varguista, que pressupunha a cooperação entre as classes, buscou seu fortalecimento não só através do uso da violência, mas também através de alianças com a Igreja e com os setores mais abastados da burguesia. É exatamente dentro deste contexto histórico-político[10] que o país vivia em meados da década de 30, que a cidade de São Paulo tornou-se uma espécie de encubadora de profissionais na área do Serviço Social, já que houve ali uma conjugação de esforços (burguesia/estado/igreja) para a criação, em 1932 (e fundação em 1936), do Centro de Estudos e Ação Social de São Paulo – CEAS. Anterior a isto no Brasil a prática prorfissional do Serviço Social está a

---

8 MARTINELLI, Maria Lúcia. **Op. Cit.**, p. 91.

9 OLIVEIRA, Valéria Rezende de. "Política de assistência no Brasil". **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo: nº 31, ano X, dezembro 1989, Cortez, p. 107-8.

10 Sobre esta temática ver:

cargo da Igreja Católica, que contorna os problemas de miséria através das suas instituições de assistência social.[11]

> "Nesse Centro, como fruto da iniciativa das cônegas de Santo Agostinho,(...) realizou-se o primeiro curso de preparo para o exercício da ação social, que, sob a denominação de Curso Intensivo de Formação Social para Moças, foi ministrado pela assistente social belga Adèle de Loneux, da Escola Católica de Serviço Social de Bruxelas. A clientela desse primeiro curso foi constituída por jovens católicas, algumas já participantes de atividades assistenciais ou militantes de movimentos da Igreja, e todas pertencentes a famílias da burguesia paulista."[12]

No Rio de Janeiro já foi diferente de São Paulo, lá houve uma participação mais intensa das instituições públicas e menos intensa da igreja católica. Sendo que no mesmo período (1937) surgem ali o Instituto de Educação Familiar e Social, composto das Escolas de Serviço Social e Educação Familiar; (1938) a Escola Técnica de Serviço Social; (1940) o curso de preparação em trabalho social na Escola de Enfermagem Ana Nery e (1950) o Instituto de Serviço Social da Prefeitura do Distrito Federal[13].

Ainda de acordo com MARTINELLI, no âmbito estadual paulista, o ensino de Serviço Social foi normatizado através do Decreto Lei n°9970, de 02-02-1939. No âmbito federal, isso ocorreu somente na década de 50 através da Lei n°1889, de 13-06-1953 e do Decreto n°35311, de 02-04-54. E, através da Portaria n°35, de 19-04-1949, do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, o Serviço Social foi enquadrado no 16° grupo de profissões liberais, ou seja, somente dez anos após o ensino de Serviço Social ter sido normatizado no Brasil.

No geral, o Serviço Social é uma profissão que continua sendo essencialmente feminina, onde *"as ricas damas de caridade"* (como eram conhecidas as primeiras assistentes sociais), vieram, com o passar do tempo, cedendo seus lugares *"às filhas da classe média ou dos trabalhadores urbanos"*[14].

CANCELLI, Elizabeth. **O mundo da violência:** a polícia da era Vargas. Brasília: UNB, 2ª ed., p. 17-45.

11 ABREU, Sérgio França Adorno e Castro, Myriam M. Pugliese, "A arte de administrar a pobreza: assistência social institucionalizada em São Paulo no século XIX". In: **Foucault Vivo** / Italo Tronca (org.) – Campinas/SP, Pontes, 1987.

12 MARTINELLI, Maria Lúcia. **Op. cit.**, p.123.

13 MACHADO, Maria Clara Tomaz. **A Disciplinarização da Pobreza no Espaço Urbanoo Burguês:** assistência social institucionalizada, Uberlândia 1965-1980. São Paulo, Universidade de São Paulo, FFLCH, 1990. (Dissertação, Mestrado).

14 ESTEVÃO, Ana Maria R. **O Que é Serviço Social.** 5ª ed. São Paulo: Coleção Primeiros Passos, Editora Brasiliense, 1988, p. 69.

No entanto, para JUNQUEIRA, que fez parte da primeira turma da Escola de Serviço Social de São Paulo, a primeira do Brasil, o que predominava eram alunos oriundos da "classe média" e não da "classe abastada", sendo que os mesmos *"buscavam o preparo para o exercício remunerado de uma profissão que lhes viria a oferecer também gratificação pessoal por sua vinculação com a ação social católica"*[15]. Nesse sentido, segue a mesma linha de interpretação de CARVALHO quando ele afirma que o surgimento do Serviço Social no Brasil *"se dá no seio do 'bloco católico', que manterá por um período relativamente longo um quase monopólio da formação dos agentes sociais especializados, tanto a partir de sua própria base social, como de sua doutrina e ideologia"*.[16] Vale lembrar mais uma vez que no Rio de Janeiro isto se deu de forma diferente.

Conforme já foi esclarecido por MARTINELLI, o surgimento do Serviço Social no Brasil remonta aos primeiros anos da década de 30, fruto da iniciativa particular de vários setores da burguesia, fortemente respaldados pela Igreja Católica e referenciados pelo Serviço Social Europeu. No entanto, de acordo com JUNQUEIRA, devido à quase ausência de métodos e técnicas na concepção européia, que até então era a predominante, o Serviço Social inicia, já a partir da década de 40, uma espécie de intercâmbio estudantil e literário com os Estados Unidos, e é a partir desse intercâmbio que começam a surgir no Brasil entidades como, por exemplo, a Legião Brasileira de Assistência – LBA (1942); o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI (1943); o Serviço Social da Indústria – SESI (1945) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC (1943), período este em que fica evidente o fato de o Assistente Social ter deixado de atuar somente da área de saúde, passando a outras modalidades de ação.[17]

Segundo YASBEK, na evolução histórica do Serviço Social no Brasil distingue-se quatro fases. Entre 1930 e 1945 há influência européia, idealista e confessional; de 1945 a 1958 a influência passa a ser norte-americana, cuja ênfase

---

15 JUNQUEIRA, Helena Iracy. "Quase duas décadas de Reconceituação do Serviço Social: uma abordagem crítica". **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo: ano II, nº4, dezembro de 1980, Cortez, p.2.

16 CARVALHO. Raul de. "Modernos Agentes da Justiça e da Caridade – notas sobre a origem do Serviço Socialno Brasil". **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo: ano I, nº2, março de 1980, Cortez, p.58-9.

maior está na questão metodológica (muda-se a forma de operação, deixa-se o assistencialismo caritativo e adota-se o modelo funcionalista); de 1958 a 1965 o que predominava ainda era a influência norte-americana, mas na perspectiva da contribuição do Serviço Social para o processo social de desenvolvimento; por fim, de 1965 até por volta de 1980 (ano em que foi escrito o artigo a que se faz referência), o Serviço Social se caracterizava pelos movimentos de reconceituação, cujo marco referencial era a procura de um modelo que adequasse prática e teoria para a realidade daquele momento[18], este quarto momento, seria também um momento de resitência à ditadura militar, quando surge no Serviço Social uma concepção marxista de transformação da realidade social. Porém, conforme nos indica SETUBAL, de 1964 a 1979, esse movimento ao mesmo tempo *"perdeu seu impulso inicial, devido o regime político adotado no país(...)"*[19], já que alguns dos seus precursores foram cooptados, sendo obrigados a abandonarem o país, e outros acabaram por assumir altos cargos no governo em troca de gordas remunerações pondo fim à sua tarefa de reconceitualização do Serviço Social. Dentro do movimento de resistência à ditadura militar surge uma concepção marxista de transformação da realidade social a partir, inclusive, da prática do assitente social. Entre eles está a PUC/SP com Marilda Iamamoto, Maria Inez Bierrenbach, Adalgisa Sposati (grupo do qual fazia parte também Luiza Erundina).

17 JUNQUEIRA, Helena Iracy. "Quase duas décadas de Reconceituação do Serviço Social: uma abordagem crítica". **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo: ano II, n°4, dezembro de 1980, Cortez, p.4-5.

18 YASBEK, Maria Carmelita. A Escola de Serviço Social de São Paulo no período de 1936 a 1945. **Cadernos PUC** – Serviço Social. n°6, dezembro de 1980, São Paulo: EDUC/Cortez, p.11-60.

19 SETUBAL, Aglair Alencar. "Alguns Aspectos da História do Serviço Social no Brasil". **Serviço Social & Sociedade**. ano IV, n°12, agosto de 1983, Cortez, p.124.

2 - HISTÓRIA DO SURGIMENTO DO SERVIÇO SOCIAL EM UBERLÂNDIA

Desde 1888, quando Uberlândia foi elevada à categoria de município, há notícias sobre a preocupação das camadas mais abastadas da cidade com o problema social, retratada numa proposta caritativa e de ajuda esmolada. No entanto, é no contexto sócio-econômico das décadas de 50 e 60 que começa a haver, segundo MACHADO, uma maior preocupação por parte da classe dominante com relação à "pobreza"[19] (cuja imagem quase sempre esteve associada a "perigo social"). Isto deveu-se ao fato de que, neste período, a cidade começava a ser considerada um importante entreposto comercial, e depois, eixo de convergência do capital industrial. Esta sua nova situação de polo comercial acelerou o problema da marginalização social. Começaram a aparecer favelas, intensificou-se o fenômeno da migração, multiplicou-se o subemprego e o desemprego, enfim, a precariedade de uma política social do município, juntamente com um processo de industrialização local colocaram (...)*"em cena, de forma mais dramática, o problema da mendicância, da vadiagem, do menor carente e do aumento da criminalidade"*[20].

Foi a partir deste momento que a classe burguesa uberlandense acreditou ser fundamental repensar o espaço urbano no qual estes "novos personagens" estavam se inserindo, disciplinarizando-o. Espaço urbano no qual o discurso dominante articulava e colocava em prática, prioritariamente, projetos políticos de progresso e de ordem, utilizando-se de estratégias e instrumentos que garantissem sua eficácia e relegando a segundo plano as questões sociais. Nesse contexto, não seria muito difícil imaginar o papel que teria uma categoria de profissionais ligados à área social.

---

19 MACHADO, Maria Clara Tomaz. **A Disciplinarização da Pobreza no Espaço Urbano Burguês:** assistência social institucionalizada, Uberlândia 1965-1980. São Paulo, Universidade de São Paulo, FFLCH, 1990. (Dissertação, Mestrado).

20 MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Op. cit.**, p.3.

Como nos propusemos trabalhar a temática "Serviço Social", esse ideário, essas formas de pensar, entender e agir que a classe dominante uberlandense veio construindo durante toda a sua história, nos chamou a atenção. No entanto, o período que realmente nos interessou para o desenvolvimento desta pesquisa histórica foi de 1972 a 1989, ou seja, do ano em que o curso de Serviço Social foi criado até o ano em que os componentes da mantenedora que o criou se desligaram da mesma.

Assim, sendo este apenas um dos cursos oferecidos pela ex-Associação Brasil Central de Educação e Cultura - ABRACEC, observamos a necessidade de trazer algumas informações sobre a referida instituição. A ABRACEC é derivada do Colégio Brasil Central, instituição de reconhecido renome, fundada em 1929, a partir do funcionamento de uma Escola Normal, sofrendo desde então inúmeras transformações (ANEXO 1). Sabemos que em 1966 a *Sociedade Uberlandense de Difusão Cultural* foi montada e fundada pelo professor Antônio Macedo, e que em 17 de abril de 1969 foi formada a entidade mantenedora denominada *Associação Brasil Central de Educação e Cultura – ABRACEC*[21] que foi, naquela ocasião, constituída da seguinte maneira:

PRESIDENTE Antônio José Macedo	(17-04-69 a 19-01-87)
VICE-PRESIDENTE José Jairo Fonseca	(17-04-69 a 15-04-74)
SECRETÁRIO GERAL Ênio Drauss	(17-04-69 a 15-04-74)
1º SECRETÁRIO Darcy Macedo da Fonseca	(17-04-69 a 15-04-74)
TESOUREIRO GERAL Eloah Marisa Macedo	(17-04-69 a 15-04-74)

21 Julgamos conveniente destacar como foi constituído o primeiro quadro da referida mantenedora, pois alguns de seus componentes foram os idealizadores e criadores do curso de Serviço Social, tratado neste trabalho. Vale lembrar também que estes dados foram colhidos no relatório comemorativo dos 20 anos do curso de Serviço Social em Uberlândia, elaborado em 1992.

1° TESOUREIRO
José Amilard de Menezes (17-04-69 a 15-04-74)

CONSELHO FISCAL
Luiz Carlos Mansur (17-04-69 a 15-04-74)
Péricles Hassloche Menezes (17-04-69 a 15-04-74)
Darci Pereira Pena de Castro (17-04-69 a 15-04-74)

SUPLENTES
Célia Cilene de Freitas (17-04-69 a 15-04-74)
Dr. Arnaldo Godoy de Souza (17-04-69 a 15-04-74)
Maria Julieta Bernarde Ramalho (17-04-69 a 15-04-74)

Em 1972, surgia o curso de Serviço Social na instituição educacional cuja história reconstruímos quando elaboramos o projeto de pesquisa (ver ANEXO 1). Mais exatamente, data de 02 de março daquele ano a autorização feita pelo presidente Emílio Garrastazu Médici para a criação do curso de Serviço Social na ABRACEC (Decreto n° 70226). O reconhecimento desse curso foi feito no ano de 1978, pelo Decreto n° 82530 assinado pelo presidente Ernesto Geisel, quando da formatura da 1ª turma do curso.

Em 1988, final do período delimitado para este trabalho, o Sr. Carlos Miro da Silva (presidente da mantenedora desde 1974[22]) e demais membros colocaram seus cargos a disposição. Por esse motivo, quem passou a assumir cargos na nova diretoria da mantenedora, a partir de então (1989) nomeada Associação de Ensino do Triângulo, foram figuras conhecidas ainda hoje no meio educacional uberlandense: Romeu Miguel, Izaías Alves Ferreira, José de Jesus Rizzo, Ildeu Afonso de Carvalho, dentre outros.

De acordo com nossa leitura está visível, em alguns trechos de depoimentos, os objetivos que nortearam a criação do curso num primeiro momento. Conforme nos relata Eloah Marisa de Menezes[23]:

22 De 1969, quando foi formada, até 1974, a entidade mantenedora era presidida por Antônio José Macedo.

23 Licenciada em Psicologia e graduada em Pedagogia pela PUC de São Paulo; foi Tesoureira geral da mantenedora (ABRACEC) de 17-04-69 a 15-04-74; vice-presidente da mesma de 15-04-74 a 19-01-87; fez parte de sua diretoria executiva de 17-04-69 a 15-02-79; foi diretora do curso de Serviço Social de 04-03-72 a 05-05-81 e atualmente é coordenadora do CEMEPE-Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais em Uberlândia.

> (...) "o primeiro pensamento que surgiu foi que, aqui em Uberlândia muito interior de Brasil, bem no centro, Brasil central mesmo, nós as moças e o público feminino estudantil, éramos muito carentes de cursos, só tinha uma opção: Magistério e as profissões eminentemente femininas que, naquela época, a linha divisória era muito grande. Então o primeiro foi o modelo de cidadania, no sentido de oferecer à mulher uma oportunidade de maior participação na sociedade, com prazer, porque eu já tinha tido contacto com professores que não eram professoras prazeirosamente, então eu achei muito reduzido, muito afunilado, o mercado de trabalho centrado apenas em dois cursos, Magistério e o Superior é, a Pedagogia, que já tinha sido criada aqui, no momento que foi em 1961 parece, então eu achei que abriria, já começaria abrir o leque de opções(...)"[24]

Supomos que tenha surgido, posteriormente, uma certa preocupação por parte das primeiras turmas com relação à formação profissional, já que as primeiras alunas *"entusiasmadas, envolvidas, interessadas"*[25] que eram, procuravam compor o curso juntamente com a diretoria da escola, de maneira a estar formando um *"profissional capaz de ter uma visão crítica da realidade e um currículo que favorecesse a prática do Serviço Social"*[26]. Esta interlocução, que no caso partiu de Josefina Maria dos Reis[27], consegue clarear bem o período que estamos tratando, no sentido de mostrar as reais expectativas que tanto as ex-alunas[28] quanto os idealizadores do curso vizualizavam com relação à criação do mesmo nesta cidade.

Quanto ao modelo teórico propriamente dito,

> (...) "pura e simplesmente não tivemos porque é, já também um Juiz, um Juiz na época, Dr. Sebastião Lintz, estava também pensando, então era cogitação em termos de brasilidade em termos de, de pessoas de Uberlândia, achando que nossa cidade deveria ter um curso e oportunidade, nem estávamos procurando muito uma fundamentação teórica, mesmo porque na época existia a ABESS, Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social, que era que tratava de currículo, não é? (...)então só mais tarde é que eu tive contato com Assistentes Sociais por exemplo do Rio 'Maria Amélia Aroso' é, foi indicada, foi encontrada no Rio e me indicaram porque ela era de uma, (...) da Federal do Rio e tida como uma profissional de alta, de alta, assim qualidade e também muito ligada ao ensino do Serviço Social, e realmente foi uma das primeiras, primeiros contatos e esses primeiros contatos duraram três anos, antes de 70... pra que a gente formulasse a grade curricular, formulasse o regimento e o MEC nessa, época estava em transformação, foram é, períodos

24 Depoimento gravado com Eloah Mariza de Menezes em 12-05-1998.
25 Depoimento gravado com Eloah Mariza de Menezes em 12-05-1998.
26 UNIT. Serviço Social 25 anos. **Serviço Social em Revista**, Uberlândia, 1: 1, 1997, p.6.
27 Formada em Serviço Social na primeira turma da ABRACEC, Atual Secretária Municipal de Trabalho e Ação Social da Prefeitura Municipal de Uberlândia e professora na atual Unit desde a sua graduação.
28 Vale lembrar que a grande maioria das alunas pertencentes à primeira turma do Curso de Serviço Social está atuando no mercado de trabalho, muitas ocupando cargos de chefia, ou exercendo função de formadoras ou educadoras nessa área, a nível de 3° Grau. Boa parte das entrevistas da Revista **Serviço Social 25 anos** foram cedidas por elas.

> de grandes reformas, inclusive um ano, em 73 – 74 apareceram as faculdades de educação, de cursos polivalentes de curta duração, justamente essas reformas e no meio disso, o Serviço Social não estava sendo objeto de reformas mas, o nosso objetivo o nosso é, campo de trabalho antes de ser delimitado o fundamento teórico, era mais então de conseguir fazer a burocracia do MEC, o regimento, são outras preocupações, essa fundamentação teórica só apareceu depois(...)" [29]

Portanto, a preocupação inicial dos criadores do curso era com a burocracia do MEC e com os custos financeiros para implementar tal projeto. Ou seja, deveriam buscar onde estavam os professores que o MEC iria aceitar que dessem aulas, sua titulação, sua capacidade, etc., enfim, *"não se preocupar em axiologia, em filosofia, em fundamentos teóricos. É fundamento econômico e o fundamento humano, e local de trabalho"*[30].

Os professores com formação na área de Serviço Social que fizeram parte do corpo docente inicial eram todos de outras cidades. Solange Safioti, Ana Virgilina de Paula e Marlene Aparecida Françolin vieram de Ribeirão Preto, graduadas pela UNAERP – Universidade Associação de Ensino de Ribeirão Preto. Dilza Silene Smith e Maria Amélia Canut (natural de Araguari) graduaram-se em Belo Horizonte. Maria Amélia Aroso, conforme Eloah nos informa no trecho citado acima, veio da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os outros professores ou eram advogados, como o Dr. Osvaldo de Freitas, ou eram médicos como o Dr. Fausto G. de Freitas e até pedagogos como a própria Eloah, sendo que lecionavam disciplinas de áreas afins, ligadas de alguma forma ao Serviço Social. Posteriormente, as próprias ex-alunas começaram a dar aulas naquela instituição. No entanto, é interessante ressaltar que por não haver em Uberlândia ou região os recursos humanos necessários para a criação do curso de Serviço Social, estes podem ter sido buscados e atraídos para cá sem critérios seletivos apropriados. O exemplo do que aconteceu com a ex-professora Ana Virgilina de Paula, identifica bem o que acreditamos não ter sido um caso isolado:

---

29 Depoimento gravado com Eloah Mariza de Menezes em 12-05-1998.
30 Depoimento gravado com Eloah Mariza de Menezes em 12-05-1998.

> (...) "Não, por um acaso o meu irmão vendia livros, e ficou sabendo que a Faculdade precisava de uma Assistente Social que quisesse dar aulas, eu vim nua e crua, nem sabia!(...) Não tinha recursos humano nenhum, e nem é, recursos humano e profissional, não é? Que tivesse gabarito pra poder dar aula... Assim, dentro da área de Serviço Social, lógico! Que eu estou falando, em outras áreas, nossa! Não tem nem comparação...Mas aí eles chamavam, quem é que aparecesse...Então eu fui chamada mas eu não fui boa professora. Por que eu num sabia!"[31]

O depoimento acima corrobora a nossa hipótese de falta de critérios seletivos na busca de professores com currículos de qualidade. Isto é confirmado pela própria Eloah, já que a mesma, durante os depoimentos, sempre se queixa das dificuldades financeiras por que passa uma instituição de ensino particular. Portanto, suspeita-se que, supridas as exigências do MEC quanto ao básico em termos de recursos humanos para a criação do curso, o que houve foi uma política de convencimento para professores inaptos exercerem a docência, os quais poderiam, a partir dali, projetar uma carreira acadêmica e profissional bem sucedida, apesar dos baixos salários iniciais. Por outro lado, houve também o convencimento da própria clientela, os alunos no caso, atraídos pela possibilidade de um mercado de trabalho promissor e pela escolha de um curso iniciante nesta região, cuja remota chance de sucesso poderia significar também o sucesso de cada um deles, já que fariam parte da primeira turma, vanguarda na abertura de campos de trabalho.

Se por um lado visualizamos através de alguns depoimentos o grande entusiasmo, interesse, orgulho e envolvimento por parte dos alunos e criadores do curso de Serviço Social no período de sua implantação nesta cidade, por outro lado parece existir ainda hoje, 25 anos após o curso ter sido criado, uma visão "assistencialista"[32] por parte dos profissionais que estão se formando. Diferentemente das primeiras escolas de Serviço Social criadas no Brasil com apoio e influência da igreja católica, a escola de Uberlândia não teve apoio desta instituição religiosa, uma vez que esta esteve nesta época envolvida e participando ativamente da criação da UFU. De qualquer forma, mesmo não tendo o apio formal

---

31 Depoimento gravado com Ana Virgilina de Paula em 10-06-1998.
32 UNIT. Serviço Social 25 anos. **Serviço Social em Revista**, Uberlândia, 1: 1, 1997, p.9.

da igreja católica, o assistencialismo, que é praticado tanto por esta religião quanto pelas demais, não deixou de ser marca da Escola de Serviço Social em Uberlândia.

> (...) "Não, não não... Não, teve o é, um ou outro era o Sr. 'Anônio', não é? Que era o Cônego 'Afonso', o Sr. 'Antônio Afonso', e via com muita simpatia! Tá? E, mas eles estavam foi o momento em que a Universidade estava se construindo também, e a universidade parece que chama mais atenção."[33]

Apesar de Eloah ter sido hóspede num pensionato de religiosas no período em que cursou Pedagogia na PUC de São Paulo, sendo sua formação "Católico Aristotélico Tomista" e tendo estudado aqui em Uberlândia no Colégio Nossa Senhora das Lágrimas (ou Colégio das Irmãs como é mais conhecido), a sua formação religiosa, conforme seu depoimento, não parece ter influenciado na opção pela criação justamente de um Curso de Serviço Social nesta cidade.

> (...) "Certo. Mas eu não procurei... (ajuda da Igreja) Parece que num falou alto não (a sua formação), só se foi inconsciente. (...)Ligou! Ligou o que eu sou e a minha, a minha, transparência e tudo, mas não foi nada intencional não! Porque eu não procurei a ação católica mas agora, (...) mas eu já não mais fiquei ligada a nenhuma, entidade cristã não. Não deu tempo! Se esqueceu ou, a Universidade era muito sedutora na época, porque a Universidade, só o nome já é maior que, nós particular, né? É, ganhava-se bem um professor da Universidade, né?(...) Incomodou pouco o aspecto religioso, tinha o 'Armando Bonilha', que é pastor, ele é pastor mas quando ele estava dentro da escola parece que o aspecto cognitivo é que sobressaía, porque ele dava 'Estudo dos Problemas Brasileiros' e ele tinha uma experiência que nós outros não tínhamos(...) O aspecto religioso eu nunca percebi que tomava um colorido maior, evidência não, era mais o aspecto cognitivo mesmo, acredito que não se separe uma coisa de outra, deve ter passado, mas não me chamou atenção."[34]

Novamente temos a confirmação de que não houve nenhuma ligação com a Igreja, seja católica ou evangélica, mesmo através dos professores. O que percebemos foi sim uma pontinha de ciúmes, (não mágoa), que havia em relação à UFU outrora emergente, e que anulava possibilidades de participação e apoio de alguns setores e autoridades junto àquela instituição educacional de caráter particular. Federal, na época, era sinônimo de grandeza e autonomia, sem dizer gratuidade e maior valorização no mercado de trabalho para os profissionais ali

33 Depoimento gravado com Eloah Mariza de Menezes em 12-05-1998.
34 Depoimento gravado com Eloah Mariza de Menezes em 12-05-1998.

formados e/ou inseridos. Isto pesava, apesar de a Universidade Federal de Uberlândia não oferecer (passado e presente) o mesmo curso em concorrência com a ABRACEC. Este aspecto fica muito claro no seguinte depoimento:

> "Num é tanto disputa de atenção porque nós também éramos envolvidos (...)da Universidade. Fomos os colaboradores para que se fizesse o primeiro bingo, a implantação da Medicina quando lá no Umuarama era apenas grama, lembro direitinho. Meu ex-marido 'Antonio Macedo' que foi um dos principais idealizadores da Faculdade de Serviço Social, ele, trouxe o pessoal do MEC, que na época foi de uma ação fundamental pra conseguir uma verba para a Filosofia, Faculdade de Filosofia, e nós tivemos eles, a Faculdade de Ciências Econômicas por seis anos no nosso prédio, cedido quase gratuitamente por que era uma importância irrisória, irrisória! Porque eles pagavam o que o 'Antônio' revertia pro D.A., o que qual era a nossa posição então? Nós éramos todos esperançosos e torcedores que a Universidade se eclodisse mesmo, se estruturasse, se construísse porque nós estávamos pensando em Uberlândia, tá? Como nós fizemos anos atrás, um movimento pra nascer o anexo! Que nós saímos de, a 'Geraldo Guimarães', eu outros professores 'Sanclear', então mesmo com uma escola particular nós viemos dar aula de graça, aqui onde era a LBA, e hoje é um departamento da Prefeitura perto do correio, pra poder dar aula à noite, de graça, porque nós tínhamos que pra arregimentar aluno, nuclear alunos aí, porque nós tínhamos que provar pro governo estadual que Uberlândia precisava de mais escola estadual e ele dizia que não! Na época não dava conta. Quer dizer, nós estávamos empenhando na educação, talvez nós tenhamos tido muitos defeitos, mas eu acho essa atitude muito, muito de cidadãos mesmos, nós estávamos preocupados com a educação, temos muitos defeitos, mas eu acho muito interessante até não me dei conta, a não ser que eu descrevesse, que a gente era empolgado com escolas dentro de Uberlândia, queríamos que Uberlândia avançasse, e lutamos pela Universidade várias vezes, não é? Corria com bingo e tudo olha você vê, sustentar a escola na nossa, no nosso prédio, nos apertando, como foi Ciências Econômicas por mais de seis anos, irrisoriamente porque o Dr. 'Juarez Altafin' já estava lá com a Dona 'Lia', a Dona 'Lia' emprestou... Porque a Universidade nasceu da boa vontade dos uberlandenses! Só, porque o poder público Federal não ia fazer não! Então nós éramos uberlandenses e nós estávamos é, ao mesmo tempo acudimos a UFU e acudimos aqui! Mas por exemplo, num é disputa de atenção não, mas se eu mandasse uma matéria, pra TV Globo difundir sobre o vestibular de Serviço Social o, num vale citar o nome, o jornalista da época, ele estava seduzido pela universidade, ele dava notícia da Universidade, mas a minha ele não dava não, tá? A esposa dele vinha prestar Serviço Social ele, a noiva dele, ele demolia ela dessa idéia, e convencia ela de fazer um vestibular de Artes, e não um vestibular de Faculdade de Serviço Social, ela compareceu o primeiro dia, e depois foi pra Artes, quer dizer, mudou-se de idéia ela num queria estudar na ABRACEC, ela queria estudar na Universidade! Dá mais status! Entendeu?"[35]

35 Depoimento gravado com Eloah Mariza de Menezes em 12-05-1998. Acrescentando um pouco mais a este debate, reproduzimos no ANEXO 7 uma carta denúncia escrita pelos(as) alunos(as) da ABRACEC, dirigida aos diretores da Associação Nacional dos Assistentes Sociais – ANAS, por ocasião de um Encontro deste órgão realizado em 1987. A mesma foi encontrada nos arquivos do Conselho Regional de Serviço Social – CRESS 6ª Região em Uberlândia e, ao que tudo indica, visava contribuir em favor da discussão sobre a possibilidade de federalização do Curso de Serviço Social que funcionava naquela instituição educacional de caráter particular. No entanto, consideramos que o teor da carta era muito mais de denúncia da má qualidade e da exploração do que um apoio à idéia da federalização. Não sabemos afirmar se estas denúncias contidas na carta foram levadas ao Encontro.

Assim como em São Paulo, a primeira turma do curso de Serviço Social de Uberlândia, iniciado em 1972, era composta por mulheres. A diferença é que, se lá eram "jovens" aqui eram "senhoras", apesar de serem lembradas e homenageadas nos dias atuais, como as "meninas rebeldes"[36]. E estas, com o passar do tempo, realmente vieram cedendo seus lugares "às filhas da classe média ou dos trabalhadores urbanos"[37], já que, diferentemente da primeira turma de São Paulo, eram pertencentes à classe dominante. Estas mesmas meninas rebeldes foram descritas pela própria Eloah como "senhoras que eram bem situadas na vida, com poder aquisitivo alto"[38]. Resta questionar, por exemplo, o que estariam esperando de um curso de Serviço Social as "senhoras rebeldes", "bem situadas na vida" e "com poder aquisitivo alto". Nesse sentido, conforme nos leva a supor Marilza Helena Betanho, que veio da PUC de São Paulo e atuou como professora na ABRACEC a partir do início da década de 80,

> (...) "o pessoal falava na escola que os cursos que a FIT, que na época a ABRACEC colocava eram cursos dirigidos é, praquelas pessoas que tinham dinheiro pra pagar... e que não tinham muito o que fazer não, na realidade não era voltado pro mercado de trabalho efetivamente, tanto é que os cursos eram Letras, Pedagogia, tá? E aí o Serviço Social."[39]

Já de acordo com Ana Virgilina de Paula, que também veio de fora (UNAERP - Ribeirão Preto), e que foi uma das primeiras professoras do curso,

> (...) "60% aderiam às aulas, aceitavam, procuravam participar, mas uns 40%... ora displicente, negligente, ora assim, atrevidos!...Mas então 60% tinham realmente interesse e estavam querendo, estavam estudando pra trabalhar...(...)Era porque gostava e queria trabalhar, dentro do Serviço Social,(...)
> *Entrevistador*: ...Porque todo mundo fala que antigamente a ABRACEC é, só estudava o pessoal da classe média alta, quem tinha dinheiro pra pagar...
> *Depoente*: Mas elas queriam...(...)Pelo menos obter conhecimento...
> *Entrevistador*: ..Certo, e eram assim, muito jovens... ou eram mais...
> *Depoente*: ...De médio pra cima, de uma idade de 20 a 40..."[40]

---

36 UNIT. Serviço Social 25 anos. **Serviço Social em Revista**. Uberlândia, 1:1, 1997, p.3.
37 ESTEVÃO, Ana Maria R. **O Que é Serviço Social**. São Paulo: Coleção Primeiros Passos, Editora Brasiliense, 1988, p. 69.
38 UNIT. Serviço Social 25 anos. **Serviço Social em Revista**, Uberlândia, 1: 1, 1997, p.17.
39 Depoimento gravado com Marilza Helena Betanho em 14-05-1998.
40 Depoimento gravado com Ana Virgilina de Paula em 10-06-1998.

São duas visões diferentes. Uma que ouviu dizer, outra que viu e sentiu realmente.

Por outro lado, sendo que as primeiras alunas eram esposas de empresários, médicos, comerciantes e outros, isso nos leva à idéia de que poderia haver uma certa reciprocidade na troca de atenções e interesses entre os cônjuges. Principalmente por parte dos maridos com relação ao objeto de estudo das esposas. Ou seja, se *"elas tinham o cuidado de não dividir a atenção deles, mas de recuperar o seu interesse pelo que elas estavam fazendo"*[41], isso é um indício de que o argumento utilizado pelas "meninas rebeldes" bem poderia ser no sentido de demonstrar as possibilidades reais de aproveitamento do trabalho dessa "próspera" categoria profissional, seja para melhorias no aspecto urbano da cidade, por exemplo, que por sua vez traria grandes retornos seja no sentido econômico, seja naquilo que os incomodava visualmente (limpar das ruas mendigos, meninos de rua, pedintes, etc.), seja ainda no aspecto caritativo (ficar com a consciência limpa por ter contribuído ou 'assistido' de alguma forma as desgraças alheias).

De acordo com uma outra fala de Eloah:

> "(...)e fizeram terrorismo comigo, 'cuidado com Assistente Social!' Era regime Garrastazu Médice, heim?! 'Cuidado com Assistente Social, elas entram e, e levantam todo operariado numa fábrica, numa empresa(...)' subversivo, não é? Tal tal, aquele terrorismo, eu falei: 'pode deixar'(...) Eu avisava, falei: 'Vamos ver porque nós temos que olhar nosso método, porque nós temos que, fazer a coisa bem sem dar alarde de subversão. Vamos ver, nós queremos o benefício, nós não estamos nem... é apolítico até certo ponto, não tem jeito de tá apolítico, ninguém é neutro, mas vamos ver o que a gente faz ou o melhor para o nosso funcionário, não é? O funcionário de uma empresa'. Fazer nós queríamos... o político estava longe nesse sentido que eles estavam querendo, porque nós queríamos, quer saber? O empresário ver melhor a situação do empregado, cientificamente, sabe? Que já estava saindo de dentro da política, mas nós não colocávamos o aspecto político, é seria, a política empregatícia, sabe? Antes de ser a política governamental."[42]

Podemos perceber o porquê, talvez, de as componentes da primeira turma, terem ficado conhecidas como as "meninas rebeldes". Nota-se em tal depoimento uma certa nostalgia, uma certa empolgação que, conforme ela mesma nos remete a pensar, as ex-estudantes estariam ávidas por provocarem mudanças favoráveis aos

41 Depoimento gravado com Eloah Mariza de Menezes em 12-05-1998.

trabalhadores e esperançosas de até mesmo poderem conscientizá-los criticamente com relação ao seu papel dentro do sistema capitalista num governo ditatorial no período. No entanto, sabe-se que nem todas as ex-futuras profissionais, prestes a entrarem no mercado de trabalho, pensavam desta mesma maneira, tanto é verdade que tal realidade dúbia é até hoje característica dentro do curso. Ela continua:

> (...) "e, havia também a preocupação de que era muito perigoso ter-se uma escola, a nível de social de questionamentos porque Assistente Social, quando me colocaram era uma profissional que, levantava questões sociais e de empregados, e não dava conta das revoluções que aconteciam dentro das empresas."[43]

Por outro lado, ela diz:

> (...) "Eu fui tendo contato com boas assistentes sociais e as idéias foram se formando. Os empresários locais ajudaram, angariando forças para que o curso viesse para nossa terra."[44]

Um dos aspectos contraditórios entre as entrevistas é com relação à classe empresarial. Num primeiro momento, nota-se que havia uma certa resistência, um certo medo de que esses novos profissionais pudessem levar os trabalhadores a irem contra o sistema vigente na relação patrão/empregado. Posteriormente, ela já diz que foi a própria classe empresarial que ajudou a "angariar forças para que o curso viesse para nossa terra". Isto se explica melhor quando ela mesma, em um segundo depoimento, esclarece que:

> (...) "ao mesmo tempo, outra definição distorcida, apareceu e anulou, essa e, outra informou que a gente foi em busca de verdade, a outra dizia que Assistente Social era a moça boazinha que o governo pagava pra ter dó dos pobres, né? E dos mal empregados. Foi bom que as duas crendices os dois, os dois conceitos mal formulados apareceram mais ou menos ao mesmo tempo, um anulou o outro e a gente pôde trabalhar em prol de uma maior cientificidade, de pesquisar e, e analisar o que é método(...)"[45]

Não precisamos ir tão longe para percebermos no que deu tanta expectativa. Basta tomarmos contato com o relatório realizado em 1992, por ocasião dos 20 anos

---

42 Depoimento gravado com Eloah Mariza de Menezes em 09-02-1996.
43 Depoimento gravado com Eloah Mariza de Menezes em 12-05-1998.
44 UNIT. Serviço Social 25 anos. In: **Serviço Social em Revista**, Uberlândia, 1: 1, 1997, p.16-17.

de existência do curso nesta cidade, ao descrever o "perfil do aluno". A respeito disto estaremos falando e detalhando melhor a partir do segundo capítulo, que tratará da formação dos Assistentes Sociais pela ABRACEC.

Adiantamos somente que a falta de "consciência crítica" de boa parte dos próprios alunos do curso, como foi constatado na pesquisa, retrata bem as características dos futuros profissionais, principalmente quando muitos deles não sabem nem o porque de estarem fazendo o curso de Serviço Social. A preocupação dos mesmos em simplesmente conseguirem um diploma, pensando obter desta maneira melhores chances no mercado de trabalho, retrata uma situação que era geral (e ainda é) naquele momento, no que diz respeito aos problemas sociais, políticos e econômicos do país e, em particular, da cidade de Uberlândia.

Houve determinado momento em que estas questões que envolviam a falta de compromisso por parte dos alunos, futuros profissionais, começaram a ser pensadas e discutidas. Desconfiamos que talvez o exemplo que os próprios professores estavam dando, ação e consequência das suas más condições de trabalho enquanto docentes, fosse a causa principal da falta de envolvimento dos alunos no curso. Esses mesmos professores começaram a pensar a escola de maneira diferente, valendo ressaltar que houve atrito com a direção da escola na época: baixos salários; um curso que só exigia a presença do professor para dar aulas em determinado turno, o que ao mesmo tempo permitia e obrigava o profissional a ter outras ocupações fora dali para aumentar sua renda; o descompromisso da escola com a educação, quando não era de seu interesse investir na melhoria do Curso, etc. Tal crise interna deveu-se, no entanto, ao fato de que a escola foi perdida numa mesa de jogo pelo Sr. Antônio Macedo. A partir desta informação, verificamos que não foi exatamente em 1989 que houve a passagem de uma diretoria para outra e nem tampouco isto se deu de maneira tranquila.

Um outro aspecto que pode ser discutido a partir dos depoimentos, sejam os contidos na "revista" ou os concedidos exclusivamente para esta pesquisa, é com

45 Depoimento gravado com Eloah Mariza de Menezes em 12-05-1998.

relação ao ufanismo que envolvia (e ainda envolve?) a cidade de Uberlândia. Vários trabalhos já foram realizados[46] no sentido de esclarecer pontos obscuros de alguns discursos, principalmente de celebridades desta cidade, os quais nos levam a imaginar que aqui seja uma *"ilha de prosperidade no mar de crise brasileira"*; uma cidade *"que empresta ao País um modelo de eficiência e que cumpre a parte que lhe cabe na tarefa da construção de uma Nação mais justa para todos(...)"*[47]. O atual prefeito da cidade de Uberlândia, Virgílio Galassi, do qual tomou-se emprestado a fala citada anteriormente, é o melhor exemplo saído das elites da referida cidade, cujos discursos têm a *"capacidade de tecer uma rede dissimuladora das contradições"*[48] aqui existentes. Nos próximos capítulos tentaremos estabelecer alguns aspectos relacionados à formação e à prática profissional da categoria a qual estamos historiando.

---

46 Ver os seguintes trabalhos:
ALEM, João Marcos. Representações coletivas e história política em Uberlândia. **História & Perspectivas**. Uberlândia: n°4, jan./jun., 1991, p.79-102.
MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Op. cit.**
RODRIGUES, Jane de F. Silva. **Trabalho, Ordem e Progresso:** uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense. O setor de serviços. 1924-1964. São Paulo: USP, 1989. (Dissertação, Mestrado).

47 GALASSI, Virgílio. "Editorial". In: **Revista Documento**. Uberlândia: s/n, Interglobo, 1992, p.5 apud CARVALHO, Carlos H. de. "Da Delinqüência à Criminalidade (uma análise do discurso sobre a problemática do menor em Uberlândia 1980-1992)". **História & Perspectivas**. Uberlândia: n°10, jan./jun. 1994, p.117.

48 CARVALHO, Carlos H. de. **Op. cit.** p.116.

3 - FORMAÇÃO CURRICULAR

Quando se cogitou criar o curso de Serviço Social em Uberlândia, simplesmente não se teve uma preocupação inicial com a problemática curricular. Conforme depoimento citado anteriormente (página 4 do Capítulo I), isto se justificou porque, como na época existia a Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social - ABESS, órgão encarregado dos currículos, só mais tarde é que houve os primeiros contatos com algumas Assistentes Sociais do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Ribeirão Preto entre outros, muitas das quais posteriormente convidadas a preencherem o quadro de professores exigido pelo Ministério da Educação e Cultura. Convite que firmava-se em contrato, pelo menos até que o curso fosse reconhecido.

Estes primeiros contatos, que podem ter durado até três anos antes da data de criação do Serviço Social em Uberlândia, tiveram grande participação na formulação da primeira grade curricular. Além da UFRJ, disciplinas curriculares e experiências de outras faculdades, como a UNAERP (Universidade e Associação de Ensino de Ribeirão Preto), PUC de Belo Horizonte e de São Paulo, foram utilizadas como exemplo, na busca de um consenso para agrupar as matérias que melhor pudessem servir aos anseios e necessidades da clientela discente e comunitária desta cidade.

No entanto, naquele primeiro momento, o que importava realmente era resolver a burocracia imposta pelo MEC, objetivando suprir o estritamente necessário dentro das suas exigências. O currículo definido por este órgão governamental[50], quando da implantação do curso de Serviço Social em Uberlândia, compunha-se basicamente das seguintes disciplinas:

---

50 ÁVILA, Fernando Bastos de. **Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo**. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1967, p.38.

1-Serviço Social Geral	12-Antropologia
2-Serviço Social de Casos	13-Ética
3-Serviço Social de Grupo	14-Metodologia
4-Organização e Desenvolvimento Comunidade	15-Higiene Social
5-Serviço Social Médico	16-Estatística
6-Serviço Social do Menor	17-Pesquisa
7-Serviço Social de Família	18-Princípios Psico-Pedagógicos
8-Serviço Social do Trabalho	19-Direito Penal
9-Psicologia da Personalidade	20-Direito Civil
10-Psicologia Social	21-Legislação Trabalhista
11-Sociologia	22-Política Social
	23-Economia

De acordo com a publicação comemorativa dos 20 anos do curso, as informações sobre a formação profissional nos indica que, de maneira geral,

> (...)"sua proposta de ensino SEMPRE buscou viabilizar uma formação profissional adequada, com uma visão crítica da realidade, o favorecimento do aprendizado da prática do Serviço Social de forma globalizante, permitindo a análise das alternativas de ação em face da realidade.
>
> Empenhada em seu trabalho de formação profissional, a Faculdade recebeu amplo apoio da comunidade uberlandense e, paulatinamente, foi conquistando espaço de trabalho oferecido pelas instituições da comunidade, mediante convênios para a implantação da prática profissional, e, já em 1974, eram em número de treze os campos de estágios.(...)
>
> Sucederam-se algumas alterações curriculares, sempre com o propósito de dinamizar a aprendizagem."[51]

Considerando tal proposta, bem como os objetivos a serem buscados, observamos o registro de 2 grades curriculares[52] que vigoraram na ABRACEC entre 1972 e 1989, que sistematizamos da seguinte maneira:

---

51 **Trajetória do Curso de Serviço Social – 20 anos**, relatório realizado pelos Departamentos de Serviço Social e de Ciências Sociais. Faculdades Integradas do Triângulo - FIT, maio de 1992.

52 No quadro que se segue, as matérias oferecidas que estão grifadas não estavam entre as exigidas pelo MEC para este curso.

GRADE CURRICULAR DE 1972 A 1987	GRADE CURRICULAR DE 1985 A 1993
1972 a 1984 – 1°. ANO 3ª Turmas noturnas e 1ª diurna. Não consta carga horária de cada disciplina	**1985 a 1990 - 1°. ANO** Não consta o número de turmas.Direito segue carga horária correspondente
• Teoria em Serviço Social • Noções de Público e Privado • introdução à Economia • Sociologia • Psicologia • Estudos dos Problemas Brasileiros • Filosofia Social • Português • Educação Física	• História do Serviço Social (108) • Estatística (108) • Economia (72) • Sociologia I (108) • Psicologia (72) • Métodos e Técnicas de Pesquisa (108) • Filosofia (72) • Comunicação e Expressão (72) • Educação Física (72)
1973 a 1985 - 2°. ANO 3ª Turmas noturnas	**1986 a 1991 2°. ANO** Segue carga horária correspondente
• Cultura Religiosa • Higiene e Medicina Social • Pesquisa Social • Legislação Social • Estudos dos Problemas Brasileiros • Antropologia • Psicologia Social • Estatística • Metodologia do Serviço Social • Educação Física	• Sociologia II (72) • Pesquisa em Serviço Social (108) • Formação Social e Política do Brasil (72) • Antropologia (108) • Psicologia Social (108) • Metodologia do Serviço Social I (72) • Coordenação Trabalho de Campo - C.T.C. (108) • Teoria do Serviço Social (108)
1974 a 1986 - 3°. ANO 3ª Turmas noturno	**1987 a 1992 - 3°. ANO** Carga horária correspondente
• Serviço Social de Casos • Serviço Social de Grupo • Serviço Social de Comunidade • Administração em Serviço Social • Psicopatologia e Comunicação • Coordenação e Supervisão de Estágios • Ética Profissional • Educação Física	• Política Social (108) • Metodologia do Serviço Social II (144) • Direito e Legislação Social (108) • Psicopatologia (72) • Planejamento Social I (108) • Ética Prof. Serviço Social II (108) • Teoria do Serviço Social II (108) • Projeto Investigação e Pesquisa - PIP (108)
1975 a 1987 - 4°. ANO 3ª Turmas noturno	**1988 a 1993 - 4°. ANO** Segue carga horária correspondente
• Serviço Social de Casos • Serviço Social de Grupo • Serviço Social de Comunidade • Política Social • Planejamento Projetos Serviço Social • Síntese de Serviço Social • Assessoria de Projetos em Serviço Social • Educação Física	• Estudos dos Problemas Brasileiros (72) • Metodologia do Serviço Social III (108) • Administração em Serviço Social (108) • Política Social II (72) • Planejamento Social II (72) • Desenvolvimento de Comunidade (108) • Supervisão em Serviço Social (72)

FONTE: Relatório Unit – Centro Universitário do Triângulo

Infelizmente encontramos somente o registro das ementas disciplinares da grade implantada a partir de 1985, as quais estão inteiramente reproduzidas no ANEXO 2. Observamos também que as matérias que fizeram parte do currículo da ABRACEC em caráter de enriquecimento (grifadas no quadro), e que

posteriormente passaram a ser regimentais, foram fruto de muitas discussões e muitos questionamentos, conforme nos relata uma depoente:

> (...)"nós estávamos questionando o porque e o para quê de cada disciplina! Mas é no começo e um questionamento desse, desse jeito lá na, na escola ele não é feito em dois, três meses, principalmente quando a escola tá nascendo(...)"[53]

Na realidade, não havia ninguém com experiência suficiente para levar avante tal empreendimento. Havia sim boa vontade, entusiasmo e orgulho por parte daqueles(as) que estavam iniciando o Serviço Social em Uberlândia. Com esse espírito é que foi criado em 8 de abril de 1974 o Departamento de Serviço Social, órgão interno à Instituição, cujo objetivo principal era dar suporte à direção da Faculdade de Serviço Social. Em seu desdobramento encontrava-se o Setor de Estágios[54], cuja finalidade era coordenar as práticas desenvolvidas pelos graduandos.

Após 1975, de acordo com SÁ[55], houve a preconização de um modelo curricular cuja proposta estava voltada para a "mudança social" ou a "transformação da sociedade". O referencial teórico-crítico que envolvia tal modelo vinha acrescentar à formação profissional uma série de questões fundamentais para as quais a ABRACEC não atentou devidamente. Isto talvez tenha se dado pelo fato de que aqui o curso de Serviço Social estava ainda no seu início. Consideramos que

---

53 Depoimento gravado com Eloah Mariza de Menezes em 12-05-1998.

54 O Setor de Estágios funciona até os dias de hoje basicamente com as mesmas características: O estágio supervisionado é parte integrante do Currículo da Graduação que, por sua vez, é atividade obrigatória para obtenção do grau respectivo; deve proporcionar ao aluno oportunidade de desenvolver sua capacidade profissional, sob a direta supervisão crítica e orientadora do supervisor de campo, o qual também deve dar orientação para o trabalho de conclusão do curso, uma espécie de monografia, condição essencial à expedição do diploma de graduação. O estágio supervisionado é realizado em situação real, de acordo com o Plano de Ação específico aprovado pela Coordenação do Setor de Estágios à qual se vincula, podendo utilizar quaisquer estruturas institucionais, do nível específico, sediada no Município e região de abrangência da referida Faculdade (hoje Universidade). A implantação do campo de estágio necessita, como condição essencial, de um profissional de Serviço Social na Instituição solicitante e de um Termo de Convênio das partes.

55 SÁ, Jeanete L. Martins. **Conhecimento e Currículo em Serviço Social**: análise das contradições (1936-1975). São Paulo: Cortez, 1995.

uma destas questões tenha sido a pouca preocupação com a base epistemológica da organização curricular numa proposta que pretendia ser "crítica, criadora e transformadora". Conforme trecho de depoimento citado anteriormente (pág. 17), Eloah confirma que as preocupações reais eram bem outras. Nesse sentido, durante pelo menos até a próxima reestruturação curricular que ocorreria por volta de 1984, concordamos com SÁ quando ela aponta para as tendências e contradições que vão persistir nas escolas de Serviço Social a nível de Brasil e que inclui logicamente o curso de Serviço Social da ABRACEC:

- a convivência pacífica de conceitos contraditórios, sem que os agentes da formação profissional dela se apercebam;
- a reprodução destes mesmos conceitos principalmente na relação entre teoria e prática;
- a fragmentação do conhecimento devido ao currículo compartimentado;
- a distância das escolas em relação aos problemas sociais concretos;
- a tendência a hipostasiar a realidade;
- a persistência em se desviar do conhecimento diante da análise histórica que não mostrava saídas;

Nesse sentido, optamos por dar um tratamento mais aprofundado aos rumos tomados pelos estagiários, bem como à orientação recebida por estes ao estarem nos campos de trabalho. Pois é exatamente através dos relatórios de estágios que podemos perceber e confirmar as tendências e contradições acima descritas. Esta opção ainda se deve à falta de dados relacionados às ementas da primeira grade curricular, o que nos impossibilita tecermos comparações entre ambas. Em segundo lugar devido à memória dos depoentes, cujos relatos das suas atividades em sala de aula são impossíveis de serem filtrados dos seus conhecimentos adquiridos após o período delimitado para esta pesquisa, fator este que levamos em consideração por se tratar da história de um curso, abordado somente dentro de determinado espaço de tempo. Em terceiro e último lugar por concordarmos ser mais conveniente estabelecer os caminhos que antecederam a sua prática profissional, a qual

acreditamos ser fruto de sua formação. Tentando encontrar os caminhos por que passou então o setor de estágios, temos o seguinte relato:

> (...) "a 'Bernadete Mattar' comigo no Departamento de Estágio, nós montamos os formulários, a seqüência de atividades, a programação, os seguimentos a serem realizados por aquela antiga Assistente Social do Rio 'Maria Amélia Aroso', que colocou nas minhas mãos um tipo de manual para o estágio, que tinha algumas regras assim... 'Zulmira de Freitas', Assistente Social da nossa cidade formada aqui, simplificou esse manual depois, e a gente tinha ali pelo menos os primeiros passos, porque nós éramos inexperientes. A primeira vez que nós estávamos numa escola não tínhamos modelo nem vícios para copiar, nós construímos a faculdade! Não é? E todos os nomes que estão inclusive que, merecem muito ser ditos que você tem aí no seu documento. E esses todos, cada um com a sua contribuição, todos que começaram, dos quatro primeiros anos principalmente, quatro cinco anos, depois aí foi outra fase rica, depois de quatro anos porque as nossas melhores alunas continuaram vinculadas à escola e davam aulas. Não por ser mais econômico, pagava a mesma quantidade, pagava a mesma coisa que pagava para um titular! Pouca diferença eu acho. Mas o interesse, a empolgação era muito grande, porque dentro de Uberlândia, a Faculdade de Serviço Social tinha orgulho de fazê-la melhor do que qualquer outra. Recebíamos elogios de Goiânia, de Ribeirão, de Belo Horizonte, e nosso departamento de estágio começou a destacar."[56]

Uma outra professora, que iniciou sua atuação na escola por volta de 1981, assim se refere à prática dos estágios:

> (...)"eu não sei como é que era nessa época, na época que eu entrei, era uma pessoa que chamava 'Zulmira' a coordenadora do Departamento de Estágio, e existia uma orientação, acho que essa questão de ter um manual, era porque não tinham profissionais no campo de estágio, eu por exemplo, eu atuei, quando eu fui convidada para supervisionar estagiário, estágio era obrigatório, o aluno só podia se formar se ele fizesse estágio, bom e aí não tinha campo de estágio, onde é que tinha Assistente Social, então a Escola *'Olha, então vamos ver creche?' 'Vamos', 'Quem é que pode ficar na creche?'* E aí eu supervisionei então, três estágios de creche, mas eu fui para creche fiz um trabalho voluntário! tá? Porque eu achava um absurdo! Eu, nunca ter ido numa creche, supervisionar estágio de aluno que estava lá na creche, e isso acontecia antes, tá?..."[57]

Ao analisarmos tais depoimentos, e ainda o trecho citado do histórico elaborado em 92, podemos perceber que em 1974 não poderia haver já 13 campos de estágios, sendo que o primeiro e único registro de TCC – Trabalho de Conclusão de Curso realizado por um aluno daquela instituição na área de Serviço Social foi o

---

56 Depoimento gravado com Eloah Mariza de Menezes em 12-05-1998.
57 Depoimento gravado com Marilza Helena Betanho em 15-05-1998.

único naquele ano e ainda assim realizado prematuramente, pois se a duração do curso era de quatro anos, de acordo com a antiga grade curricular (ver no quadro página 24), e se o curso foi realmente criado em 1972, o correto seria que o primeiro relatório de estágio fosse entregue então, no final do ano de 1975. Pelo que foi compreendido dos depoimentos e das leituras realizadas sobre a prática de estágios, para que exista um determinado campo para a prática desse trabalho deve haver um profissional já formado em Serviço Social atuando ali, para dar as orientações corretas e da melhor maneira possível aos estagiários. Isto, de acordo com Marilza, não acontecia na época em que ela entrou para aquela instituição (por volta de 1981) e, como podemos pressupor, essa possibilidade não existia, muito menos no seu início. A fala de uma terceira depoente, atuante no início do curso como docente, nos dá uma idéia da situação do professor daquela faculdade particular no mercado de trabalho:

> (...)"Eu dava aula de quatro matérias na ABRACEC, trabalhava na ICASU como Assistente Social, trabalhava na 'Daiwa' e dava supervisão em quatro lugares (...)eu trabalhava das sete da manhã às onze da noite!(...) eu saía do SENAC e ia dá aula na faculdade, saía quatro horas, dava aula das quatro às cinco e meia(...) No Senac eu trabalhava da uma às quatro, de manhã eu trabalhava na 'Daiwa', (...)ICASU foi antes, eu saí lá da ICASU e fui pra 'Daiwa'."[58]

Desta forma, acreditamos ter havido a supervisão nos estágios por parte de alguns professores, mas colocamos em dúvida a seriedade e o acompanhamento correto do trabalho dos estagiários. Concordando que a não dedicação exclusiva, os baixos salários, e o cansaço provocado pelo desgaste nos diversos empregos que os professores eram "obrigados" a ter, por necessidade financeira, podem ser indicativos de desinteresse, justificado por parte dos mesmos, em estarem cobrando e orientando bons trabalhos. É claro que não podemos generalizar, considerando que em qualquer área sempre existiram bons e maus alunos, bons e maus

58 Depoimento gravado com Ana Virgilina de Paula em 10-06-1998.

professores. Da mesma maneira, há indícios de que houve diversas fases por que passou o Curso de Serviço Social na ABRACEC e esta característica não deve ter acompanhado homogeneamente o Curso durante todo o período que estamos abordando.

É verdade que o trabalho de orientação e/ou supervisão dos estágios se dava de forma voluntária até determinado momento da história do Curso. Não sabemos indicar, no entanto, a partir de quando os docentes passaram a ser remunerados para atuarem nestas funções, o que os livraria também da necessidade de exercerem cargos em outras empresas. Ao que tudo indica, as discussões travadas em torno desse assunto iniciaram-se bem antes da implantação da nova grade curricular. Começou a haver um questionamento por parte dos Assistentes Sociais com relação à sua *"função social em termos do significado político de seu trabalho no contexto das relações sociais"*[59]. Essa mobilização ocorre principalmente no final dos anos 70 e início da década de 80, quando a inflação, juntamente com a redução dos salários, atingia especialmente os trabalhadores. É em meio a essa conjuntura nacional que também o curso de Serviço Social em Uberlândia, através dos seus professores e alunos, começa a discutir e questionar a qualidade e a perspectiva da formação que então estava sendo oferecida.

Houve alguns rumores, na primeira metade da década de 80 em Uberlândia, que são muito interessantes: o Sr. Anônio Macedo teria perdido a escola numa mesa de jogo. Esta informação passou a ter importância para o entendimento de uma fase de transição por que passou a ABRACEC. Não nos ocorreu que em 1989 tenha se dado pacificamente a passagem de uma diretoria para outra. Mas o nosso pressuposto inicial era que os conflitos tivessem sido mínimos, mesmo porque durante os depoimentos, em nenhum momento Eloah, a quem consideramos um dos

59 CARVALHO, A. M. P.; BONETTI, D. A.; IAMAMOTO, M. V. "Projeto de investigação: a formação profissional do assistente social no brasil – Determinantes Históricos e perspectivas". **Serviço Social & Sociedade,** nº 14, ano V, abril/1984, pág. 108-109.

sujeitos fundamentais na implantação do Curso, ex-exposa de Antônio Macedo, fez referência a estes acontecimentos passados.

Sabendo que a ex-professora Marilza entrou na escola em 1981, e ela alega já haver naquele período alguns conflitos entre os docentes e a diretoria, acreditamos que 1989 tenha sido somente o abrandar de uma crise interna que teve seu início bem antes. Conforme ela mesma nos conta,

> (...)"a Eloah era uma pessoa enquanto ela tava à frente da Faculdade, que ela segurava muito as coisas, a partir do momento que ela saiu o que aconteceu? As pessoas que assumiram, o interesse delas era meramente comercial(...) E eram irmãos, tá? (...)assim, nessa época o 'Ildeu' é que assumiu a direção, esses irmãos deixaram, tá? Ficou na mão dele só, (...)eles tinham, era muito interessante a relação de trabalho, a relação eu me lembro que a gente sentava para fazer reuniões, e era tipo assim *'Olha, eu não faço porque, a hora que a justiça vier aqui eu pago o INPS que estou devendo de vocês, eu recolho o FGTS, não me interessa isso agora'*, tá?"[60]

Eloah deve ter os seus motivos para não querer tocar no assunto. Motivos pessoais, éticos, com certeza dolorosos. Mesmo se não podemos confirmar tal boato, o mesmo não deve ficar omitido num trabalho de História, já que é indício de provocação das várias situações de crise, e muitas delas, inclusive, podem ter favorecido para que ocorressem mudanças positivas no curso de Serviço Social de Uberlândia. Os docentes daquela instituição, pelo que tudo indica, ficaram mais unidos na luta por melhores condições de trabalho, assim descritas pela própria Marilza:

> (...)"na época que a gente trabalhou a reformulação da grade curricular, a gente percebeu, mais do que nunca, que não dava para a escola ter só o professor à noite, tá? Que ele tinha que ter uma remuneração que permitisse que ele tivesse lá, durante o dia! Planejando, juntos, pesquisando, certo? Porque não dá para fazer ensino de outra forma. A gente via um campo enorme de ação concreta mesmo, que a Faculdade poderia estar abrindo (...)Que seriam projetos de pesquisa, que seriam campos de estágio próprios da escola, e a escola não tinha interesse porque isso implicava em investir, não é? E eles não queriam investir, e aí teve um grupo de professores que saiu, eu fui uma professora que fiquei durante um tempo porque eu estava grávida na época, aí terminou meu período e eu fui mandada embora no final do ano, porque eu era uma pessoa assim, que eu falava mesmo e, isso eu já

60 Depoimento gravado com Marilza Helena Betanho em 14-05-1998.

> sabia, que era uma questão de tempo, e a gente tinha abertura para estar fazendo isso, porque a gente percebeu que não dava para a escola continuar do jeito que ela estava, sabe? Sem compromisso com a educação, numa de só ganhar dinheiro, e a gente enquanto profissional que estava aqui, atuando também, porque todos tinham emprego, não é? Não era só Faculdade. É, como é que era isso? O quê que a gente estava vendo aqui fora? Né? A demanda que tinha social grande, a solicitação e sem recurso financeiro não tem como você levar isso para frente, tá? Aí a gente fez essa reestruturação, porque na realidade ela aconteceu, foi implementada por ser uma obrigação, foi no último prazo que as escolas de Serviço Social tinham, porque o MEC colocou um prazo para que as escolas reformulassem suas grades curriculares e seus currículos..."[61]

Acreditamos que as exigências do MEC em relação às mudanças na grade curricular, por volta de 1983/84, vieram de encontro aos anseios e aos debates que vinham sendo travados já há algum tempo dentro, principalmente, do Curso de Serviço Social daquela escola. No entanto, para que o Ministério da Educação e Cultura estivesse buscando, sugerindo e exigindo essas alterações, que eram a nível nacional, é porque a sociedade brasileira como um todo estava passando por esse processo de mudança.

Voltando um pouco no tempo, sabemos que ao ser criado o curso, houve uma dificuldade muito grande para que o MEC aprovasse a grade curricular inicialmente formulada,

> (...)"Porquê que o MEC aprovou? Porque o currículo dela é bom! Mas a partir do momento que foi(...) seguiu tudo! Por exemplo, Serviço Social de Casos foi deixando de existir no sentido assim, prático da coisa, então ela mudou para outro tipo de Serviço Social! Caiu Caso entrou Serviço Social de Grupo, mais assim aprofundado, no trabalho de grupo, e vendo o caso como um caso, mas ali dentro do grupo..."[62]

E assim como este foram havendo vários outros processos mutatórios que desembocaram na reestruturação da grade curricular em meados de 1985. Antes acontecia o quê? No currículo antigo não se abordava, por exemplo, a História do Serviço Social, disciplina esta que passou a ser considerada "muito necessária" diante do momento que a comunidade estudantil estava vivendo naquele período, e

---

61 Depoimento gravado com Marilza Helena Betanho em 14-05-1998.
62 Depoimento gravado com Ana Virgilina de Paula em 10-06-1998.

foi finalmente introduzida na nova grade curricular a partir de 1985. Da mesma maneira,

> (...)"'Teoria do Serviço Social', as abordagens, as três formas de abordagem, a questão ética que é obrigatória, a questão política da política social que é obrigatória enquanto formação, a formação na área de Psicologia, de Antropologia e Sociologia, tá? E aí a gente colocou é, algumas coisas, e o trabalho de campo, tá? O trabalho de campo também ele tinha, eu me lembro que quando a gente entrou eles os meninos recebiam, os alunos recebiam uma orientação, por escrito, nem sempre o supervisor de estágio tinha condições de orientar na elaboração da monografia(...) e aí então foi introduzida uma disciplina. Na época não tinha 'MTP', e aí a gente colocou metodologia(...) colocamos uma orientação específica pra elaboração do TCC, pra que os meninos tivessem essa orientação de montagem de monografia, com relação a trazer aquele profissional que estava no campo de estágio enquanto supervisor e que não tinha ligação nenhuma com a escola, aí a gente fez um trabalho eles começaram a fazer parte da escola, foi um movimento até legal."[63]

De acordo com Ana Virgilina, alguns dos aspectos abordados na disciplina "Teoria do Serviço Social" diziam respeito à diferença entre Serviço Social e Assistência Social; as principais teorias, definições de Serviço Social, seus objetivos, metodologias utilizadas, enfim. Quanto à disciplina "Administração em Serviço Social", Ana nos relata que,

> (...)"era uma disciplina muito falha! Eu acho dentro, era mais a nível empresarial, 'Taylor', 'Faiol', aqueles homens, sabe? E, os métodos de, que eles usavam dentro de administração, mas geralmente dentro do Serviço Social não se via nada(...) Então você procurava assim, obter conhecimento da realidade que você estava trabalhando, e a sua administração ali, como que o Serviço Social atuava dentro da empresa, no que diz respeito à Administração de Serviço Social com a Administração da Empresa..."[64]

Estes são alguns dos exemplos abordados pelas depoentes durante as entrevistas, seja no que se refere às matérias que lecionavam - acrescidas ou não de críticas pessoais - seja no que se refere às mudanças ocorridas durante o período em que estiveram atuando lá.

Hoje, quem imagina por exemplo que já tenha havido movimento de greve dos professores da Unit? Pois aconteceu. Na época em que se denominava

63 Depoimento gravado com Marilza Helena Betanho em 15-05-1998.

ABRACEC existia um determinado profissional do Serviço Social no mercado de trabalho, e houve um momento em que este profissional era considerado um supervisor de campo de estágio dentro da escola. Nesta condição, havia momentos em que ele participava de reuniões com os professores, integração esta válida e necessária para o desenvolvimento de um bom trabalho no campo de estágio. Mas o fato deste profissional participar das reuniões na escola supunha que ele deveria receber por isto. Nada mais justo. A escola, que vinha pagando tais encargos já por uns seis meses, de repente parou de pagar sem dar maiores explicações e, isto é claro, culminou numa greve. Provavelmente deve ter ocorrido paralelamente à implantação e reestruturação da nova grade curricular, por volta de 1984/85.

> (...)"Logo em seguida, eu acho que aconteceu junto o movimento de reestruturação, porque uma coisa foi a gente sentar, planejar e definir a nova grade curricular, a outra coisa foi ela ser aprovada pelo MEC, teve um tempo! Até que ela foi aprovada pelo MEC e entrou em vigor, tá? E aí a escola teve que buscar mais professores, né? Porque tinha uma carga horária maior, etc.. Esse momento eu não peguei, eu peguei acho que seis meses só, tá?"[65]

Ou seja, bem ou mal, a nova diretoria da instituição educacional viu-se obrigada a tomar certas decisões quanto aos rumos da escola. Só tinha uma saída: investir mais nos cursos que oferecia e nos recursos humanos levando a sério a questão educacional, sem querer simplesmente ganhar dinheiro de maneira fácil. Ou tomavam esta atitude ou "passavam a bola pra frente" sem maiores prejuízos.

Foi em meio a este contexto histórico que foram abertos os vários campos de estágios, cujos frutos nasceram na forma de relatórios ou Trabalhos de Conclusão de Curso – TCCs. No ANEXO 3 constam os títulos de todos os TCCs realizados no período aqui tratado e os respectivos anos em que foram concluídos. Sinteticamente podemos identificá-los da seguinte maneira:

---

64 Depoimento gravado com Ana Virgilina de Paula em 10-06-1998.
65 Depoimento gravado com Marilza Helena Betanho em 14-05-1998.

1. Cidade Udia-características	18. Escola-Família-Comunidade
2. Comunidade	19. Prefeitura
3. Comunidade-habitação	20. Fórum
4. Comunidade-entidade	21. Habitação-Creche
5. Comunidade-recreação	22. Idoso
6. Comunidade-Alcoólatra	23. Comunidade Carcerária
7. Comun.-Clube de mães	24. Instituição
8. Comunidade-deficientes	25. Penitenciária
9. Comunidade-experiência	26. Menor
10. Comunidade-renda	27. Música Popular
11. Creche	28. Pré-escola
12. Creches-Público	29. Saúde Escolar
13. Defic.Físicos e Mentais	30. Saúde Hospitalar
14. Educação	31. Saúde25. Instituição
15. Educação Especial	32. Saúde comunitária
16. Educação – Empresa	33. Violência
17. Empresa	

As pessoas, desde que bem informadas sobre o que viria a ser o trabalho de um profissional nesta área, cooperavam e principalmente participavam das atividades desenvolvidas pelos Assistentes Sociais. Encontramos artigos em alguns jornais da cidade mostrando à comunidade uberlandense e da região o trabalho dos(as) futuros(as) profissionais, bem como parabenizando-os pelos resultados que começavam a mostrar através dos estágios. O jornal, nesse sentido, seria um meio de fazer propaganda do curso, tanto para quem estivesse com dúvidas sobre que profissão escolher, quanto para aqueles que não tinham conhecimento sobre o que seria o trabalho de um Assistente Social, e mesmo para os que estivessem em busca de soluções para os mais diversos problemas, sejam empresariais, comunitários ou individuais, de auto-resolução difícil ou que demandassem cuidados metodológicos mais "racionalizados". Podemos citar, nesse sentido, um artigo escrito sobre a festa de fim de ano realizada em 31 de dezembro de 1974 na empresa MOTOMAQ Ltda, objetivando divulgar a atuação do Serviço Social no Campo empresarial:

"SERVIÇO SOCIAL DE EMPRESA

Um grupo de alunas da Faculdade de Serviço Social, estagiárias na conceituada Empresa Motomaq Ltda, dando continuidade suas atividades, colaboraram na organização da festa de fim de ano.

Nesta festa de confraternização participaram o corpo social da Empresa e familiares. A abertura foi realizada pela supervisora e estagiárias do Serviço Social. Tomando a palavra a Direção Sr. Adelino Peixoto, sócios e chefes da referida Empresa.

O Departamento do Serviço Social prestou homenagem ao pessoal com oferecimento de flores.

A festividade realizou num clima de harmonia, comunicação, todo pessoal participou, concorrendo para um bom relacionamento e integração entre todos os elementos desta comunidade empresarial.

O Departamento do Serviço Social e a Comissão que juntos trabalharam para a brilhante realização; contaram com total apoio e ampla liberdade de ação, conferido pelo setor administrativo e direção.

Houve distribuição de presentes para as crianças.

A colaboração do Serviço Social na organização da festa, não é atribuição específica, porém, *um meio* que o Assistente Social utiliza para alcançar seus objetivos. Inserindo na realidade da Empresa, empenhando na maior integração do pessoal; possibilita organização e colaboração para realizar trabalho em conjunto que os levam a solucionarem seus problemas, tornando cada pessoa agente do seu próprio desenvolvimento, atingindo portanto a promoção e bem estar social que é o objetivo fundamental do Serviço Social."[66]

Ou ainda dois artigos sobre estágio realizado no campo comunitário, a partir de uma instituição educacional.

"LAR & MULHER

Therezinha

O Mundo que não é Cão

(...) No bairro PATRIMÔNIO aconteceu um mutirão maravilhoso. O Grupo Escolar Mário Porto foi totalmente recuperado pelos moradores do simpático logradouro, e para isto todos gastaram seus domingos de folga, num entrosamento digno dos maiores elogios. Dona Lilide, a eficiente diretora da nossa Biblioteca Municipal nos contou a grandiosidade de trabalho efetuado pelos pais e alunos e até pelos próprios pequenos frequentadores daquele grupo, irmanados num só objetivo: restaurar.(...)"[67]

Nesse caso, especificamente, a autora do artigo nem mencionou sobre os reais intercessores responsáveis pelo que culminou num mutirão – os Assistentes Sociais - sem os quais, muito dificilmente se daria a organização necessária para que os moradores se empenhassem em tal empreendimento com "sucesso".

66 Serviço Social de Empresa. **Tribuna de Minas,** Uberlândia, 18 de janeiro de 1975, p.2.

67 Therezinha. O Mundo que não é Cão. **Correio de Uberlândia,** Uberlândia, LAR & MULHER, 28 de janeiro de 1976, p. 3.

"BELO EXEMPLO DÃO OS MORADORES DO PATRIMÔNIO

O Grupo Escolar do Bairro do Patrimônio encontrava-se em estado de causar pena. Falta de verbas oficiais, dificuldades sem conta, e apesar dos esforços das mestras, nada era resolvido. Os moradores daquele bairro estavam até desanimados. Acontece que instruídos pela Assistência Social, e conscientizados de que a união faz a força, resolveram 'quebrar o galho'.(...) E a recompensa aos esforços já está aparecendo. Assim é que já este ano terão o curso completo para o primeiro grau."(...)[68]

Dada a impossibilidade de reproduzirmos o que cada um dos TCCs trazem em seu conteúdo, não só os que dizem respeito ao campo empresarial, mas todos os outros, optamos por priorizar apenas três, os quais indicaremos de maneira geral os passos e os métodos seguidos pelos estagiários para sua realização. São eles os relatórios de estágios realizados em empresas, em escolas e na comunidade.

68 Belo Exemplo dão os Moradores do Patrimônio. **O Triângulo,** Uberlândia, 29 de janeiro de 1976, p. 3.

CAMPO EMPRESARIAL[69]

As empresas MOTOMAQ Ltda, Instituto Vallée S/A e Nacional Expresso Ltda, são as empresas nas quais foram abertos os primeiros campos de estágios do Curso de Serviço Social da ABRACEC. Além destas, houve muitas outras como pode ser observado no ANEXO 3, as quais podemos dizer que colaboraram, de alguma maneira, para a formação dos futuros Assistentes Sociais, já que por elas passaram muitos estagiários.

De uma maneira geral, os estágios no campo empresarial percorreram caminhos semelhantes no seu desenvolvimento. Basicamente constituíam-se em:

- caracterização da empresa;
- tipo de chefia;
- definição do público;
- localização do Serviço Social dentro da mesma;
- teorias sobre o Serviço Social;
- objeto;
- objetivos;
- área de atuação;
- metodologia – justificativas;
- diagnóstico;
- planejamento;
- intervenção;
- avaliação;
- conclusão;
- bibliografia;
- anexos;

É interessante perceber que grande parte dos trabalhos traziam nas suas referências teóricas, implícita ou explicitamente, estudos sobre as teorias das classes sociais, da dependência e do conhecimento.

De maneira geral, todos os TCCs empresariais tinham como público alvo os funcionários destas empresas, que poderiam ser tanto o operariado braçal quanto o

69 No que diz respeito aos métodos, técnicas e recursos, tanto de pesquisa quanto de desenvolvimento,

graduado. Dependendo da problemática vivida na empresa e detectada pelos Assistentes Sociais ou pela sua própria diretoria, o público alvo era melhor especificado. Por exemplo, poderia ser somente um grupo de funcionários, cujo líder ou chefe, no caso, fosse considerado "autocrático" (nomenclatura utilizada pelos Assistentes Sociais). Ou ainda, funcionários cujos setores de trabalho estivessem criando rivalidades entre si.

Quanto aos objetivos a serem atingidos nos seus trabalhos, estes poderiam vir especificados como gerais, que seriam uma espécie de função a ser desempenhada pelo profissional nesta área, e/ou como específicos. Dentre os gerais podemos encontrar:

- Trabalho estatístico mensal de controle das faltas;
- Atendimento aos problemas pessoais sobre as relações no trabalho e na família;
- Trabalho de reflexão junto aos pais sobre a responsabilidade e conduta dos filhos operários na indústria;
- Conscientização individual quanto ao problema do absenteísmo;
- Aplicação de prêmios e sanções relativos à freqüência e conduta pessoal e moral;
- Seleção e admissão de empregados;
- Aplicação de entrevistas e formulários para identificação e estudo sócio-econômico-cultural do empregado admitido, para arquivo no Departamento de Serviço Social;
- Participação e orientação constante nas reivindicações dos empregados;

Quanto aos específicos, em número maior, foram encontrados nos diversos TCCs desenvolvidos no campo empresarial os seguintes objetivos:

- possibilitar aos funcionários um conhecimento mais objetivo com relação ao Serviço Social e à empresa como um todo;
- esclarecer o público sobre a utilização dos recursos da comunidade;
- criar condições para melhoria do relacionamento dentro da empresa;
- organizar atividades que facilitem integração entre empresa e funcionários;

---

optamos por reproduzir as terminologias utilizadas pelas próprias estagiárias.

- incentivar a participação e ação conjunta de todos nas atividades programadas;
- esclarecer à direção da empresa quanto às reivindicações e necessidades dos funcionários;
- tentar assessorar a direção da empresa na criação de serviços que venham atender às necessidades sociais dos funcionários;
- participar na evolução da Política Social da empresa;
- integrar a empresa na comunidade;
- alcance do bem-estar dos funcionários para maior produtividade e disposição no trabalho;
- treinar chefes de turmas;
- montar um Programa de "Saúde Preventiva";
- programa de Racionalização do trabalho (CIPA – Controle Interno para Prevenção de Acidentes)

  Ou seja, "racionalização e conscientização dos funcionários da oficina na prevenção de acidentes, a fim de minimizar os atos inseguros e previnir as conseqüências sócio-econômicas do acidente de trabalho." (TCC 16, 1976, p.37, MOTOMAQ Ltda);
- programa de higiene (no caso, implantação de bebedouros);
- programa de desenvolvimento sócio-cultural do trabalhador;

  Ou seja, oferecer oportunidade para fazer cursos no SESC E SENAC;
- programa de benefício: documentar e conveniar o funcionário com médicos e dentistas;
- programa de lazer e integração social (festa de fim de ano);
- implantação do Jornal da Empresa;
- "Concurso Operário Padrão";
- programa "Produtividade das gestantes"

  Ou seja, capacitar o grupo à mudança de atitude para o trabalho e criar condições para que a mão-de-obra gestante seja melhor aproveitada, tornando-se, portanto, menos ociosa;
- implantação de cooperativa de consumo;

No intuito de diagnosticarem e/ou compreenderem melhor as características da empresa na qual iam iniciar o trabalho, os estagiários se utilizavam dos seguintes recursos: pesquisa documental e observação, contatos formais e informais, formulários, visitas às dependências da empresa, cartazes, relatórios, entrevistas onde, por exemplo, investigavam a opinião de cada chefe de setor sobre seus funcionários, produtividade, número de acidentes e suas causas, como se dava o

processo de seleção e admissão, quais eram os problemas mais comuns, dentre outros.

No que se refere às técnicas adotadas, encontramos nos TCCs as seguintes: aconselhamento, catarse, motivação, visitas, reunião, reflexão, reforço, trabalho com grupos, relacionamento, orientação.

Os tipos de problemas levantados pelos(as) estagiários(as), ao se utilizarem dos recursos acima citados foram:

1°) Problemas de relacionamento chefe/empregados:

- Nervosismo de chefes e conseqüente maltrato a funcionários inocentes;
- Maneira rígida de falar com funcionários;
- Chamar a atenção na frente de outras pessoas;
- Chefe que não escuta funcionários;
- Agressividade do chefe;
- Modo de tratamento inadequado;
- Desconfiança por parte do chefe e da direção;
- Chefe sem iniciativa;

2°) Problemas mais comuns entre os empregados:

- Visão individualista dos problemas – inexistência de organização;
- Insegurança com relação ao emprego e cargos;
- Acomodação profissional;
- Desaparecimento de ferramentas;

3°) Problemas da forma como foram percebidos pelos Assistentes Sociais:

- Acomodação, falta de interesse e iniciativa evidenciados pela carência de conhecimentos inerentes à própria classe e pelo estado de dependência em que vivem;
- Devido à sua situação de dependência e dominação, sempre vêem a resolução dos seus problemas em agentes externos;
- Competição profissional;
- Dificuldade de acesso à participação social;
- Falta de relacionamento escritório/indústria;
- A política interna de ação de algumas empresas eram bastante rígidas;

- Algumas empresas, pequenas, eram presas às determinações de uma matriz;

4º) Problemas relacionados à saúde dos empregados:

- Atendimento médico-odontológico falho;
- Problemas de saúde;
- Condições de higiene indevidas;
- Doenças em geral (anemia, verminose, etc.);
- Apatia;
- Stress;
- Ansiedade e insegurança;

5º) Problemas de formação do Serviço Social:

- Pouca autonomia do Serviço Social dentro da empresa;
- Baixo nível de consciência por parte do público alvo;
- Do currículum universitário das estagiárias não constava uma disciplina de metodologia, sendo necessário estudos preliminares dos vários métodos a fim de que a opção metodológica delas fosse de encontro à realidade. (TCC 11, 1975, p.2, empresas em geral);
- Deficiência de material bibliográfico (1as. turmas);
- O fato de que as técnicas utilizadas, geralmente importadas, não correspondiam à sua realidade, onde o nível sócio-econômico e cultural era baixo. Necessitavam de técnicas correspondentes à situação de subdesenvolvimento da América Latina, onde a maioria da população vivenciava uma situação de dominação, concorrendo para uma passividade e acomodação da mesma, o que bloqueou o alcance dos objetivos propostos. (TCC 11, 1975, p.53, empresas em geral);
- Conceito distorcido da atuação das estagiárias de Serviço Social, pela diretoria, vendo-as apenas como meras estudantes;
- Dificuldade de acesso do cliente ao Assistente Social e vice-versa;

6º) Problemas dos empregados fora da empresa:

- Dificuldade de adaptação a novas moradias;
- Desunião (nas atividades de lazer);
- Desajuste familiar como conseqüencia do nível econômico-social;
- Desequilíbrio financeiro;
- Falta de orientação quanto aos recursos da comunidade;

Com relação a estes problemas foram formuladas algumas hipóteses pelos(as) Assistentes Sociais em alguns estágios. Nesse sentido, as causas mais comuns ou eram direta ou inderetamente relacionadas ao nível sócio-econômico dos empregados:

- Defesa orgânica deficiente;
- Sub-nutrição;
- Promiscuidade;
- Falha no planejamento econômico familiar;
- Educação como elemento condicionador da baixa renda;
- Marginalização social e cultural;
- Resistência às mudanças sociais;
- Falta de consciência de classe social;
- Desconhecimento da importância do lazer por parte dos funcionários;
- Falha na educação de base;

Quanto às aspirações do público alvo, geralmente os funcionários de mais baixo escalão nas empresas, podemos observar as seguintes:

- Corretora de seguros em grupo;
- Convênio com médico e dentista;
- Cooperativa;
- Mudança de escritório;
- Desconto do sindicato no ordenado;
- Um clube recreativo (campo de futebol);
- Condução para transporte de funcionários;
- Formar o próprio time de futebol;
- Reuniões "com" e "sem" chefes;
- "Auxiliares" de mecânicos que se acham habilitados p/ "profissional" (promoção);
- Cursos (habilitação);
- Auxílio em forma de prestação ao funcionário p/ construção de casa própria;
- Convênio com a "Mediminas";
- Lanche para os funcionários;
- Criação de um ambulatório;
- Cursos de treinamento contra acidentes de trabalho;
- Implantação da CIPA;
- Desejo de independência profissional, em detrimento da ascensão;

Dentre os resultados obtidos ao final dos TCCs, destacamos a realização de alguns projetos, muitos deles considerados "conquistas" já que anteriormente não faziam parte do dia-a-dia de algumas empresas:

- Implantação de uma mini-farmácia;
- Cartão de crédito com o supermercado;
- Cooperativa de Economia e Crédito Mútuo;
- Convênio Médico-Hospitalar;
- Processo de Seleção e Admissão de Funcionários;

No geral, os(as) estagiários(as) avaliam sua experiência no campo prático como satisfatória em termos de aprendizagem. Por outro lado, reclamam da precariedade das teorias gerais e específicas que nortearam suas experiências. Lamentam e justificam a inoperância de alguns projetos devido o tempo, quando os resultados se mostrariam eficientes somente a longo prazo.

Na concepção de alguns estagiários houve uma certa conscientização dos funcionários no sentido de terem feito com que se adaptassem melhor às condições de trabalho, estimulando-lhes a criatividade e a mobilização de potencialidades. Particularmente não acreditamos que isto signifique "conscientização". Em algumas experiências realizadas com grupos, observaram o desenvolvimento do indivíduo em relação ao seu potencial individual, melhoria dos relacionamentos, formas de comunicação e funcionamento da capacitação social. Com relação, por exemplo, à implantação de tratamento dentário em uma das empresas, avaliou-se que "*de certa forma, o reflexo desse benefício, veio de encontro com o objetivo primeiro da empresa, que é o lucro*". (TCC 154, 1985, p.47, Nacional Expresso Ltda)

Pelo que consta no TCC 16, colocou-se em prática 80% dos planos de ação no período pesquisado, ou seja, (...)"*atendendo os objetivos do Serviço Social sem ferir, no entanto, os da empresa.*" (TCC 16, 1976, p.63, MOTOMAQ Ltda)

Observamos algumas frases nestes TCCs, as quais resolvemos reproduzir neste trabalho por considerá-las interessantes para um melhor entendimento do que seja o trabalho de um Assistente Social dentro de uma empresa. São elas:

> *"O Serviço Social no campo empresarial visa tratar dos problemas sociais que impeçam uma produção razoável dando um caráter educativo e promocional ao funcionário, capacitando-o para seu próprio desenvolvimento."*
>
> (TCC 03, 1975, p.46, MOTOMAQ Ltda)

> *"Notamos que o diretor possui uma grande perspicácia em captar intensões, qualidades, personalidade das pessoas, tendo um critério próprio de seleção e valorização. Ele deixou bem claro que não admite imposição. Acha que o bom trabalhador sempre merece promoção, que não há necessidade de pedir aumento; através de seu trabalho demonstrará sua eficiência."*
>
> (TCC 03, 1975, p.76, MOTOMAQ Ltda)

> *"As primeiras atividades do Serviço Social ligavam-se a problemas mais simples. Mas no decorrer do processo de implantação essa atuação passou do caráter paternalista, para preventivo e educativo(...)".*
>
> (TCC 154, 1985, p.39, empresas em geral)

> *"O empregador(...) vê no empregado um necessitado, precisando de ajuda, e a isso se dispôs através do Assistente Social, o qual considera 'Muro de Lamentações'".*
>
> (TCC 49, 1979, p. 164, Nacional Expresso Ltda)

> *"Em nossa realidade a atuação do Serviço Social se limita aos problemas pertinentes às necessidades do homem, (...) o ideal seria o trabalho do Assistente Social se realizar no atendimento das necessidades de relações sociais por serem mais específicas da área empresarial, porém isto não ocorre, não só com relação à carência de recursos comunitários como também é temida uma ação do Serviço Social no sistema de relações sociais quanto a uma possível interferência na Estrutura Empresarial."*[70]
>
> (TCC 49, 1979, p. 166, Nacional Expresso Ltda)

70 KISNERMAN, Natálio. **Sete Estudos sobre Serviço Social**, São Paulo: Cortez & Moraes, 1978, p.121.

CAMPO EDUCACIONAL

Os primeiros estágios realizados neste campo foram o da Escola Estadual "Américo René Giannetti" e o do próprio Colégio Brasil Central onde funcionava, além do Curso de Serviço Social, a Escola Técnica em Química Industrial de Uberlândia. O público alvo principal era, em todos os trabalhos, o Corpo Discente, sendo que apenas alguns objetivavam direta ou indiretamente o Corpo Docente, as famílias dos alunos e demais Funcionários da escola. Vale dizer que grande parte dos TCCs analisados neste período objetivavam atingir alunos especificamente do então chamado Projeto ALFA[71]. No geral, tratava-se da população de baixa renda, clientes dessas instituições os quais situavam-se nos bairros periféricos da cidade.

O objetivo do Serviço Social numa instituição escolar, pelo que se encontrou nos Trabalhos de Conclusão de Curso, era ajudar o aluno a ajustar-se à vida normal, tanto na escola como no lar, visando seu desenvolvimento moral, intelectual, cultural e desenvolvimento também dos demais requisitos necessários para o seu crescimento interior, no sentido de procurar elevar o aluno a uma melhor socialização na comunidade.

Posteriormente, após os estagiários efetuarem toda uma pesquisa e diagnóstico dos problemas inerentes a cada instituição, algumas delas inclusive estagiadas várias vezes por grupos diferentes e em anos letivos distintos, eram traçados os objetivos que chamamos aqui de específicos. Deve-se levar em consideração também, que era durante os estágios que determinava-se ou escolhia-se os tipos de trabalhos a serem desenvolvidos, sendo que estes poderiam ser mais direcionados a grupos, a indivíduos ou à própria comunidade, seja a escolar ou

71 Projeto ALFA foi um trabalho proposto pelo MEC em Minas Gerais. Surgiu da necessidade de se tentar uma solução para o crescente problema de repetência escolar no final da década de 70 (1977). A Secretaria de Educação desenvolveu o programa sob o título de "Desenvolvimento de Novas Metodologias Aplicáveis ao Processo Ensino-Aprendizagem para o Ensino de 1° Grau".

mesmo a comunidade na qual a instituição estivesse inserida. Basicamente encontrou-se os seguintes objetivos específicos:

Objetivos relacionados a orientação:

- criar um grupo de mães – para esclarecimento de problemas relacionados ao desenvolvimento de seus filhos na escola;
- desenvolver um sistema de recreação no sentido de orientar o aluno para um melhor aproveitamento e desenvolvimento físico e intelectual no seu horário de lazer;
- desenvolver trabalhos com alunos, no sentido de melhorar o seu comportamento grupal e interação de seus membros no sentido de adqüirirem novas posturas em sala de aula;
- despertar na criança o interesse pelo estudo;
- formar um grupo de alunos considerados problema;
- atender casos individuais;
- treinar chefias, no sentido de estimular lideranças democráticas;

Objetivos relacionados à saúde:

- criar grupo de saúde – para conseguir assistência psicológica e sociológica;
- incentivar hábitos de higiene;
- desenvolver "Campanha do Piolho";
- desenvolver projeto "Pelotão de Saúde";

Objetivos técnicos e da rede física:

- criar projetos para conseguir verbas – para melhorar fisicamente a escola;
- adquirir livros para a biblioteca da escola;
- suprir a escassez de mantimentos da escola;
- implantar o uso de uniforme pelos funcionários;

Objetivos relacionados à interação da comunidade escolar:

- organizar festas para uma maior interação entre os membros da comunidade escolar;
- desenvolver projeto "Centro Cívico" – para organização e comemoração das datas cívicas.

Quando se trabalhava com alunos cujos problemas eram de inadaptação (escola/família), deficiência no aspecto de saúde, evasão escolar ou distúrbio de comportamento, visava-se obter maior eficiência e aproveitamento na sua aprendizagem, levando-o a ser um veículo de transformação da comunidade externa na qual ele estava inserido. Isso, teoricamente.

Quando se trabalhava com a comunidade, o objetivo era incentivar sua participação nos problemas de higiene escolar, bem como do processo de difusão das novas práticas sanitárias e de serviços de educação em saúde para a população.

Consideramos importante destacar que um dos grupos de estagiários reconheceu o nível abstrato de seu trabalho, pelo fato de terem somente "especulado" a realidade. Apesar disso, acreditaram ter avançado pelo menos no processo de conscientização política da população.

De uma maneira geral, todos os grupos de estagiários no campo da Educação percorreram um mesmo caminho ao adentrarem a instituição educacional ou algum setor da mesma. Trata-se de uma forma de conhecer o meio interno e externo em seus aspectos, sejam físicos ou humanos onde, no caso, a escola está inserida.

Detectamos nos Trabalhos de Conclusão de Curso ou relatórios de estágios na área de educação, alguns passos comuns a todos. Primeiramente, eles fazem uma espécie de histórico da escola (localização, organização física, organização administrativa e financeira, o nível sócio-econômico da clientela, etc.), isso de uma maneira bem técnica e somente através de documentação encontrada na própria escola. Após feito isto, trava-se uma espécie de discussão teórica sobre educação e da maneira como eles (os Assistentes Sociais) percebem este campo dentro do Serviço Social. Em seguida, tendo percebido os reais problemas através da pesquisa empírica e da(s) sua(s) concepção(ões) de educação e Serviço Social, certamente adquiridas através da sua formação curricular, eles traçavam um planejamento que deveria ser seguido, no intuito de sanarem total ou parcialmente os problemas

encontrados. Desse planejamento faziam parte o objeto e os objetivos do trabalho social que estava sendo desenvolvido, a área de atuação e sua delimitação, eram uma espécie de marco de referência, cuja escolha era justificada. Do mesmo modo, a metodologia a ser utilizada no acompanhamento social era específico e diferente para cada objeto escolhido (indivíduo, grupo ou comunidade).

É interessante perceber que em alguns trabalhos, nos seus respectivos anexos, constam além de roteiros, mapas e formulários, a explanação de teorias[72] tais como: a das classes sociais; a da dependência; a do conhecimento; a do adolescente, entre outras, fato este que revela, em parte, o direcionamento teórico dado pela primeira grade curricular, no caso a antiga (1972/1987).

Quanto aos métodos, técnicas e recursos de pesquisa concomitante ao desenvolvimento dos trabalhos que eram utilizados pelos estágiários, destacamos os seguintes, conforme os termos que eles mesmos usavam nas suas descrições:

- investigação;
- coleta de dados;
- estudos exploratórios;
- levantamento dos recursos médico/odontológicos da comunidade;
- entrevistas domiciliares;
- entrevistas individuais com os alunos;
- coleta de dados através de Anamnese;
- observação em sala de aula e recreio;
- atividades grupais;
- encaminhamentos;
- reuniões;
- preleção;
- reflexão;
- codificação de dados;
- palestras informativas;
- aplicação de exercícios de memorização dos assuntos abordados;
- cartazes;
- discussão circular;
- observação sistemática e assistemática;

72 Ver a título de exemplo, o TCC nº 85, realizado em 1980 no campo da Pré-Escola, acessível na biblioteca da Unit.

- questionários;
- formulários;
- relatórios;
- tabulação de dados;
- aulas expositivas;
- exercícios mimeografados;
- ficha de vacinação;
- ficha de inscrição;
- tabela de freqüência por reunião;
- tabela de freqüência mensal;
- tabela de avaliação dos membros;
- roteiro para observação do aluno no recreio;
- roteiro para observação do aluno em sala de aula;
- ficha de avaliação e identificação (grupos de "Pelotões de Saúde");
- ficha de avaliação individual (grupos de "Pelotões de Saúde");
- ficha de atendimento de caso;
- ficha de levantamento dos pais;
- gráficos;
- campanhas;
- mutirão;
- método indutivo;
- método dedutivo;
- experimentação;
- monografia;
- estatística;
- método estruturalista;
- método dialético;
- método fenomenológico;
- método intuitivo;
- discussão livre;
- redação;
- dinâmica da laranja;
- dinâmica do cochicho;
- dinâmica da queda de braço;
- leitura;
- circular;
- visão (olhar e ver);
- dinâmica da apresentação;
- dinâmica da situação no espaço;

Quanto aos resultados obtidos, praticamente todos os relatórios de estágios justificam sua ineficácia total ou parcial. Alguns, pela alta rotatividade de estagiários em campo, impossibilitando a seqüência do trabalho. Outros, pela escassez de tempo, inexperiência, insuficiência de embasamento teórico por parte de algumas disciplinas, recursos escassos, horário insuficiente para trabalhar com os alunos, greve de professores (1979), inadequação dos projetos com a idade dos alunos, entre outros.

Geralmente encontramos como alguns resultados, a firmação de convênios com entidades médico-odontológicas; a confecção de fichas as mais diversas; a realização de campanhas, etc.

Gostaríamos também, neste caso, de destacar algumas frases encontradas nos TCCs em educação, que podem dar um demonstrativo das formas de atuação neste campo específico.

> *"(...)apesar de estar igualmente munida de conhecimentos didáticos e instrumentais técnicos necessários pude lidar apenas com problemas de atendimento imediato."*
> (TCC 97, 1981, E. E. "Sete de Setembro")

> *"Embora a direção deixasse transparecer certa indiferença ao Serviço Social, através de apoio às vezes negado, não tivemos dificuldades em obtermos da Escola o material para elaborarmos o material técnico."*
> (TCC 111, 1980, E. E. "Segismundo Pereira")

> *"(...)a defasagem entre teoria e prática(...) é dificultada principalmente, pela estrutura escolar, uma vez que os conteúdos programáticos nem sempre correspondem às necessidades da prática. Este fato provoca no estagiário, enquanto aluno, um desinteresse pelas aulas acadêmicas, por sentir a teoria e prática tão dicotomizadas."*
> (TCC 128, 1982, Postos de Pré-Escolas Periféricas UFU-PMU)

CAMPO COMUNITÁRIO

Um dos primeiros estágios realizados com comunidades foi o do Bairro Patrimônio. Vale lembrar que, sendo um dos primeiros bairros periféricos da cidade de Uberlândia, é ainda hoje caracterizado por ser basicamente composto por trabalhadores e cuja maioria populacional, carente de recursos, é da raça negra.

No que diz respeito ao público alvo, no geral os TCCs em comunidades visavam a população "carenciada" do bairro com grupos mais significativos, os quais pudessem vir a propiciar um efeito multiplicador do trabalho desenvolvido pelas estagiárias.

O objetivo geral era a melhoria dos níveis de vida da população de determinado bairro, "carenciada", através de sua participação como agente de seu próprio desenvolvimento. Quanto aos objetivos específicos, destacamos os seguintes:

- atender às solicitações do MOBRAL, no que se refere à evasão escolar em determinado bairro;
- reformar a escola do bairro através de mutirão;
- mudanças de atitude;
- criar e fortalecer uma personalidade comunitária independente;
- fortalecer o sentido de pertença à comunidade;
- modificar as atitudes tradicionais de dependência originadas pelo paternalismo, e incremento do nível de racionalidade da população;
- capacitação profissional;
- organizar a comunidade para implementação e execução de programas educativos, infra-estrutura e recreacionais;
- desenvolver lideranças efetivas, a nível local, que facilite a promoção e organizar atividades orientadas para alcançar os objetivos estabelecidos com base no consenso grupal;

No que diz respeito aos métodos, técnicas e recursos, tanto de pesquisa quanto de desenvolvimento, destacamos:

- reunião;
- preleção;
- conversa informal;
- "Tempestade Mental";
- visita domiciliar;
- abaixo-assinados;
- discussão livre;
- avaliação;
- berlinda;
- entrevista informal;
- treinamento para organização;
- contatos formais e informais;

Nos trabalhos realizados neste campo, houve algumas frases que consideramos interessantes:

> *"Por se tratar de uma população politicamente marginalizada, sem nenhum acesso ao processo de tomada de decisões, submete-se às resoluções dos órgãos públicos que arrecadam os impostos e canalizam esta renda para o atendimento e reivindicações de áreas consideradas mais significativas, economicamente."*
> (TCC 01, 1975, p.123, Comunidade "Patrimônio")

> *"Em decorrência disto, colocam suas esperanças em determinados políticos, recebendo os serviços ou equipamentos sociais, como dádivas de políticos, e não como cumprimento de uma responsabilidade por parte do poder político da cidade."*
> (TCC 01, 1975, p.123, Comunidade "Patrimônio")

Pelo que observamos no contato com os TCCs relacionados às mais diversas áreas, não houve, por parte dos estagiários em Serviço Social, uma ruptura muito menos uma mudança significativa de abordagem ou de intervenção, que poderia diferenciar uma formação anterior e posterior à implantação do currículo novo no ano de 1985. Na verdade, o que dificultou estarmos percebendo alguma mudança a nível dos relatórios de estágios foi o fato de que os TCCs feitos por alunos que cursavam a grade nova só começaram a ser entregues por volta de 1989. Além de mudanças como inclusão de novas disciplinas e alteração de nomes, conteúdos e outras, o que de mais significativo percebemos foi que, com a nova grade curricular,

os alunos começariam a ter contato com as mátérias ligadas a estágio, desde o primeiro ano. De acordo com Marilza:

> (...)"E era uma coisa que a gente, é, sempre batalhou muito! Que isso era importante, tanto era uma coisa que até eu trouxe da minha experiência na PUC, porque é, como a PUC tinha os campos próprios de estágio, que eram mantidos pela universidade, a gente ia e fazia desde o primeiro ano o contato com o que era o trabalho do Assistente Social, fazendo uma observação, conhecendo os locais, não é? Aonde se desenvolvia essa ação desse profissional, tá? Depois com pesquisa, sabe? Com relatórios e aí a gente sentia essa necessidade, porque tinha muito aluno que quando chegava no quarto ano, é que ele ia começar a pensar o quê que ele ia fazer da vida, e começa, e ele entrava numa crise danada, porque daí ele já não sabia mais se era isso que ele, tinha fiquei três ano tava no quarto ano e não, chegava numa crise que ele não sabia se era isso que ele queria..."[73]

Esta característica, este perfil vamos dizer assim, dos(as) alunos(as) do Curso de Serviço Social da ABRACEC com relação à prática dos estágios também é identificado no relatório realizado em comemoração aos 20 anos do curso, em 1992:

> (...)"Percebe-se em certos momentos, desinteresse pela formação profissional e cultural de forma geral, mas uma preocupação constante com a conquista de um diploma, melhor condição econômica e tornar-se competitivo no mercado de trabalho.
> As características dos alunos, no tocante à prática de estágio, se divergem e se contrastam. Uma grande parcela dos alunos buscam a Instituição como campo de estágio, para capacitação profissional e competir no mercado de trabalho. Utilizam de discursos em prol da classe trabalhadora, mas nem sempre conseguem colocá-los em prática. Um número bastante significativo assume o estágio apenas como exigência acadêmica. Percebe-se nesta fase de preparação em campo de estágio, que, alguns alunos que trabalham período integral, não têm como dedicar no decorrer da semana à sua formação prática, restringindo aos estágios de final de semana, dificultando a sua aprendizagem e ao aperfeiçoamento profissional. Deixam muitas vezes, excelentes oportunidades, por não ter disponibilidade para ingressar em campos de estágios que não atuam nos finais de semana. No decorrer do curso, mais próximos à prática, é que este quadro começa a reverter, na medida em que o embasamento teórico-prático vai se solidificando e os alunos vão se posicionando e adquirindo maior compromisso com o curso, com suas expectativas profissionais e buscam seu aperfeiçoamento através de uma prática transformadora."[74]

Observamos, com isto, que o perfil dos(as) alunos(as), desde a primeira turma, formada em 1975 até a turma que entregou seus Trabalhos de Conclusão de Curso em 1989, mudou drasticamente. De senhoras entusiasmadas, empenhadas,

---

73 Depoimento gravado com Marilza Helena Betanho em 14-05-1998.

bem situadas na vida e com poder aquisitivo alto, as alunas passaram a ter que trabalhar para financiarem pelo menos os seus próprios estudos, já que se tratava de uma faculdade particular. Esta nova situação as impedia de se dedicarem exclusivamente à sua formação acadêmica e, consequentemente, o bom andamento do curso ficava prejudicado, principalmente pela impossibilidade de sintonia entre teoria e prática, academia e realidade. Estaremos no terceiro e último capítulo observando mais de perto a atuação dessa categoria no mercado de trabalho, até o ano de 1989.

74 **Trajetória do Curso de Serviço Social – 20 anos**, relatório realizado pelos Departamentos de Serviço Social e de Ciências Sociais, Faculdades Integradas do Triângulo, maio de 1992.

4 - ATUAÇÃO PROFISSIONAL

A Lei 3.252 que regulamenta a profissão do Assistente Social é de 1957 e foi revista, posteriormente, pela Lei 8.662 de 07-06-1993. Sendo assim, foi uma profissão *"criada no âmbito de uma sociedade elitizada e hierárquica"*, ou seja, o exercício da profissão desde que foi regulamentada, *"se realizava, basicamente, para camuflar as desigualdades"*[75]. Se a nível de país, os projetos implementados no sentido de se evitar um "confronto social" (entre dirigentes e dirigidos), diante do novo quadro que então surgia - caracterizado por investidas dos trabalhadores na luta por seus direitos - partiram da classe dirigente, em Uberlândia isso não foi diferente. Sempre se criou instituições assistenciais e se fez "assistencialismo" por iniciativa dessa classe.

Entretanto, em determinado momento, foi necessário articular, de forma mais eficiente, a criação de uma instituição para a qual convergissem todas as outras já existentes, à espera de que o atendimento do público carente fosse mais racionalizado e, consequentemente, trouxesse resultados concretos e positivos, pelo menos para a imagem da cidade. Isto se deu em 1967 quando criou-se a Instituição Cristã de Assistência Social de Uberlândia - ICASU[76], que traduz bem esta idéia de projetos que começavam a ser implementados, sendo a maioria dos seus criadores "empresários, apoiados na época pelo judiciário, pela polícia e pelo poder público local"[77].

Tomando a ICASU ainda como exemplo sabemos que, apesar do nome indicar que tratava-se de uma instituição de Assistência Social e ainda, apesar de ter sido fundada em 1967, foi somente a partir de 1975, ou seja, 8 anos mais tarde, que houve ali a incursão de profissionais da área de Serviço Social; período este em que a primeira turma iniciava seus trabalhos de estágios, e a escola precisava abrir campos em algumas áreas para a realização de tais práticas. A leitura que fizemos

---

75 UNIT. Serviço Social 25 anos. **Serviço Social em Revista**, Uberlândia, 1: 1, 1997 p. 8.

76 Conforme Maria Clara Machado, a ICASU, quando da sua criação, objetivava afastar a presença dos leprosos, eliminar a mendicância das ruas e socorrer, por tempo limitado, pessoas válidas para o trabalho, como forma de promoção das famílias mais necessitadas. Posteriormente, nos dias atuais, esta instituição tem conseguido, através de outras estratégias disciplinares, além de manter a mendicância afastada do centro da cidade, manter um programa especial de agenciamento da mão-de-obra do menor, cujos lucros dão a ela a sustentação financeira e cujos resultados demonstram ter sido "resolvido" o problema do menor "desocupado", por isso mesmo futuro "delinqüente" e "bandido".

de Maria Clara[78] sobre a trajetória da ICASU nos trouxe algumas questões sobre as mudanças que se deram, principalmente ao começar a atuar ali um Assistente Social. Uma das pessoas que entrevistamos diz ter implantado o Serviço Social na ICASU, e na tentativa de nos mostrar seu funcionamento antes e depois de sua entrada ali, remetia sempre à diferenciação entre Assistência Social e Serviço Social[79]. De acordo com a depoente:

> (...)"mas não havia aquele acompanhamento, junto a essa família, no que diz respeito, por exemplo, será que essa família poderia oferecer recursos e melhorar de vida sem necessitar de tão imediata de, de amparo assistenci é, alimentício? Então a gente procurava...
> *Entrevistador*: ...Então não tinha esse acompanhamento?
> *Depoente*: Não, procurava dentro dessa família, quais os recursos que ela poderia oferecer pra nós. Ela tinha uma filha de quinze anos, porque não encaminhar essa menina para o trabalho? Porque ela ficar dentro de casa? A maioria às vezes se prostituindo, entendeu?(...) Então a gente oferecia cursos profissionalizantes pra ela.(...) Eles tentaram muito! Antes do Serviço Social entrar, mas não havia aquele acompanhamento junto das famílias, e nem junto dos menores... Só, por exemplo, se o menino fazia alguma coisa, aí vai lá corrige e pronto! Não, porque que ele fez isso? Quais as causas que levaram aquele menino a estar nessa condição de comportamento, e e comportamental hoje? Então vamos trabalhar junto dele..."[80]

Ela confirma, posteriormente, que o objetivo da ICASU, antes das influências e mudanças acarretadas com a entrada do profissional de Serviço Social, ali era:

> (...)"Tirar o pobre da rua, o mendigo, pegar ele, a hora que ele chegava na rodoviária, encaminhava para ICASU, a ICASU encaminhava para o albergue, e no outro dia a gente pegava dava a passagem para eles irem embora.(...) a ICASU começou a trabalhar com o pessoal aqui dentro, que já morava aqui há mais de 4 anos, entendeu? O migrante...
> INTERVENTOR: ...Se morasse menos de 4 anos num...
> DEPOENTE: ...Não adiantava! Se ele num fôsse fixar residência aqui, pra quê a gente trabalhar com ele?... E uma garantia, não é? Muito assim, ele está aqui hoje, amanhã ele não está!"[81]

É correto que tal depoimento reafirma as considerações feitas no trabalho de MACHADO, ou seja, que os ideais de um Assistente Social, apesar de sua formação, não conseguiu finalmente se desenraizar dos ideais que nortearam a

---

77 MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Op. cit.**, p.4.
78 Idem.
79 De acordo com o MEC, o que diferenciava o Serviço Social da Assistência Social era: *"1º) sua própria dinâmica de fazer 'com' os indivíduos, os grupos e as comunidades e não 'para' êles; 2º) ir às causas dos problemas para resolvê-los e não apenas atuar sôbre os efeitos"*. ÁVILA, Fernando Bastos de. **Op. cit.**, p.455. (mantivemos a grafia original)
80 Depoimento gravado com Ana Virgilina de Paula em 10-06-1998.
81 Depoimento gravado com Ana Virgilina de Paula em 10-06-1998.

criação e as práticas, por exemplo, da ICASU, sem dizer de muitas outras instituições e campos de estágios em geral.

Conforme a Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS (Lei 8.742 de 07-12-93) a diferenciação entre Assistência Social e Assistencialismo está assim descrita:

ASSISTENCIALISMO	ASSISTÊNCIA SOCIAL
Mecanismo de perpetuação de pobreza: política compensatória	Atenção, defesa de direitos: política pública
Pequenos programas irregulares, visando fins eleitoreiros	Rede com serviços constantes, contínuos, regulares
Clientelismo = Concessão de favores e privilégios	Acesso a bens e prestação de serviços = universalização dos direitos sociais
Acesso a bens = através de doação	É direito reclamável – direito do cidadão
É de interesse particular familiar	É de interesse público. Defende e garante: casa para morar, educação, saúde, trabalho, lazer
Filantropia = ações individuais	Combate à submissão = ensina solidariedade, envolve o coletivo social
Transforma a pessoa em devedor, assistido, sujeitando-a, tolhendo-a	Transforma a pessoa em participante, em agente

Acreditamos que a positividade ou não com relação a "Serviço" ou "Assistência" Sociais, pelo menos naquela época, era utilizada somente como forma de ilustração em alguma disciplina de caráter teórico. A prática no mundo real obedecia a outros critérios. Devemos ainda levar em consideração os tipos de instituições onde o Serviço Social estava inserido pois, conforme analisa SANTOS, são elas que estabelecem os programas, as atividades e a clientela que deve ser alvo do trabalho de tais profissionais.[82]

Pode ser que existam motivações puramente pessoais e idealistas, que possam desencadear uma atividade assistencial sem vínculo empregatício. Mas, como já foi mencionado, esse trabalhador especializado necessita também de uma relação contratual para sobreviver. Ou seja, o Assistente Social também vende a sua força de trabalho. Fora esta questão da sobrevivência, percebemos que existem outras dificuldades por que passam os Assistentes Sociais que são considerados "idealistas e utópicos". Ao explicitarmos à depoente o quanto imaginamos que deve ser gratificante um trabalho com comunidade, desde que bem planejado, cujo

82 SANTOS, Antônio Gonçalves dos. Apud CARVALHO, A.M.P. de, BONETTI, D. A. e IAMAMOTO, M. V. et al. "Projeto de investigação: a formação profissional do assistente social no Brasil". **Serviço Social & Sociedade,** São Paulo: Cortez, nº 14, ano V, abril de 1984, pag. 126.

objetivo fosse levar uma conscientização maior a determinado grupo comunitário, etc., ela utiliza o seguinte argumento:

> (...)"Ah, mas vem cá, tudo bem, sua ideologia é linda! Mas e os bloqueios que você vai ter?(...) As barreiras? Existe! Existe muito porque, vamos supor, você vê que, o pessoal começa reivindicar, é igual sindicato! Vira uma greve!... Para os líderes da comunidade, os altos, da alta estrutura lá, da alta hierarquia, cria problema para eles!"[83]

Concordamos que este receio por parte de uma Assistente Social, este saber exatamente onde é o seu lugar, qual é o seu papel, quem está subordinado a quem, quem manda em quem, este receio do afrontamento disfarçado pelo ter um "jogo-de-cintura" é algo que foi e que talvez ainda esteja sendo construído nos(as) alunos(as) da ABRACEC durante sua formação.

Uma outra questão que vinha sendo muito discutida por volta de 1984 era com relação ao atrelamento assistente social/clientela. Conforme pudemos observar em alguns debates naquele período, tal relação perpassava pela forma com que o Assistente Social intervinha em determinada situação podendo, por sua vez, se reorientar dependendo da maneira como era visto o seu papel profissional. Ou seja, de acordo com SANTOS, era do vínculo estabelecido com a clientela que iria depender "*o desempenho do Assistente Social, ocupando e/ou abrindo espaços*" e possibilitando que, "*na correlação de forças configurada em cada situação concreta, se aliasse àqueles que se contrapunham à reprodução da dominação vigente*"[84].

Mais uma vez, insistimos em não generalizar mas levar em consideração os princípios de cada profissional e de cada instituição, seja ela pública ou privada. A depoente citada, apesar de não ter sido formada pela ABRACEC teve muita contribuição na formulação curricular e prática inicial das disciplinas oferecidas pela escola. Diante das possibilidades existentes na época tentou mudar alguma coisa. Foi dispensada da ICASU, no entanto, simplesmente por ter sido contrária à idéia de que os "meninos" assistidos ali tivessem que "bater ponto".

> (...)"É, compraram um relógio de ponto, na época custava cinquenta mil cruzeiros, falei '*Gente num tem um, pra quê, gente? Vamos educar o menino, pra chegar na hora certa. A*

83 Depoimento gravado com Ana Virgilina de Paula em 10-06-1998.
84 SANTOS Antônio Gonçalves dos. Apud CARVALHO, A.M.P. de. et al. **Op. cit.** p. 126.

> *escola não vai bater ponto! Quando ele chega na escola, porquê que aqui vai bater ponto?'* Compraram e me mandaram embora, grávida! De gêmeos, eu estava, e eles não podiam ter me mandado embora..."[85]

Da mesma maneira que a depoente tentou resistir a este tipo de desmando, considerado descabido por ela, outros Assistentes Sociais também o fizeram, não homogeneamente, como já dissemos, em todas as instâncias de formação ou atuação dessa categoria na sociedade. Supomos que tenha havido um certo "jogo de cintura", claro, em menor proporção por parte de alguns. Percebemos também que há determinadas circunstâncias históricas que favorecem uma espécie de reestruturação da sua consciência. O fato de alguns profissionais virem atuando no campo empresarial, por exemplo, onde começam a tomar contato com os reais problemas e lutas dos trabalhadores desde o final da década de 50 no caso do Brasil, e estes mesmos profissionais estarem, por isso mesmo, levando visões de mundo diferentes para os seus companheiros de trabalho social, cuja atuação se dá em outros contextos, indica grandes possibilidades de tomada de consciência pelos mesmos.

Como foi observado no decorrer do segundo capítulo, bem como no ANEXO 3, foram abertos muitos campos e em várias áreas. Resta saber se naqueles mesmos locais, outrora estagiados, continuou a ter a atuação profissional dessa categoria. Sabemos também que muitos(as) Assistentes Sociais optaram por não atuarem ou por não seguirem tal profissão no mercado de trabalho. A própria Ana Virgilina é uma delas. Trata-se de um caso esporádico, mas nem por isso desprezível.

> (...)"Porque eu me desloquei da Faculdade por que eu quis... Eu não, eu me decepcionei quando eu não consegui, tive uma certa decepção quando eu não conseguia ser a, me efetivar dentro da escola mais... Ela (Eloah) lutou muito, ela falou, inclusive é, eu tinha o apelido de 'Naná', *'Naná tráz é, declarações, do que você fez pra mim encaixar no seu currículo'* e eu tinha muito pouca!... Então eu não estava com uma bagagem boa de declarações, de cursos, não é? Que eu poderia ter oferecido na faculdade e tal(...)"[86]

85 Depoimento gravado com Ana Virgilina de Paula em 10-06-1998.

86 Depoimento gravado com Ana Virgilina de Paula em 10-06-1998. O caso de Ana Virgilina teve mais um agravante, ela tinha uma certa dificuldade de se locomover – seqüelas de uma paralisia infantil - e isto a impedia de estar participando mais efetivamente de congressos, cursos, etc., além do que, como a mesma ajudava no sustento da família, era obrigada a optar sempre pelos trabalhos remunerados, os quais tomavam todo seu tempo disponível.

Observamos que, se a escola começava a exigir certificados, cursos, empenho e dedicação por parte dos docentes, é por que o nível do ensino ali almejava ser de qualidade. Quanto à depoente, é lógico que, apesar de não conhecermos em profundidade os problemas por que passou, ela dá a impressão de que simplesmente não quis mais lutar por seu espaço, principalmente dentro da faculdade, e conseqüentemente, foi perdendo o entusiasmo pela profissão num âmbito mais geral. No entanto, consideramos importante citar o caso específico da depoente, como forma de reconhecimento de seu trabalho no início da implantação do curso em Uberlândia, em nome certamente dos seus ex-colegas de profissão, ex-alunos(as), enfim, em nome principalmente daqueles que não tiveram oportunidade de lembrar e de serem lembrados.

No que diz respeito aos órgãos ligados ao Serviço Social, foi criado em 1962 o Conselho Federal de Serviço Social – CFESS, sendo que o mesmo funciona como instância máxima de fiscalização do exercício profissional. Há também os Conselhos Regionais de Serviço Social – CRESS que, por sua vez, surgem como autarquias federais com jurisdição por Estado. Em Minas Gerais, o CRESS foi criado em 1963, sendo conhecido como a 6ª Região. No mesmo período em que se debatia a reestruturação da grade curricular, 1984, foi criado em Uberlândia a 2ª Delegacia Seccional do Conselho Regional de Assistentes Sociais – 6ª Região, sendo que a outra Delegacia está localizada em Juiz de Fora[87]. A xerox da Ata de criação do CRESS[88] em Uberlândia, pode ser vista no ANEXO 4. Tal entidade estadual, com sede em Belo Horizonte, responde por todos os municípios em geral. As Delegacias Seccionais, por sua vez, são subordinadas financeiramente a ela e acompanham uma determinada área de abrangência. Conta com a receita exclusiva, sendo que a anuidade constitue dever do Assistente Social e estar em dia com suas obrigações pecuniárias é a condição de que necessita para exercer a sua profissão. Ao CRESS compete:

87 No Estado de Minas Gerais existem quatro escolas onde funciona o curso de Serviço Social. A PUC em Belo Horizonte; as Fac. de Ciências Contábeis de Caratinga na cidade de Caratinga; UFJF em Juiz de Fora e Unit – Centro Universitário do Triângulo em Uberlândia.

- orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício da profissão em área de jurisdição;
- zelar pelo livre exercício da profissão de Assistente Social;
- organizar e manter o registro profissional expedindo seus respectivos títulos;
- zelar pela observância do Código de Ética Profissional, funcionando como Tribunal Regional de Ética Profissional;
- impor as sanções previstas no Código de Ética Profissional;
- cumprir as resoluções e instruções do Conselho Federal de Serviço Social.

Recentemente há registro de mais de 4.500 Assistentes Sociais no CRESS – 6ª Região, mas no ano de 1988 eram os seguintes os números de profissionais inscritos nos Conselhos Regionais de Assistentes Sociais:

REGIÃO	ESTADOS CORRESPONDENTES	Nº de PROFISSIONAIS INSCRITOS
1ª	Belém, PA	1.200
2ª	São Luís, MA	1.238
3ª	Fortaleza, CE	1.375
4ª	Recife, PE	2.303
5ª	Salvador, BA	1.789
6ª	**Belo Horizonte, MG**	**2.746**
7ª	Rio de Janeiro, RJ	10.200
8ª	Brasília, DF	1.250
9ª	São Paulo, SP	22.000
10ª	Porto Alegre, RS	1.995
11ª	Curitiba, PR	565
12ª	Florianópolis, SC	1.018
13ª	João Pessoa, PB	1.169
14ª	Natal, RN	830
15ª	Manaus, AM	985
16ª	Maceió, Al	741
17ª	Vitória, ES	788
18ª	Aracaju, SE	619
19ª	Goiânia, GO	901
20ª	Cuiabá, MT	914
TOTAL		54.626

Fonte - Conselho Federal de Assistentes Sociais - CFESS em 07-06-1988.

Ou seja, em 10 anos, houve um aumento de mais de 100% com relação ao número de Assistentes Sociais no exercício da sua profissão.

De acordo com informações obtidas recentemente no CRESS de Uberlândia, o total de alunos formados pela ABRACEC, entre 1972 e 1989, com registro neste órgão é **153.** Conforme a listagem de alunos que fizeram TCCs obtida na Unit, que podem ou não terem se registrado no CRESS é de **579**[89]. A diferença entre os dois números acima – **426** – é, portanto, o número de alunos que se formaram pela ABRACEC e que não possuem registro algum no CRESS de Uberlândia, entre

88 Em 1988/89 era conhecido como a 2ª Delegacia do CRAS - Conselho Regional dos Assistentes Sociais.
89 Esta diferença é por não termos tido acesso ao número oficial de alunos que se formaram aqui, e que podem ter se registrado no CRESS em Belo Horizonte, já que até 1984 inexistia tal órgão em Uberlândia.

1972 e 1989. Tais números podem estar equivocados com grande margem de erro, primeiro devido ao pouco acesso às fontes de informação, e segundo porque na relação de TCCs que sistematizamos para obter tais dados, muitos(as) alunos(as) tiveram participação em mais de um estágio, e por isto mesmo, consta seu nome em duplicidade, o que, ilusioriamente, faz aumentar a quantidade de alunos(as) que supostamente se formaram.

Temos conhecimento também que somente na Prefeitura Municipal de Uberlândia, distribuídos nas suas diversas Secretarias, foram admitidos 25 Assistentes Sociais até 1989. Em pesquisa realizada no início de 1997 na Secretaria de Recursos Humanos da PMU, encontramos um total de 86 Assistentes Sociais e 19 Monitores Sociais (ver ANEXO 5). Ou seja, em menos de 10 anos o número de Assistentes Sociais atuantes ali quase triplicou. Vale lembrar que durante todo o período abordado, pode ter havido muitas demissões e readmissões, que para serem confirmadas demandariam um maior tempo de pesquisa.

A diretoria do CRESS - 6ª Região, juntamente com a Diretoria do Sindicato dos Assistentes Sociais, sub-sede nesta cidade (que surgiu junto com o CRESS e foi fechado em meados de 1989), planejaram e executaram conjuntamente uma pesquisa através de questionário distribuído para 300 profissionais dessa área até a fase de coleta de dados. Em virtude do fechamento do sindicato, a sistematização foi feita somente pelo CRESS. A realização desta pesquisa teve grande importância no encaminhamento de várias discussões e resoluções, tanto é que sua realização foi, inclusive, divulgada através da imprensa:

> "Assistentes Sociais realizam pesquisa
>
> A Delegacia do Conselho Regional e a Sub-sede do Sindicato dos Assistentes Sociais de Uberlândia, realizam pesquisa entre os prifissionais que atuam na cidade e região.
>
> Os objetivos da pesquisa são os de avaliar as condições e o mercado de trabalho e ainda identificar as principais dificuldades e necessidades da categoria.
>
> Na primeira fase da pesquisa, serão entrevistados somente os assistentes socias que estão trabalhando. Serão visitados todos os campos: empresas, hospitais, ambulatórios periféricos, entidades comunitárias, entidades que trabalham com menores, habitação, educação, consultórios particulares e outros.
>
> O lançamento da pesquisa será no dia 13/09/88 às 20:00 horas na Delegacia do CRAS – à rua Cel. Antônio Alves Pereira, 400, sala 319.
>
> Convidamos todos os assistentes sociais para comparecerem ao evento. Solicitamos mais uma vez o apoio dos colegas no sentido de colaborar com o grupo de entrevistadores, fornecendo informações corretas para que o trabalho possa atingir seus objetivos."[90]

90 Assistentes Sociais realizam pesquisa. **O Triângulo**, Uberlândia, 9 de setembro de 1988, pág. 4.

Dos trezentos, infelizmente apenas 86 devolveram o questionário no final de 1988 e início de 1989. O trabalho de análise e sistematização dos mesmos ficou somente sob a responsabilidade do CRESS, já que o Sindicato deixou de existir. Optamos por reproduzir neste capítulo o resultado de tal pesquisa, pela qual pudemos ter uma idéia da situação desta categoria profissional em 1989, ano que coincidentemente "fecha" o período que abordamos.

Tabela 1[91]

DISTRIBUIÇÃO DOS PROFISSIONAIS SEGUNDO A ÁREA DE ATUAÇÃO		
ÁREA DE ATUAÇÃO	NÚMERO	(%)
Saúde/Comunidade	11	12,7%
Deficiente mental/Instituição	3	3,5%
Comunitário/Instituição	16	18,6%
saúde/Previdência	5	5,8%
Saúde/Hospital	9	10,4%
Hospital Psiquiátrico	1	1,2%
Empresa	14	16,2%
Menor	5	5,8%
Educação	6	7,0%
Magistério	3	3,4%
Saúde/Centros Regionais	3	3,4%
Saúde/Instituição	3	3,4%
Habitação	4	4,6%
Prestação de Serviços (SESI, SENAI)	1	1,2%
Serviço Social Clínico	1	1,2%
Não respondeu	1	1,2%
TOTAL	86	100,0%

Como podemos observar na tabela 1, as áreas de maior índice de atuação profissional por parte dos Assistentes Sociais em Uberlândia, no ano de 1989, foram as Comunidades, abordadas através de instituições várias, mas principalmente as ligadas à Prefeitura Municipal e à Universidade Federal de Uberlândia, tais como: creches, escolas, centros de formação para menores, postos de saúde, etc.. Em segundo lugar estão as empresas de médio e grande porte que, a nível privado, além de estarem conscientes da importância desse profissional em seu quadro de funcionários, eram obrigadas a empregar um Assistente Social, como nos indica Marilza.

> (...)"E aí surgiu uma lei quando com o processo de industrialização, e que isso também foi imitação de fora. Que a empresa que tivesse tantos funcionários ela era obrigada a ter um Assistente Social, e essas empresas começaram a vir para cá, com essa exigência, tá? E aí

91 Além desta, todas as tabelas e gráficos a seguir estão no arquivo do CRESS – 6ª Região em Uberlândia.

> esse mercado de trabalho foi ampliando. Eu acho assim, o Serviço Social em empresa em Uberlândia ele surgiu, acho que junto com o Serviço Social Público a nível da Universidade, quando ela foi implantada, porque também foi um grande, empregador aqui em Uberlândia a Universidade, é, foram os primeiros campos de trabalho para o profissional, não é?(...) o que eu sei é que, o Serviço Social de Empresa, que eu conheci em Uberlândia, ele era tremendamente atrelado ao empregador, ao empresariado...
> (...)Tá? Muito, muito mesmo, e na realidade nessa época, e mesmo na época da minha formação, isso não era o papel do Assistente Social mais, percebe?"[92]

Em terceiro e quarto lugares na tabela 1, vêm respectivamente, Saúde/Comunidade e Saúde/Hospital, confirmando assim o que Marilza diz em seu depoimento com relação às áreas de atuação de um dos grandes empregadores destes profissionais aqui em Uberlândia, pelo menos naquela época.

Tabela 2

DISTRIBUIÇÃO DOS PROFISSIONAIS SEGUNDO A FORMA DE ADMISSÃO NO EMPREGO ATUAL		
FORMA DE ADMISSÃO	NÚMERO	(%)
Indicação	47	54,6%
Seleção Pública	8	9,3%
Concurso Interno	15	17,5%
Promoção	6	7,0%
Iniciou como voluntário	3	3,4%
Concurso Público	4	4,6%
Não responderam	3	3,4%
TOTAL	86	100,0%

Quanto a forma de admissão, nem precisa dizer que o concurso público, que acreditamos ser a forma menos comprometedora de admissão de trabalhadores em qualquer área ou nível, está entre os menores índices conforme a tabela 2. A "Indicação", forma de admissão que ultrapassava os 50% em 1989, dá indícios para, no mínimo, questionarmos os reais benefícios que tais profissionais proporcionavam à comunidade de uma maneira geral na época.

Tabela 3

DISTRIBUIÇÃO DOS PROFISSIONAIS SEGUNDO O CARGO QUE OCUPAM CONFORME REGISTRO NA CARTEIRA PROFISSIONAL		
CARGO	NÚMERO	(%)
Assistente Social	73	84,8%
Auxiliar de Serviço Social	2	2,3%
Monitora Social	1	1,2%
Estagiária de Serviço Social	1	1,2%
Diretora Executiva	1	1,2%
Professor	3	3,5%
Não responderam	5	5,8%
TOTAL	86	100,0%

92 Depoimento gravado com Marilza Helena Betanho em dia 14-05-1998.

Observando novamente o quadro no ANEXO 5 e, concomitantemente a tabela 3, verificamos que a porcentagem de "monitores(as) sociais", atuantes, por exemplo, na PMU continua crescendo. Acreditamos também que esta função se assemelharia à de "Auxiliar de Serviço Social". Ambas seriam, supostamente, funções substitutivas do Assistente Social com formação acadêmica a nível de 3º Grau, ou seja, seriam funcionários(as) que tecnicamente ou mecanicamente desempenhariam a mesma função de um Assistente Social. Isto seria a forma encontrada pelo empregador para continuar obtendo os mesmos retornos, com uma mão-de-obra mais barata, menos onerosa para sua folha-de-pagamento. Esta atitude por parte do empregador, camuflando suas reais intenções, prejudica principalmente os(as) Assistentes Sociais regulamentados(as), já que estão, desde aquela época, perdendo espaço para tais profissionais ("Auxiliar de Serviço Social" e "Monitor(a) Social), os quais consideramos "pouco qualificados". Consequentemente, seus clientes diretos também podiam não estar sendo atendidos conforme a racionalidade e a cientificidade tão idealizadas quando da criação do curso.

Tabela 4

DISTRIBUIÇÃO DOS PROFISSIONAIS SEGUNDO O TEMPO EM QUE ATUA NO EMPREGO ATUAL		
TEMPO DE ATUAÇÃO	NÚMERO	(%)
Menos de 1 ano	16	18,6%
De 1 a 3 anos	32	37,2%
De 4 a 6 anos	14	16,2%
Acima de 6 anos	23	26,7%
Não respondeu	1	1,2%
TOTAL	86	100,0%

Na tabela 4, podemos observar um crescimento de Assistentes Sociais que não migravam de emprego (de 16 p/ 32 e de 14 p/ 23), ou seja, proporcionalmente ia aumentando seu tempo de atuação num mesmo emprego. Este fato indica tanto um mercado de trabalho promissor para sua atuação em Uberlândia, quanto "competência" no desempenho das suas funções. Infelizmente, o tipo de questionário que foi proposto, geralmente com respostas optativas, não possibilitou que tivéssemos informações, por exemplo, sobre as causas das migrações ou permanências dos Assistentes Sociais. Conforme sistematização acima, supomos que nestas porcentagens estivessem incluídos ou os(as) formados(as) recentemente,

ou aqueles que foram dispensados, ou ainda os que optaram por sair dos empregos, por motivos variados.

Gráfico 1



Para que pudéssemos analisar o gráfico acima, precisaríamos saber o motivo que levou 44,10% dos Assistentes Sociais não estarem satisfeitos com sua atuação prática em 1989. Será que é porque não tinham autonomia para decidir o que era mais conveniente fazer, de acordo com a formação recebida? Ou será que se sentiam frustrados com o andamento ou resultado da sua atuação, ao pôr em prática a teoria apreendida durante o curso? Ou ainda pelo salário da categoria?

Mas o que interessava para os autores do questionário distribuído, apesar de ser uma avaliação das condições do mercado de trabalho e ainda a identificação das principais dificuldades e necessidades da categoria, ficou muito superficial, justamente pela omissão de informações indispensáveis para uma análise mais rigorosa.

Tabela 5

DISTRIBUIÇÃO DOS PROFISSIONAIS SEGUNDO A CARGA HORÁRIA SEMANAL		
CARGA HORÁRIA	NÚMERO	(%)
Até 20 horas	2	2,3%
20 horas	6	6,9%
30 horas	13	15,1%
40 horas	49	56,9%
Mais de 40 horas	15	17,4%
Não respondeu	1	1,2%
TOTAL	86	100,0%

Tabela 6

DISTRIBUIÇÃO DOS PROFISSIONAIS SEGUNDO O HORÁRIO EXTRA DE TRABALHO		
FAZEM HORAS EXTRAS	NÚMERO	%
Sim	38	44,1%
Não	45	52,3%
Não responderam	3	3,4%
TOTAL	86	100,0%

Tabela 7

DISTRIBUIÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS DE ACORDO COM A FAIXA SALARIAL		
FAIXA SALARIAL	NÚMERO	(%)
De 1 até 2 Sal/Mínimos	3	3,5%
De 2 até 4 Sal/Mínimos	24	27,9%
De 4 até 6 Sal/Mínimos	22	25,5%
De 6 até 8 Sal/Mínimos	13	15,1%
De 8 até 10 Sal/Mínimos	12	13,9%
Acima de 10 Sal/Mínimos	9	10,4%
Não responderam	3	3,5%
TOTAL	86	100,0%

O teto mínimo para se remunerar um Assistente Social hoje, com registro no CRESS, é em torno de seis salários mínimos[93]. Na época da realização do questionário (1988/89), e mesmo hoje, os empregadores, conscientes do crescente aumento do "exército de reserva" no mercado de trabalho, acabavam aumentando no tempo trabalhado o que não podiam, por lei, diminuir no salário. Ou seja, eles pagavam (ou pagam) os justos seis salários mínimos, mas é possível afirmar a partir da análise comparativa das tabelas 5, 6 e 7 que eles, em compensação, aumentam a carga horária de trabalho e não remuneram as horas-extras.

Tabela 8

DISTRIBUIÇÃO DOS PROFISSIONAIS EM RELAÇÃO A SUA FAIXA SALARIAL E DEMAIS PROFISSIONAIS DO MESMO LOCAL DE TRABALHO		
SALÁRIO DOS PROFISSIONAIS DE NÍVEL SUPERIOR	NÚMERO	(%)
Maior que do Assistente Sociai	43	50,0%
Menor que do Assistente Social	-	-
Igual ao do Assistente Social	40	46,5%
Não sabe	3	3,5%
TOTAL	86	100,0%

Os números da tabela 8 apontam que uma porcentagem considerável de outros funcionários, certamente com o mesmo nível de formação acadêmica que os Assistentes Sociais, estava em situação salarial privilegiada na da maioria das

93 Houve no ano de 1986 uma reunião dos Assistentes Sociais com o objetivo de discutirem a votação do Projeto Lei da categoria, sendo que o piso salarial estava na pauta de discussões (ver artigo ANEXO 6).

empresas uberlandenses no ano de 1989. Resta-nos saber que tipo de reflexões houve e se foi planejado e executado alguma ação no sentido de reverter tal quadro.

Uma outra questão que vinha sendo muito discutida por volta de 1984 era com relação ao atrelamento assistente social/clientela. Conforme pudemos observar em alguns debates naquele período, tal relação perpassava pela forma com que o Assistente Social intervinha em determinada situação podendo, por sua vez, se reorientar dependendo da maneira como era visto o seu papel profissional. Ou seja, de acordo com SANTOS, era do vínculo estabelecido com a clientela que iria depender "*o desempenho do Assistente Social, ocupando e/ou abrindo espaços*" e possibilitando que, "*na correlação de forças configurada em cada situação concreta, se aliasse àqueles que se contrapunham à reprodução da dominação vigente*"[94].

Gráfico 2

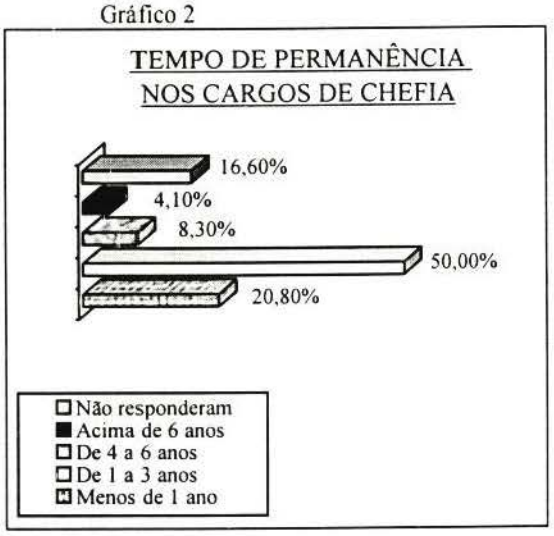
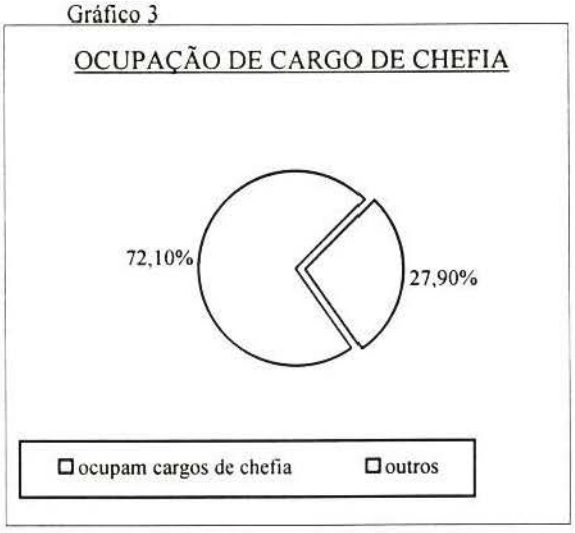


Gráfico 3



Em 1989, conforme gráficos 2 e 3, era considerável a quantidade de Assistentes Sociais ocupando cargos de chefia. Devemos, no entanto, considerar que, principalmente nos órgãos públicos, sendo a Universidade Federal e a Prefeitura Municipal de Uberlândia os de maior destaque, sempre houve muita rotatividade de cargos, principalmente os de maior responsabilidade, nos anos eleitorais. Portanto, não necessariamente após todas as eleições federais, estaduais ou municipais, os(as) próximos(as) chefes de departamentos, secretários(as), etc.,

94 SANTOS, Antônio Gonçalves dos. **Op. cit.**, p. 126.

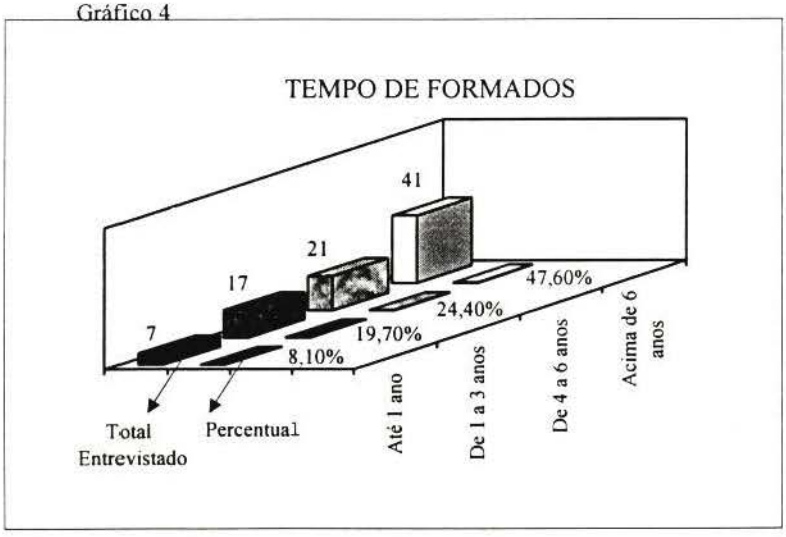
eram Assistentes Sociais o que, eventualmente, poderia diminuir ou aumentar as margens, tanto de tempo de permanência quanto de ocupação nos cargos de chefia.

tabela 9

DISTRIBUIÇÃO DOS PROFISSIONAIS SEGUNDO O NÍVEL DAS TAREFAS DESEMPENHADAS		
NÍVEL DAS TAREFAS DESEMPENHADAS	NÚMERO	(%)
Planejamento/coordenação/execução/supervisão/assessoria	36	41,8%
Planejamento, coordenação, execução e supervisão	6	6,9%
Planejamento, coordenação e execução	13	15,1%
Planejamento e coordenação	2	2,3%
Planejamento e execução	2	2,3%
Execução e Assessoria	1	1,2%
Assessoria	1	1,2%
Planejamento, coordenação, supervisão e assessoria	1	1,2%
Planejamento, execução e supervisão	2	2,3%
Execução	5	5,8%
Coordenação, execução e supervisão	1	1,2%
Planejamento, execução e assessoria	1	1,2%
Coordenação, supervisão e assessoria	1	1,2%
Planejamento e assessoria	1	1,2%
Coordenação	1	1,2%
Coordenação e assessoria	1	1,2%
Planejamento, execução, supervisão e assessoria	1	1,2%
Planejamento, coordenação, execução e assessoria	4	4,6%
Planejamento, execução e assessoria	6	6,9%
TOTAL	86	100,0%

Segundo o nível das tarefas desempenhadas (tabela 9), a grande maioria dos Assistentes Sociais no mercado de trabalho participava e realizava todas as etapas obrigatórias de um projeto, de acordo com a sua formação. Portanto, supomos que mesmo exercendo cargos considerados de chefia, muitos profissionais não dispunham de infra-estrutura e recursos humanos suficientes para desenvolverem seus projetos.

Gráfico 4



Com relação ao gráfico 4 podemos observar que quase 50% dos Assistentes Sociais que responderam ao questionário haviam se graduado há mais de 6 anos, ou seja, sua formação se deu anteriormente ao ano de 1983.

tabela 10

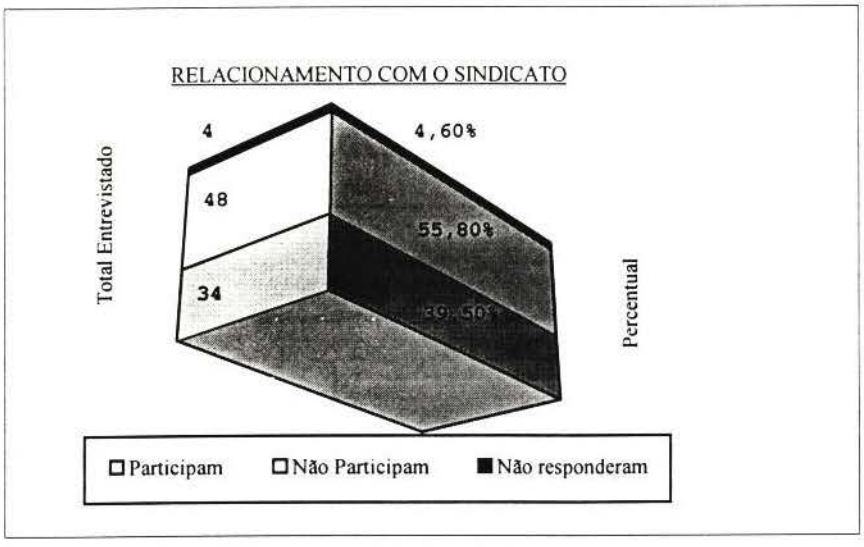
DISTRIBUIÇÃO DOS PROFISSIONAIS SEGUNDO O LOCAL EM QUE FEZ O CURSO DE GRADUAÇÃO		
ESTABELECIMENTO DE ENSINO	NÚMERO	(%)
Faculdade de Serviço Social de Uberlândia	76	88,3%
Universidade Federal o Espírito Santo	1	1,2%
Universidade Católica de Goiás	1	1,2%
PUC de Campinas	3	3,5%
UNAERP - Ribeirão Preto	2	2,3%
Faculdade Metropolitana de São Paulo	1	1,2%
Não responderam	2	2,3%
TOTAL	86	100,0%

Como já havíamos observado no capítulo II através dos Trabalhos de Conclusão de Curso, a maioria dos(as) alunos(as) ao tecerem uma espécie de conclusão, de uma maneira homogênea sempre remetiam à mesma problemática: falta de interelação entre teoria e prática. A tabela 11 a seguir vem, portanto, confirmar as observações já feitas.

tabela 11

DISTRIBUIÇÃO DOS PROFISSIONAIS SEGUNDO A RELAÇÃO DE CORRESPONDÊNCIA ENTRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA E A ATUAÇÃO PRÁTICA		
ATUAÇÃO/CORRESPONDÊNCIA À FORMAÇÃO	NÚMERO	(%)
Acham que sua atuação corresponde à sua formação profissional	43	50,0%
Acham que sua atuação corresponde em parte à sua formação profissional	43	50,0%
TOTAL	86	100,0%

Gráfico 5



Quanto ao relacionamento dos Assistentes Sociais com o sindicato, boa parte dos que responderam o referido questionário, tinham alguma relação com o mesmo. Acreditamos que isto tenha influenciado, de certa forma, o caráter das respostas, pois sendo participantes de um órgão em defesa dos seus interesses trabalhistas deviam ser minimamente críticos com relação à sua realidade.

Consideramos finalmente, no que diz respeito à atuação dos Assistentes Sociais que, se por um lado há o reconhecimento por parte de alguns "assistidos", por outro há uma certa indagação no que se refere ao real papel que deve representar este profissional. Um exemplo de atuação que pode ainda estar sendo prática comum no mercado de trabalho, quem nos indica é uma das depoentes.

> (...)"inclusive eu cheguei na medicina doente, a Assistente Social fez de conta que não me viu... Foi minha aluna, trabalhou comigo, depois... Eu acho assim muito, de entrar, uma Assistente Social, porque ela trabalha com o ser humano... Se ela conheceu um cachorro, tudo bem, porque são vários cachorros que parecem um com o outro, um veterinário, não é? Agora, ela trabalhou com ser humano que, tem condição de por exemplo, pelo menos dizer uma palavrinha, *'Oi e tal, como é que você está?'*... Tem pessoa que chega(...) empina o nariz, eu não acho isso gratificante pra mim não!(...) Eu acho que elas poderiam ter uma ética profissional mais adequada... Poderiam ter mais bagagem para trabalhar junto com o ser humano. Tá vendo porque? Se eu sou um cliente e se eu vou atrás de você é porque eu estou precisando realmente de você."[95]

De acordo com o Conselho Federal de Serviço Social – CFESS, os princípios da profissão estão definidos no Código de Ética do Assistente Social, onde destacam-se:

- A defesa dos direitos humanos, civis, sociais e políticos, e combate ao arbítrio e ao autoritarismo;
- A defesa da democracia, enquanto socialização da participação política e da riqueza socialmente produzida;
- O compromisso com a qualidade dos serviços prestados à população e com o aprimoramento intelectual dos profissionais.

A partir do depoimento citado anteriormente, questionamos em que medida o ser humano é prioridade no trabalho dos Assistentes Sociais. Pode ser que prevaleça ainda simplesmente a sua auto-promoção no mercado de trabalho, resultado da supervalorização de um diploma acadêmico. No entanto, trata-se de uma escolha

95 Depoimento gravado com Ana Virgilina de Paula em 10-06-1998.

que deve ser séria e comprometida com os princípios de ética profissional, tanto do seu como de qualquer outro curso, cujo objetivo é lidar direta ou indiretamente com pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao lançarmos uma visão panorâmica sobre o curso de Serviço Social da ABRACEC em Uberlândia, no período de 1972 a 1989, percebemos algumas especificidades que merecem destaque. Ao estabelecermos a relação deste com outros cursos no Brasil, constatamos que tanto a formação quanto a atuação dos profissionais desta categoria, grosso modo não diferem entre si. No entanto, algumas características locais são marcantes: o fato de o Curso não ter sofrido nenhuma influência ou apoio direto da igreja católica quando da sua criação, ou ainda em relação ao perfil, principalmente da primeira turma (vanguarda da atuação profissional na área social nesta cidade), basicamente composta por senhoras "bem situadas na vida" e não por jovens, como na maioria das outras instituições que ofereciam este curso no mesmo período.

Quanto à formação, apesar do entusiasmo e empenho iniciais, houve um certo descuido no que se refere à qualificação docente. Não só no que diz respeito à sua contratação, pouco exigente no início, mas principalmente com relação à desvalorização e falta de investimentos no exercício da docência em determinado período. Vale lembrar que praticamente todos os professores necessitavam de outros empregos para sobreviver, o que inviabilizava a sua dedicação exclusiva na instituição educacional, obviamente deixando a desejar no que se refere à pesquisa e extensão.

No que diz respeito ao funcionamento administrativo da escola, houve algumas vitórias. Os professores conseguiram melhores condições de trabalho e isto, conseqüentemente, elevou o nível do Curso. Assistentes Sociais mais conscientes e engajados no mercado de trabalho trouxeram para cá o Conselho Regional de Serviço Social - CRESS, sendo que chegou a funcionar até um Sindicado destes profissionais em Uberlândia (provavelmente entre 1984 e 1989). Estes órgãos cooperaram para um melhor desempenho e reconhecimento da categoria no mercado de trabalho.

Optamos por investigar, apenas a partir das fontes disponíveis, os campos de formação e atuação do Serviço Social em Uberlândia. Portanto, apenas coletamos subsídios que pudessem cooperar ou facilitar o andamento de posteriores pesquisas. Assim, acreditamos que este trabalho terá sua mais relevante contribuição nesse sentido, já que pode servir de fonte para o desenvolvimento de outras possibilidades temáticas.

Alguém que queira trabalhar, por exemplo, com uma empresa a qual tenha sido estagiada por Assistentes Sociais, pode vir a obter informações valiosíssimas através dos TCCs (trabalhos de Conclusão de Curso) no que diz respeito não só à história da instituição empresarial com relação, inclusive, à sua localização geográfica, mas principalmente deverá perceber os problemas diretamente relacionados aos trabalhadores por ela contratados, público alvo por excelência das estagiárias. Os TCCs empresariais, de uma maneira geral, possuem algumas características comuns. Há, por exemplo, vários Trabalhos de Estágios feitos em empresas diferentes, mas ligadas por setores comuns, ou ainda uma mesma empresa que foi estagiada várias vezes em períodos distintos e por grupos diferentes.

Comunidades e/ou associações de bairro merecem também atenção, quando sabemos que no curso de História da Universidade Federal de Uberlândia há alunos pesquisando sobre tal temática. Sobre esta área especificamente podemos afirmar que as estagiárias elencam por exemplo as empresas, as escolas, as igrejas e até os locais de lazer inseridos no bairro. Informam ainda sobre o perfil dos moradores, como os mesmos se organizam social e economicamente, etc., informações estas muitas vezes dificilmente encontradas ou minimamente sistematizadas em outras fontes documentais. Outras vezes, encontramos quadros estatísticos de vários períodos. Estes podem ir desde a distribuição da população local (do bairro) segundo a idade, até a porcentagem de negros ou ainda os tipos de profissões que são exercidas por seus moradores.

O que muito nos chamou a atenção no conteúdo das entrevistas foi o debate em torno da disputa de atenção e interesses entre a ex-ABRACEC (hoje Unit) e a Universidade Federal de Uberlândia. Seria este um outro enfoque temático que pode vir a ser encampado pela História. Nesse sentido, são inúmeras as sugestões que

poderíamos estar colocando aqui, as quais somente pudemos vislumbrar no andamento do atual trabalho de pesquisa.

A prática dos estágios orientados pela Escola de Serviço Social não tinham um caráter de transformação da realidade social, apesar do que o curso propunha com seus objetivos, e isto pode ser constatado a partir dos estágios referenciados. No entanto, os dados por eles levantados constituem-se em valiosas fontes documentais para o exercício do historiador que tem como temática os problemas sociais em Uberlândia.

ANEXO 1

De acordo com as fontes encontradas no arquivos da 40ª Superintendência Regional de Ensino, local para onde foi encaminhada toda a documentação da ABRACEC quando da sua extinção, obtivemos informações que dizem respeito desde a sua denominação ao longo do tempo, passando por seus diretores, entidades mantenedoras, cursos e habilitações que ofereceu, prédios onde funcionou, número de alunos por ano, até a relação do corpo docente que atuou em determinados anos.

Gostaríamos de esclarecer, no entanto, que no contato com as fontes detectamos a perda de muitos documentos, danificados pela forma inadequada com que estavam arquivados. Portanto, no que se refere às informações obtidas a respeito da instituição escolar aqui tratada, estamos abertos a sugestões de alteração e/ou complementação, desde que pertinentes, no sentido de dar uma maior veracidade ao conteúdo final deste trabalho.

Resumidamente, assim foram sistematizados os dados obtidos em tal fonte: A Associação Brasil Central de Educação e Cultura ou *Colégio Brasil Central*, nome pelo qual aquela instituição de ensino vinha sendo chamada quando foi extinta, denominava-se em 1924 (ano de sua fundação) *Escola Normal de Uberabinha*. Seu fundador e 1° Diretor foi o professor Antônio Luiz da Silveira, que na época também dirigia o *Ginásio de Uberabinha*, em cujo prédio aquela escola começou a funcionar em caráter irregular.

Em 3 de setembro de 1926, dois anos após ter sido fundada, o decreto n° 7.349 do governo estadual, reconhecia e anexava a *Escola Normal de Uberabinha* ao então já conhecido *Ginásio de Uberabinha*[1]. Nesta data, o diretor que ali passou a atuar foi o professor José Avelino, o qual exerceu tal cargo somente até 1927, quando o então farmacêutico e professor José Inácio de Souza assumia o cargo de diretor da mesma.

No ano de 1929, mais especificamente no dia 03 de janeiro, pelo decreto n° 8.958, o *Ginásio de Uberabinha* foi oficialmente criado, passando a denominar-se

[1] Hoje "Escola Estadual de Uberlândia" - MUSEU.

Ginásio Mineiro de Uberabinha. No entanto, este mesmo decreto obrigava o professor José Inácio de Sousa a abandonar o prédio onde estavam instaladas as dependências da *Escola Normal de Uberabinha*, a qual ele havia adquirido do professor José Avelino. Isto aconteceu, devido ao fato de tal prédio ter sido doado ao Estado de Minas Gerais por uma certa "Sociedade Benemérita", outrora existente nesta cidade e que o havia construído para tal fim. Diante desta situação, soube-se que:

> "Tomadas as providências que se faziam necessárias, o professor José Inácio transferiu seu estabelecimento de ensino para a rua Marechal Deodoro, esquina com Vigário Dantas*, onde instalou-se somente com a Escola Normal e cursos inferiores."[2]

Apesar da exigência do Estado, foi somente em 3 de outubro de 1929, ou seja, dez meses depois, que o *Ginásio de Uberabinha*, através do decreto n° 9.159, foi anexado e mantido pelo governo do Estado, passando assim a ser realmente oficial. Através deste mesmo decreto, a *Escola Normal de Uberabinha* foi oficialmente desmembrada do *Ginásio de Uberabinha*.

Em 1937, por injunção da lei, foi organizado o *Instituto Brasil Central*. Em 3 de novembro deste mesmo ano, um Despacho Ministerial liberava a fiscalização sob o Regime de Inspeção Preliminar daquela Escola. Vale lembrar que nome "Brasil Central" se deveu nada mais nada menos que à sua localização geográfica.

Em 1942, o *Instituto Brasil Central* passou à denominação de *Ginásio Brasil Central*. Um dos pontos colocados na forma de lei através da Reforma "Gustavo Capanema" neste ano diz:

> "...Pela lei orgânica do ensino em apreço, estará o mesmo dividido em dois ciclos, o primeiro denominado Ginásio, com 4 anos e o segundo compreendendo o curso clássico e o curso científico, com 3 anos e denominado Colégio..."[3]

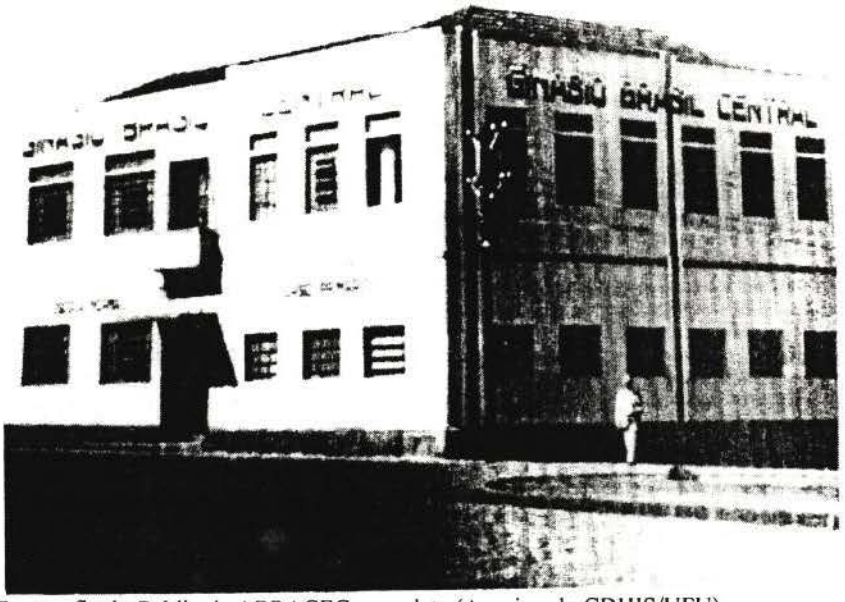
Quanto ao endereço, sabe-se que foi entre 1942 e 1943, o período onde o *Ginásio Brasil Central* passou a funcionar à Rua Barão de Camargos, 695[4].

---

* Neste local, hoje (1998), funciona um pensionato para moças.

[2] TEIXEIRA, Tito. **Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central: História da Criação do Município de Uberlândia**. Uberlândia, Udia Gráfica Ltda, 1ª Edição, 2V., 1970, p.300-303.

[3] Jornal **O Repórter**, Uberlândia, quarta-feira, 13 de janeiro de 1943, n° 548, ano 10, p. 01.



Fotografia do Prédio da ABRACEC, sem data (Arquivo do CDHIS/UFU)

Em 1943, mais exatamente no dia 1° de janeiro, a instituição educacional foi doada por seu diretor-proprietário a seus filhos, sendo que só em 1947, dois deles assumiram a direção do então *Ginásio Brasil Central,* por seu pai ter se afastado do cargo por motivos de saúde. Eram eles o Dr. Manoel Tomás Teixeira de Souza, e o Dr. Arnaldo Godoy de Souza, ambos já atuantes, naquela época, como professores daquele educandário, onde permaneceram até 1966. José Inácio de Souza veio a falecer no dia 24 de maio de 1953.

Em 26 de outubro de 1943, o Regime de Inspeção permanente foi liberado através do decreto n° 13.745. Iniciava-se uma outra etapa daquela instituição quando, no final de 1965, o professor Antônio Macedo, juntamente com o professor Gerson Antônio Pimenta fundaram a "Escola Técnica em Química Industrial", a nível de 2° Grau, que começou a funcionar no prédio do *Ginásio Brasil Central.*

Mas foi somente no dia 13 de maio de 1980, através da portaria 226/80, que a então mantenedora é reconhecida e transferida para o nome de ABRACEC.

[4] Após a ABRACEC ter sido extinta, no prédio localizado neste endereço funcionou a FIT (Faculdades Integradas do Triângulo, hoje UNIT - Centro Universitário do Triângulo) e hoje funciona o Colégio "OBJETIVO".

Também foi por esta portaria que oficializou-se o Reconhecimento da "Escola Técnica em Química Industrial", ou seja, 14 anos após a mesma ter sido fundada.

Por fim, no dia 04 de fevereiro de 1989, foram encerradas as atividades do *Colégio Brasil Central* e revogados os atos de autorização e reconhecimento por solicitação da própria entidade mantenedora, através da portaria n° 064/89.

Com relação aos cursos e habilitações oferecidos pela instituição, podemos considerar que, com exceção das duas primeiras décadas de funcionamento, a ABRACEC esteve sempre voltada para a formação de técnicos na área do comércio, da indústria ou da educação, ambos a nível de 2° Grau. No seu início, prevalecia um ensino elitizado, dadas as condições sócio-econômicas dos familiares dos alunos ali matriculados, como constatou-se através de pesquisa nos "Registros de Matrículas", onde averiguamos as profissões[5] exercidas pelos pais dos alunos, além de outras fontes que mostram, por exemplo, as anuidades cobradas no ano de 1957 (único ano em que se encontrou tais registros com estas informações):

> "Para o curso CIENTÍFICO, é de Cr$3.600,00(treis mil e seiscentos cruzeiros), sendo que a primeira prestação é de Cr$600,00(seiscentos cruzeiros) e o restante a Cr$300,00(trezentos cruzeiros) por mês, cada um.
>
> Para o curso GINASIAL, é de rm$3.000,00(treis mil cruzeiros), sendo que a primeira prestação é de Cr$500,00(quinhentos cruzeiros) e o restante a Cr$250,00(duzentos e cinquenta cruzeiros) por mês, cada um."

Além disso, deduz-se pelas cidades de origem dos alunos, informação que também está nos primeiros "Livros de Matrículas" encontrados, que grande parte deles se deslocava para cá (certamente através da estrada-de-ferro da "Mogiana") originários de cidades muitas vezes distantes, ou até de outros Estados, ficando aqui alojados em regime ou de internato ou de semi-internato. Este fato, de certa forma, também nos indica o nível sócio-econômico dos alunos, cujos pais deviam arcar com o pagamento das altas taxas de matrículas, mensalidades e outras despesas da própria escola, além de terem que subvencionar o transporte e/ou a estadia dos filhos em pensionatos na cidade de Uberlândia.

É interessante observarmos que foi principalmente em fins da década de 60 início de 70, com o advento da "Cidade Industrial" em Uberlândia, que houve um

"boom" de cursos profissionalizantes. Isto foi visualizado, principalmente através do "Regimento Escolar", e dos "Livros de Matrículas" ali encontrados, onde notamos um oferecimento maior destes cursos, bem como a procura pelos mesmos. Além disso, percebemos claramente a mudança da clientela estudantil, que vai aos poucos deixando de vir principalmente do seio da classe considerada mais abastada, da sociedade uberlandense e região, para ceder lugar aos "menos favorecidos" que, à procura de uma melhor chance no então "promissor" mercado de trabalho, fez crescer a demanda por cursos técnico-profissionalizantes, cujas empresas mais pudessem vir a absorvê-los nos seus quadros de funcionários.

[5] Dentre estas profissões, destacamos: "boiadeiro", "negociante", "capitalista", capangueiro", "agenciador", "corretário", "criador de gado", "comissário" e "oficial".

ANEXO 2

EMENTÁRIO DAS DISCIPLINAS

1) HISTÓRIA DO SERVIÇO SOCIAL
Compreensão da história conjuntural do Serviço Social, dos primórdios à atualidade, com subsídios sobre a profissão e sua evolução.

2) TEORIA DO SERVIÇO SOCIAL I
Aprofundamento sobre o desenvolvimentismo. Reconceituação, focalizando o movimento, geração 65 e visão de mundo. Análise dos documentos de Araxá, Teresópolis, Sumaré e Boa Vista visualizando as Bases Teóricas e Metodológicas. Fases pré-técnica, técnica, pré científica e científica. Objeto e sujeito (Tradicional e reconceituado) Sistematização teórica.

3) TEORIA DO SERVIÇO SOCIAL II
Os métodos de Caso, grupo e comunidade. Valores ético normativo e conotação ideológica. Conceituação sobre os Métodos e Metodologia- princípios de ação, operações p/ o diagnóstico e técnicas de habilidades e atitudes. Unidade de intervenção-natureza psicosocial, social e política. Conquistas e limitações à atual produção teórica. Aprofundamento do S.S. – elaboração teórica e investigação.

4) TEORIA DO SERVIÇO SOCIAL III
Visão teórica aplicada à prática, focalizando os diversos instrumentos técnicos (Triagem – Entrevista – Relatórios diversos – diário de campo – pauta de reunião e otimização da mesma, documentação pessoal para estudo e diagnóstico, cronogramas) leituras complementares. Vida cotidiana e cotidianeidade. Um Sserviço Social ajustador mas não ajustado. Início e final de um processo de intervenção.

5) COORDENAÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO – C.T.C.
A importância da formação profissional para o Serviço Social. Tipos de aprendizagem. Etapas de aprendizagem. A compreensão do espaço profissional frente à Instituição, os recursos da comunidade e sua importância no contexto de trabalho. Observação e análise crítica das áreas de atuação do Serviço Social.

6) METODOLOGIA I
Fundamentação metodológica para a sua aplicabilidade no cotidiano nas diferentes perspectivas teórico-metodológicas do Serviço Social.

7) METODOLOGIA II

Investigação social com análise do que é a vida cotidiana e o cotidiano em nosso mundo. Investigacão psicossocial – conceito, instrumental técnico, relacionamento, observação, área psicológica e fisiológica na observação direta, entrevista, área psicológica, fisiológica e social na comunicação verbal. Roteiro do estudo psicossocial – quadro de referência operacional. Investigação a nível dos processos do Serviço Social.

8) METODOLOGIA III

Pressupostos teóricos fundamentais para conhecimento e aplicação do diagnóstico em Serviço Social. Processos metodológicos e novos modelos. O diagnóstico e sua aplicabilidade nos processos de Serviço Social. A prática efetiva do Assistente Social.

9) METODOLOGIA IV

Análise e síntese dos conteúdos abordados, na perspectiva da intervenção, propondo a criação e recriação de procedimentos, instrumentos e técnicas diante de novas alternativas de atuação.

10) PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL

Introduzir aspectos do conhecimento científico, considerando os diversos tipos de pesquisa, vinculando-a à busca de conhecimento de processos decisivos na sociedade como um todo num momento histórico determinado.

11) PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL II

Instrumentalizar o aluno cientificamente para a elaboração de projetos de pesquisa. Aplicabilidade da pesquisa para coleta de dados fidedignos para atuação do Serviço Social.

12) ADMINISTRAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL I

Definição de administração, noções básicas do porque das organizações e o papel do administrador. O processo de administração. A evolução da teoria administrativa e o desenvolvimento organizacional.

13) ADMINISTRAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL II

A localização do Serviço Social na estrutura organizacional e/ou no processo de trabalho. Formas operativas de administração dos Serviços Sociais nas Instituições.

14) ÉTICA E DEONTOLOGIA

Compreensão do objeto específico da ética, qual sua relação com a história, qual sua essência, em que a moral se distingue de outras formas de comportamento, o que dela decorre para o sujeito em termos de

obrigação/responsabilidade/liberdade, o significado dos valores, os critérios de avaliação moral, os princípios morais básicos, bem como as doutrinas éticas fundamentais. Aplicações culturais. os preconceitos e as minorias.

15) ÉTICA PROFISSIONAL EM SERVIÇO SOCIAL

Compreensão da dimensão e natureza ética da atividade humana e em especial da atitude profissional do Assistente Social e os princípios morais da profissão e sua aplicabilidade na prática profissional do Assistente Social. Código de Ética profissional do Serviço Social.

16) PLANEJAMENTO SOCIAL I

Utilização da metodologia de planejamento evidenciando seus caráter operativo (identificação do objeto-contexto da realidade – rexursos – políticas sociais e o processo de intervenção).

17) PLANEJAMENTO SOCIAL II

Domínio dos métodos e técnicas do planejamento para desenvolver a sistatização da prática profissional.

18) DESENVOLVIMENTO DE COMUNIDADE

Conceitos básicos que fundamentam a prática planejada em comunidade, identificação dos movimentos populares e compreensão e caracterização global de uma situação problema, suas limitações e possibilidades.

19) SUPERVISÃO EM SERVIÇO SOCIAL

Análise do desenvolvimento histórico da Supervisão, sua evolução e a atualidade no processo ensino-aprendizagem. Os elementos que compõem a supervisão, as etapas da aprendizagem e o papel da supervisão na formação profissional.

20) ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O Estátio Supervisionado faz parte integrante do currículo do Curso de Graduação em Serviço Social, proporcionando aos alunos a oportunidade de desenvolver sua capacidade profissional, mediante a operacionalização e a reflexão da ação profissional. Esta ação se desenvolve em um contexto real de trabalho fora da escola, através de um conhecimento contínuo da prática, alicerçado aos conhecimentos teóricos adquiridos nas várias disciplinas do currículo, possibilitando um confronto da teoria aprendida com a prática profissional.

21) ANTROPOLOGIA CULTURAL I

Origens e Cultura na perspectiva antropológica. Sociedades indígenas e suas características Culturais. Raça-conceito e preconceito. Análise da Sociedade industrial.

22) ANTROPOLOGIA CULTURAL II

A indústria cultural e cultura de massa. A vida na metrópole e suas implicações culturais. Os preconceitos e as minorias.

23) ECONOMIA

O problema econômico. Fundamentos do sistema econômico. O Sistema Monetário Nacional. Introdução à Macroeconomia e Microeconomia, Setor Público e Noções de crescimento econômico.

24) LÍNGUA PORTUGUESA I

Comunicação: âmbito e objetivo. Modelo do processo comunicativo. Comunicação no contexto pessoal. Sistemas sociais: matriz da comunicação. Decodificação de textos. Redação.

25) LÍNGUA PORTUGUESA II

O sentido da comunicação mostrando a origem da linguagem, o sentido do sentido, como aprendemos o sentido e as dimensões do sentido. A informação, com estudo da linguagem e comunicação e seus problemas gerais, campos semânticos e lexicais e os níveis da linguagem. Elementos e características da comunicação oral.

26) MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Importância da leitura, natureza e espécies. Tipos de leitura. Análise de texto. Pesquisa bibliográfica, conceito, tipos e fases. Conceito e finalidade dos resumos e tipos. Publicações Científicas e Trabalho Científico – seus aspectos gráficos e redação. Partes do Trabalho e referencial e Monografia em todos os seus momentos.

27) SOCIOLOGIA GERAL

Objetivos da disciplina, surgimento, formação e desenvolvimento. Conteúdo histórico. Metodologia, campos e problemas. Sociologia como ciência, campos da Sociologia, Métodos e Técnicas. Histórico da Sociologia, origem e desenvolvimento. Objeto da sociologia, Durkheim, Weber, Karl Marx.

28) SOCIOLOGIA GERAL II

As principais matrizes teóricas. O conceito de sociologia, sociedade, indivíduo e grupo. Estrutura e estratificação social em formas sociais pré-capitalistas e capitalistas. Estrutura de classe e estratificação social, os conceitos de classe na sociologia contemporânea.

29) SOCIOLOGIA GERAL III

Cultura e sociedade no Brasil. Conceito, Cultura brasileira, identidade nacional. As migrações rurais e urbanas. A natureza do equipamento cultural dos migrantes. Análise do processo de deslocamento especial. A investitigação do migrante na nova situação e o processo de integração dos contingentes migratórios às novas condições de vida sociocultural.

30) E.P.B. I

O poder nacional. A organização do Trabalho no espaço urbano. Sindicalismo rural, reforma agrária e posseiros em luta pela terra.

31) E.P.B. II

As relações de poder na Sociedade Capitalista. A qustão agrária no Brasil e os movimentos sociais urbanos.

32) FILOSOFIA GERAL

Filosofia como saber totalizante e crítico. A relação da filosofia com o mito, sento comum e ciência. Filosofia e seus problemas, seus métidos e metas, filosofia e cultura, história, política e ideologia. Quadro histórico do pensamento ocidental, raízes gregas e medievais, matrizes modernas e estudo das correntes filosóficas. A ética do conhecimento científico.

33) PSICOLOGIA GERAL

Compreender a história da psicologia. Estudar os diferentes fenômenos como: percepção, motivações e emoções. Identificar as várias fases do desenvolvimento humano: infância, adolescência, maturidade e velhice.

34) PSICOLOGIA SOCIAL I

Conceito de psicologia social. Histórico de psicologia social. A Psicologia social e uma nova concepção de homem para a psicologia. Linguagem pensamento e representações sociais: funções da linguagem, do pensamento. Consciência e alienação – a ideologia a nível individual. O Fazer e a consciência. Identidade: como processo de transformação constante.

35) PSICOLOGIA SOCIAL II

Compreender o significado social das atitudes, como a formação e mudança de atitude. Identificar os fatores que nos levam a afiliar-se aos outros. Estudar o grupo social relacionado ao contexto do Serviço Social.

36) PSICOPATOLOGIA

Vida Psíquica: normal e anormal, seus parâmetros e suas limitações. A família do doente mental: o ideal e o real, rejeição, projeção, identificação, racionalização, negação. Causas das pertubações mentais; psicopatologia da inteligência;

psicopatologias: da memória, da vontade, da atenção. As personalidades Psicopáticas. Sexualidade: normal, desvios e perversões; Psicopatologia da afetividade; As toxicomanias; As Neuroses; As Psicoses; A simulação da alienação mental; o Hospital Psiquiátrico; As internações sociais; A Assistência Psiquiátrica no contexto da realidade brasileira; o papel do Assistente Social na equipe psiquiátrica.

37) ESTATÍSTICA I

Visão histórica e definições. Técnicas básicas do levantamento estatístico. Séries e gráficos, frequência e medida de tendência central.

38) ESTATÍSTICA II

Exploração e definição de campos de pesquisas, com elaboração de uma Pesquisa utilizando de técnicas, amostra, coleta de dados, abordagem e tabulação. Aplicação da teoria das Tabelas, montagem e confecção de tabelas de série e frequência. Aplicação da teoria de gráficos, tabelas e montagem de gráficos.

39) FORMAÇÃO SOCIAL, ECONÔMICA E POLÍTICA DO BRASIL

Estado, classes sociais e ideologia. A ordem escravocrata e a formação da classe assalariada brasileira. O Brasil entre 1917 e 1937: movimentos sociais e, políticos. O Estado populista brasileiro: Estado Novo, lutas operárias, políticas desenvolvimentistas. O golpe de 64: consideração do militarismo, economia dependente, custos sociais do novo regime. Brasil após 1978, transição para a democracia; sociedade e economia.

40) DIREITO E LEGISLAÇÃO SOCIAL I

Noções básicas do Direito, com análises de conceitos e estudo histórico, direito e justiça, o direito como norma jurídica, fontes e ramos do direito e o direito e o Serviço Social. Conceitos e etudos históricos do Direito Constitucional, as constituições brasileiras e os três Poderes. Conceitos e estudo histórico do Direito do Trabalho, fontes e hierarquia das normas de direito do trabalho, CLT, contratos individuais de trabalho, vínculo empregatício, condições de trabalho, salários e adicionais salariais.

41) DIREITO E LEGISLAÇÃO SOCIAL II

Direito do Trabalho com abordagens a férias, 13° salários, FGTS, estabilidade no emprego, Proteção do trabalho do menor e da mulher e reclamações trabalhistas. As Instituições Sindicais, Segurança e Medicina do Trabalho, Previdência Social e Saúde, Direito Civil e Direito Penal.

42) POLÍTICA SOCIAL I

Introdução à política Social. Elementos de constituição do Estado moderno e suas interferências na Política Social. Enfoques, alternativas e perspectivas da política Social nos Estados Modernos – Análise crítica. Atuação da sociedade como determinante da política social realizada pelo Estado.

43) POLÍTICA SOCIAL II

Caracterização do cunho positivismo nas políticas sociais brasileiras: Histórico conceito analítico do Positivismo. Diagnóstico das políticas sociais brasileiras: morfologia e dinâmica da política social brasileira, tendências e configuração estrutural, perspectivas, políticas vigentes e políticas insurgentes. Caracterização da questão social brasileira e das políticas sociais. O Assistente Social e a Prática das Políticas sociais brasileiras.

44) SAÚDE PÚBLICA

Conceitos de higiene, saúde, Puericultura e Educação Sanitária. Higiene e divisão da higiene. Eras e ciclos da Higiene. Conceitos e importância da epidemologia. História da doença e tipos de prevenções. Doenças transmissíveis e Mecanismos de transmissão. Epidemia, Pandemia, Endemia. Deveres do poder público e da Comunidade. A medida da saúde coletiva, valores relativos, coeficientes de mortalidade, morbidade e indicadores de saúde. Educação em saúde pública, assistência domiciliar, doenças do Pré-escolar. Saúde ocupacional, acidentes do trabalho e as doenças profissionais. Epidemiologia no estudo das relações entre trabalho e saúde.

45) SAÚDE PÚBLICA II

Saneamento ambiental, Endemias brasileiras, Saúde e Nutrição. Prevenção em saúde pública, Vigilância Sanitária. Noções de ecologia, conceito, importância e finalidade de ecologia, ecossistemas e ecologia humana. Clima e distribuição das doenças. A organização Sanitária local, federal e mundial e a saúde pública nos âmbitos: particulares, nos municípios, das Amérias e Mundial.

46) EDUCAÇÃO FÍSICA I

Iniciação às técnicas e táticas dos esportes coletivos de quadra para fomentar a prática desportiva aos alunos conduzindo desta forma a manutenção e aprimoramento da aptidão física, a conservação da saúde.

47) EDUCAÇÃO FÍSICA II

Continuidade às práticas esportivas, a interação do estudante no Campus Universitário e a consolidação do sentimento comunitário. Voleibol, basquetebol, hand-bol e futebol de salão e atividades aeróbicas.

ANEXO 3

Listagem de TCC – Trabalhos de Conclusão de Curso
SERVIÇO SOCIAL

TÍTULO	ANO
Estágio realizado no Colégio Brasil Central da Associação Brasil Central de Educação e Cultura de Uberlândia	1974
Características de la ciudad de Uberlândia	1975
Trabalho realizado no Bairro Patrimônio: recreação e infra-estrutura	1975
Experiência em Serviço Social de comunidade	1975
Estágio realizado na Escola Clínica para Excepcionais (deficientes) físicos e mentais	1975
Estágio realizado na Escola Estadual "Américo René Giannetti"	1975
Estágio realizado no Instituto Vallée S/A	1975
Experiência em Serviço Social do trabalho em empresa	1975
Experiência prática em Serviço Social do trabalho em empresa	1975
Estágio realizado no Forum Abelardo Pena	1975
Implantação do Serviço Social na empresa MOTOMAQ Ltda	1975
Estágio realizado no Patronato Agrícola de Menores do Buriti	1975
Experiência no Hospital São Vicente de Paula	1975
Experiência prática em Serviço Social de comunidade	1976
Experiência prática realizada no Bairro Presidente Roosevelt	1976
Trabalho realizado na Vila Saraiva	1976
Estágio realizado no Colégio Brasil Central – CBC; Escola Técnica de Química Industrial de Uberlândia – ETEQUIU	1976
Experiência realizada na Faculdade Federal de Engenharia	1976
Experiência realizada na Faculdade Federal de Engenharia	1976
Estágio na Escola Clínica p/ excepcionais, deficientes mentais, portadores ou não de problemas físicos	1976
Estágio realizado na empresa MOTOMAQ Ltda	1976
Experiência prática em Serviço Social do trabalho em empresa	1976
Trabalho prático na ICASU – Instituição Cristã de Assistência Social de Uberlândia: instituição beneficente	1976
Experiência prática em Serviço Social no campo do menor	1976
Estágio realizado na Unidade de Saúde	1976
Estágio realizado na Comunidade do Bairro Patrimônio D'Abadia	1977 1978
Estágio realizado no bairro periférico da cidade de Uberlândia – Vila Saraiva	1977
Experiência prática realizada no Bairro Presidente Roosevelt	1977
Estágio realizado na Escolinha "Vovó Corina"	1977
Instituto Vallée S.A.	1977
Experiências práticas em: S. S. educacional; S. S. do trabalho-empresa; S. S. educacional especial	1977
Implantação do Serviço Social na EMECIU; Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade de Uberlândia	1977
Estágio realizado na ICASU – Instituição Cristã de Assistência Social de Uberlândia	1977
Estágio realizado no Bairro Lagoinha	1977
Experiência de Medicina Comunitária no Bairro Lagoinha	1977
Experiência prática em serviço social no campo médico-hospitalar	1977
Experiência prática em Serviço Social de Comunidade – Bairro Lagoinha	1978
Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE	1978
Associação Filantrópica de Assistência ao Deficiente Auditivo - AFADA	1978
Centro Educacional APAE	1978
Escola Estadual Sete de Setembro	1978
Instituto Vallée	1978
Associação Filantrópica de Assistência ao Deficiente Auditivo (AFADA)	1978
Cia Souza Cruz Indústria e Comércio	1978
ICASU – Instituição Cristã de Assistência Social de Uberlândia	1978
Experiência prática em Serviço Social no campo do menor – Patronato Agrícola de Menores do Buriti	1978
Lar Espírita Alfredo Júlio	1978
Patronato Agrícola de Menores do Buriti	1978
Serviço Social Comunitário – Bairro Lagoinha	1979
AFADA – Associação Filantrópica de Assistência ao Deficiente Auditivo	1979

Casa da criança de Uberlândia – Creche Menino Jesus	1979
Escola Estadual 13 de Maio	1979
Escola Estadual 13 de Maio	1979
Escola Estadual 13 de Maio	1979
Escola Estadual Honório Guimarães	1979
Escola Estadual Segismundo Pereira	1979
Escola Estadual Sete de Setembro	1979
Escola Estadual Sete de Setembro	1979
Instituto Vallée S/A	1979
Intervenção Social junto à Família de Deficiente Mental	1979
APAE – Serviço Social Escola Helena Antipoff	1979
APAE – Serviço Social Escola Helena Antipoff	1979
Campo Educacional Especial	1979
Florestadora Perdizes Ltda	1979
Nacional Expresso Ltda	1979
Asilo São Vicente e Santo Antônio	1979
ICASU – Instituição Cristã de Assistência Social de Uberlândia	1979
ICASU – Instituição de Assistência Social de Uberlândia	1979
Fundação de Amparo do Menor-Patronato Agrícola de Menores do Buriti	1979
Juizado de Menores da Comarca de Uberlândia	1979
Patronato Agrícola de Menores do Buriti	1979
Serviço Social Médico-Hospitalar na EMECIUFU	1979
Comunidade Bairro Lagoinha	1980
Serviço Social Comunitário Bairro Tubalina	1980
Serviço Social Comunitário – Bairro Lagoinha	1980
Serviço Social Comunitário – Bairro Lagoinha	1980
Comunidade – Bairro Marta Helena	1980
Casa da criança de Uberlândia – Creche Menino Jesus	1980
Creche Menino Jesus	1980
Escola Estadual Honório Guimarães	1980
Escola Estadual Segismundo Pereira	1980
Escola Estadual Segismundo Pereira	1980
Escola Estadual Segismundo Pereira	1980
Escola Estadual Sete de Setembro	1980
Escola Estadual Sete de Setembro	1980
Pré-Escola	1980
Instituto Vallée S/A	1980
Asilo São Vicente e Santo Antônio	1980
Asilo São Vicente e Santo Antônio	1980
ICASU – Instituição Cristã de Assistência Social de Uberlândia	1980
Juizado de Menores da Comarca de Uberlândia	1980
Departamento Vicentino de Assistência e Infância	1980
Juizado de menores da comarca de Uberlândia	1980
Comunidade Bairro Lagoinha	1981
Comunitário - Bairro Jardim Brasília e Parque Residencial Liberdade	1981
Comunitário Urbano - Bairro Marta Helena	1981
Comunitário Urbano - Bairro Marta Helena	1981
Comunitário Urbano – Clube de mães do Bairro Tubalina	1981
Comunitário – Bairro Lagoinha	1981
Comunitário – Clube de mães do Bairro Tubalina	1981
Conjunto Habitacional Luizote de Freitas	1981
Conjunto Habitacional Segismundo Pereira	1981
Coordenadoria Municipal do PRONAV/LBA de Uberlândia	1981
Creche "Maria Conceição Barbosa de Souza" - Tia Lia	1981
C.T.O. – Centro de Treinamento Ocupacional	1981
Escola Estadual Sete de Setembro	1981
Escola Estadual Sete de Setembro	1981
Escola Estadual Sete de Setembro – Escola Estadual Honório Guiamarães	1981
Cia Agro Industrial de Goiás "CAGIGO" Refrigerantes do Triângulo Ltda	1981
Martins Comércio Importação Exportação Ltda	1981
SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial	1981
SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial	1981
Juizado de Menores da Comarca de Uberlândia	1981
Postos de Pré-Escolas Periféricas – UFU – Prefeitura Municiapal de Uberlândia	1981

Conjunto Habitacional Luizote de Freitas	1982
Conjunto Habitacional Residencial Liberdade	1982
Conjunto Habitacional Santa Luzia	1982
Conjunto Habitacional Segismundo Pereira Conjunto Habitacional Luizote de Freitas	1982
Escola Estadual de 1° Grau "Honório Guimarães"	1982
Escola Estadual Sete de Setembro – 1° Grau	1982
Clube de Mães e grupo de atividades de Serviço Social do Bairro Tubalina	1982
Programa de Baixa Renda – Atendimento ao Migrante	1982
Escola Estadual Honório Guimarães	1982
Postos de Pré-escolas Periféricas Universidade Federal de Uberlândia Prefeitura Municipal de Uberlândia	1982
Centro de Treinamento Ocupacional Euler de Sousa Osório	1982
Organizações José Alves S/A	1982
Programa Nacional do Voluntariado – PRONAV/LBA	1982
Conjunto Habitacional Luizote de Freitas Creche tia Marta	1982
Juizado de Menores da Comarca de Uberlândia	1982
Programa de Erradicação da Verminose Escolar	1982
Unidade Didática Avançada – UDA – Ambulatório Jardim Brasília – UFU	1982
Comunitário- Bairro Tubalina	1983
Conjunto Habitacional Segismundo Pereira	1983
Parque Residencial Liberdade	1983
Comunitário – Bairro Lagoinha	1983
Conjunto Habitacional Segismundo Pereira	1983
Obra Social São José – Anexa ao Instituto Teresa Valsée	1983
Martins Comércio Importação Exportação Ltda	1983
Geriátrico – Asilo São Vicente e Santo Antônio	1983
Universidade Federal de Uberlândia – Fundação e Aprendizagem de Desenvolvimento social do menor	1983
Creche Maria da Conceição Barbosa de Souza – "Tia Lia"	1983
Patronato Agrícola de Menores do Buriti	1983
Nacional Expresso Ltda	1984
Organizações José Alves S/A	1984
Prefeitura Municipal de Tupaciguara	1984
Geriátrico – Asilo da Velhice Desamparada "São João Bosco"	1984
Creche Maria Tavares	1984
Creche Menino Jesus	1984
Delegacia Especializada de Menores de Uberlândia	1984
Creche Maria Conceição Barbosa de Souza – "Tia Lia"	1985
Creche Tia Lia	1985
Campo Educacional especial – Cursos Profissionalizantes – Obra Social São José	1985
O Serviço Social do Trabalho frente à implantação de um consultório dentário em uma empresa	1985
Organização José Alves S/A	1985
Proposta de um trabalho com menores com desajustes de comportamento, a partir da comunidade escolar	1985
Implantação do Centro Educacional e de Apoio ao menor do Barro das Indústrias	1985
Projeto de Desenvolvimento da Ed. Pré-Escolar - UFU, Pref. Munic. de Uberlândia e Sec. de Estado da Educação	1985
Hospital UFU – Programa de Diabéticos Equipe Multidisciplinar	1985
Plano de Trabalho do Departamento de Serviço Social da 16 D.R.S.P.	1986
Coordenação Municipal do PRONAV/LBA de Uberlândia	1986
Implantação do Centro Educacional e de Apoio ao Menor do Bairro das Indústrias	1986
Núcleo de Atendimento ao Migrante	1986
Integração e Mobilização dos moradores do Bairro Patrimônio	1986
Proposta de Trabalho do Departamento de Serviço Social da CCO – "Grupo de Reabilitação do Alcoólatra"	1986
O Trabalho Social Dentro do Processo Habitacional	1986
Creche Maria Tavares	1986
Creche Marieta de Castro Santos	1986
Creche Menino Jesus	1986
Prefeitura Municipal de Tupaciguara – Creche Nova Vida	1986
Empresarial Grupo ABC – Cia de Telefones do Brasil Central – CTBC	1986
Implantação do Serviço Social na Empresa ABC – Irmãos Garcia Veículos e Peças S/A	1986
Martins Comércio Importação Exportação Ltda	1986
Motivação dos Funcionários da CCO Construtora Centro Oeste S/A	1986
Organizações José Alves S/A	1986
Implantação do Serviço Social na Comunidade Carceraria da 16ª Delegacia Regional de Segurança Pública de	1986

Uberlândia	
Coordenação Municipal do PRONAV/LBA	1986
ICASU – Instituição Cristã de Assistência Social de Uberlândia	1986
Rede Ferroviária Federal S/A	1986
SETAS – Secretaria de Estado do Trabalho e Ação Social – Regional de Uberlândia	1986
Patronato Agrícola de Menores do Buriti	1986
Delegacia Especializada de Menores	1986
Desenvolvimento do Processo Organizacional da Associação de Moradores do Bairro Tubalina	1986
Funcionamento do Centro Educacional de Apoio ao Menor	1986
Trabalho Desenvolvido na Área do Menor – Juizado de Menores da Comarca de Uberlândia	1986
Projeto de desenvolvimento da educação preá-escolar	1986
Ação Integrada à Saúde Escolar	1986
Acompanhamento Social no Campo da Saúde-Hemodiálise	1986
Atividades da Vida Diária – Promoção de pacientes em processo de reabilitação – Hospital UFU	1986
Hospital Santa Genoveva Ltda	1986
Trabalho Social no Processo Habitacional	1987
Creche dos Servidores Públicos Municipais	1987
Creche Nova Vida	1987
Creche dos Servidores Públicos Municipais de Uberlândia	1987
Escola Municipal de 1° Grau de Sobradinho	1987
CCO – Construtora Centro Oeste S/A	1987
Martins Comércio Importação Exportação Ltda	1987
Martins Comércio Importação Exportação Ltda	1987
Nacional Expresso Ltda	1987
Proposta de Trabalho do Departamento de Serviço Social da CCO	1987
Implantação do S.S. no Programa de Saúde Comunitária no Centro de Saúde Santa Rosa e Comunidades abrangentes	1987
Coordenação Municipal PRONAV/LBA	1987
Núcleo de Atendimento ao Migrante de Uberlândia – Terminal Rodoviário Presidente Castelo Branco	1987
CEAM – Centro Educacional de Apoio ao Menor	1987
Conselho Municipal do Bem Estar do menor - COMBEM	1987
Delegacia Especializada de Menores	1987
Juizado de Menores da Comarca de Uberlândia	1987
Unidade de Orientação do Menor UOMEN - I	1987
Hospital Santa Genoveva	1987
O Trabalho Social em Saúde Pública	1987
Secretaria de Saúde e Ação Social de Araguari	1987
Secretaria Municipal de Saúde	1987
Secretaria Municipal de Saúde	1987
Prefeitura Municipal de Uberlândia, Sec. Municipal de Saúde, Centro de Saúde do Bairro Dona Zulmira	1987
Campo Comunitário – Bairro Aclimação	1988
Campo Comunitário – Bairro Esperança	1988
Divisão de Habitação Popular	1988
A Universidade como instrumento de formação especialista de ensino	1988
O Estudo das Relações Humanas – Ciência Complementada pela arte de obter e conservar a cooperação e a confiança dos membros do grupo	1988
Perfil da Indústria Daiwa do Brasil Textil Ltda	1988
Orientação Educacional e a Integração Escola-Família-Comunidade	1988
Trabalho realizado com menores em situação irregular junto ao juizado de menores de Uberlândia	1988
Unidade de Orientação do Menor UOMEN - I	1988
O Serviço Social na Área de Saúde – Bairro Dona Zulmira	1988
O Serviço Social na Área de Saúde – Bairro Tubalina	1988
Uma experiência junto ao Posto de Saúde "João Naves de Ávila" – Bairro Patrimônio	1988
Atuação do Serviço Social na Comunidade do Bairro Alvorada – Campina Verde - MG	1989
Bairros Santa Mônica, Alvorada, Jardim Brasília, Tocantins, Santa Rosa e Segismundo Pereira	1989
Campo Comunitário – Bairro Tocantins	1989
Assessoria e Apoio Comunitário no Conjunto Habitacional Santa Luzia	1989
Creche Nova Vida	1989
PROEX/DIAOS: Pró-Reitoria de Extensão e Estudantil Divisão de Apoio e Orietação Social	1989
S. S. Educacional da Escola de Educação Básica da U.F. de Uberlândia Pré-Escolar e 1° Grau	1989
U. F. de Uberlândia Pró-Reitoria Estudantil e de Extensão – Divisão de Apoio e Orientação Social	1989
Centro Estadual de Educação Especial de Uberlândia	1989
ABC Inco – ABC Indústria e Comércio	1989
Cia de Telefones do Brasil Central	1989

Empresa Municipal de Urbanização e Construções Populares - EMCOP	1989
Granja Planalto Ltda	1989
Comunitário Institucional Coordenação Municipal do PRONAV/LBA	1989
Coordenação Municpal do PRONAV/LBA	1989
PRONAV/LBA	1989
CEAM – Centro Educacional de Apoio ao Menor	1989
Centro de Formação de Menores – Luizote de Freitas	1989
Unidade de Orientação do Menor UOMEN – I	1989
Música Popular Brasileira	1989
Área de Saúde Hospitalar – Hospital Escola da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro	1989
Saúde Escolar – Secretaria Municipal de Saúde Conjunto Santa Rosa – Bairro Liberdade	1989
Saúde Pública – Bairro Dona Zulmira	1989
Viabilização da Participação Popular nas Questões Concernentes à Saúde – Secretaria Municipal de Saúde	1989
Violência Urbana	1989

ANEXO 4

ATA DE CRIAÇÃO DO CRESS

Ata da criação da 2ª Delegacia Seccional do Conselho Regional de Assistentes Sociais 6ª Região, com sede em Uberlândia Estado de Minas Gerais, aos 18 dias do mês de maio de 1984 na Av Belo Horizonte, nº 1084 na cidade de Uberlândia, Estado de Minas Gerais. Nesta data fica formalizada a criação da 2ª Delegacia Seccional de CRAS 6ª Região com sede em Uberlândia e de acordo com a Resolução CRAS nº 20/84 aprovada em Reunião Plenária de dia 26/04/84 fica assim constituida sua diretoria pelos Assistentes Sociais: Iraliam Machado de Sá - Delegada; Joana Chaves Pamplona - Secretaria; Maria Leonor Cardoso Nogueira - Tesoureira; Marilza Helena Bastante Inácio - 1º suplente; Berenice Araujo Gomes - 2º suplente, Maria de Fatima Santos - 3º suplente; que permanecerão em suas atividades até o dia 02/07/84 de acordo com a Resolução CFAS nº 92/76, de 17/01/76. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata que vai por mim assinada na qualidade de membro da Diretoria de CRAS 6ª Região e demais membros presentes. Uberlândia - Minas Gerais - 18 de maio de 1984. Vinera [illegible] XXX Aparecida Helena Teixeira, [illegible], [illegible], XXX [illegible], Joana Chaves Pamplona, [illegible], [illegible] Maria Luciano, Graciete de Fatima Paniago, Maria Maura, [illegible] Maria Helena de Queiroz, Maria de Fatima Santos, [illegible], XXX Katia de Fátima, Eliana de Souza Lamaza, [illegible], [illegible], Maria Helena Goncalves Silva, [illegible] [illegible] Vera Lucia [illegible] Maria Amelia Leite Jacinto, [illegible], Marques [illegible], [illegible], Berenice Araujo Gomes, [illegible] de Fatima Santos, Ana Celia Silva [illegible] Marcelino de Oliveira, [illegible] XXXXXXXXX

ANEXO 5

Nº.	UNIDADE	CÓD./NP	FUNÇÃO	NOME	ADMISSÃO	SETOR
1	110601	1023/01	Assistente Social I	Adailza Dias de Oliveira	20/05/94	Seção de Apoio ao Trabalho
2	120504	1023/01	Assistente Social I	Ana Maria Fonseca	29/10/96	Seção de Triagem e Seleção
3	110501	1023/01	Assistente Social I	Ana Maria Antonio Germano Silva	20/05/94	Seção Atendimento Entidade Subvencionada Conveniada
4	110304	1023/01	Assistente Social I	Andréa Tedesco Santos	11/09/96	Centro Integ. Soc. Adoles. Udia
5	110338	1128/01	Monitor Social	Antonia Marques Vital	23/10/96	UOMEN Tubalina
6	100516	1023/02	Assistente Social I	Aparecida de Fátima Peres	30/04/92	Unidade Saúde Tibery
7	100100	1024/04	Assistente Social II	Aparecida Helena Teixeira de Oliveira	15/02/84	Gabinete Secretaria Municipal de Saúde
8	110500	1023/01	Assistente Social I	Catarina Knychala Rezende	08/04/92	Distritos Sanitários
9	100515	1023/01	Assistente Social I	Celeide Silva Barcelos Araújo	08/06/92	Unidade Saúde São Jorge
10	100511	1023/01	Assistente Social I	Claudia Maria Bulgarelli Spirandelli	05/01/88	Unidade Saúde Roosevelt
11	100502	1023/01	Assistente Social I	Claudia Pacheco Alves Rezende Gomes	28/05/92	Unidade Saúde Brasil
12	100510	1023/01	Assistente Social I	Cláudia Regina Nogueira	18/10/96	Unidade Saúde Patrimônio
13	20103	1023/01	Assistente Social I	Clenize das Graças Coelho Rezende	10/06/94	Centro de Educação Especial
14	100101	1024/04	Assistente Social II	Dalila A. Alencar Rocha	01/06/83	Núcleo de Controle Avaliação
15	100303	1023/01	Assistente Social I	Denia Alquati Velasque	03/07/95	Ações em Serviço Social
16	100303	1023/01	Assistente Social I	Djair Donisete Inácio	04/11/96	Ações em Serviço Social
17	50205	1025/07	Assistente Social III	Djanira Martins Parreira	01/06/79	Inativos Recursos Humanos
18	100100	1023/01	Assistente Social I	Dolores Lizetti Bruno Marques	27/04/92	Gabinete Secretaria Municipal de Saúde
19	100508	1023/01	Assistente Social I	Elaine Goulart Calhav	24/04/92	Unidade Saúde Martins
20	100303	1023/04	Assistente Social I	Eleusa Rezende Costa Pereira Lima	09/03/84	Ações em Serviço Social
21	110402	1128/01	Monitor Social	Eliana Borges Gonçalves Rodrigues da Silva	01/02/95	Seção Apoio Migrante
22	110402	1023/01	Assistente Social I	Eliana Carvalho de Oliveira	12/06/92	Seção Apoio Migrante
23	50204	1023/04	Assistente Social I	Elizete Aparecida Ferreira Marciano	27/12/85	Seção de Assuntos Sociais
24	110309	1128/01	Monitor Social	Emiliane Brandão Dias	20/02/95	U.D.I. Dona Zulmira
25	110301	1023/01	Assistente Social I	Enedinair Maria Pereira	20/05/94	Seção Apoio Orientação Criança
26	50600	1023/01	Assistente Social I	Erlandina Pereira Martins	20/05/94	Div. Eng. Seg. Medicina do Trabalho
27	110403	1023/01	Assistente Social I	Genésia Silva	05/06/95	Seção Apoio Integração Deficiente
28	110301	1023/01	Assistente Social I	Gilda Soares Silva Cardoso	24/06/94	Seção Apoio Orientação Criança
29	110601	0094/01	Assistente Social I	Giselda Lemes	29/05/92	Seção Apoio Trabalho
30	110303	1023/01	Assistente Social I	Iara Cristina de Resende Alves Ferreira	01/11/96	Seção Apoio Orientação Criança Adolescente In.
31	110500	1023/01	Assistente Social I	Ideraldo Antonio Moro Capo	24/04/92	Divisão Projetos Especiais
32	100302	1023/01	Assistente Social I	Iza Elena Tavares	04/01/93	Ações em Saúde Mental

33	110701	1023/02	Assistente Social I	Josefina Bernardo Vieira	30/04/92	Seção Apoio Integ. Idoso
34	110100	0847/01	Sec. Municipal trabalho e Ação Social	Josefina Maria dos Reis	03/04/86	Gabinete Secretaria Municipal de Trabalho e Ação Social
35	110501	1023/01	Assistente Social I	Juliana Rezende Freitas	20/05/94	Seção Atend. Ent. Subv. Conven.
36	100511	1025/06	Assistente Social III	Kátia de Fátima Tressia	04/04/79	Unidade Saúde Roosevelt
37	100515	1023/01	Assistente Social I	Lígia Pedrosa dos Santos Diniz	24/10/96	Unidade Saúde São Jorge
38	50205	0090/01	Assistente Social I	Lila Miranda da Silva	11/02/83	Inativos Recursos Humanos
39	100517	1023/01	Assistente Social I	Lucimeire Divina Menezes de Souza	23/05/94	Unidade Saúde Tocantins
40	110332	1128/01	Monitor Social	Márcia Martins Rodrigues	19/06/95	U.D.I. Tubalina I
41	100501	1023/01	Assistente Social I	Maria Adelaide Decat Manhaes	24/10/96	Unidade Saúde Alvorada
42	100101	1023/03	Assistente Social I	Maria Angélica Rezende Mendes	10/04/87	Núcleo de Controle Avaliação
43	110602	1023/01	Assistente Social I	Maria Antonieta de Almeida Barbosa	20/05/94	Seção Formação Profissional
44	50204	1023/02	Assistente Social I	Maria Aparecida F Silva	08/04/87	Seção Assuntos Sociais
45	100502	1023/03	Assistente Social I	Maria Conceição de Jesus Pedro	03/04/87	Unidade Saúde Brasil
46	100401	1023/01	Assistente Social I	Maria Conceição da Silva Cunha	27/04/92	Seção de Material
47	100508	1023/01	Assistente Social I	Maria das Graças Coelho Alves	18/10/96	Unidade Saúde Martins
48	120504	1023/01	Assistente Social I	Maria de Fátima Sousa Catunda	24/10/96	Seção de Triagem e Seleção
49	100505	1023/03	Assistente Social I	Maria do Sagrado Coração Silva	27/04/92	Unidade Saúde Dona Zulmira
50	100500	1128/01	Monitor Social	Maria Eliete Silva	12/06/95	Distritos Sanitários
51	110303	1128/01	Monitor Social	Maria Gláucia de Oliveira	01/02/95	Seção Apoio Orientação Criança Adolescente In.
52	20137	1023/03	Assistente Social I	Maria Inês Barbosa Pereira	27/05/86	Juizado da Infância e Juventude
53	110302	0792/01	Chefe Setor de Apoio e Orientação Adolescente	Maria Inês da Cunha Borges Mercaldi	06/02/96	Ações em Saúde Mental
54	110310	1128/01	Monitor Social	Maria Izabel da Silva	01/02/95	U.D.I. Esperança
55	100100	0091/01	Assistente Social I	Maria Leonor Cardoso Nogueira	06/09/84	Gabinete Secretaria Municipal de Saúde
56	100511	1023/03	Assistente Social I	Maria Lúcia de Freitas Melo	20/10/87	Unidade Saúde Roosevelt
57	80384	1023/01	Assistente Social I	Maria Lúcia de Souza	25/04/94	Iniciação Profissional
58	50204	1023/01	Assistente Social I	Maria Luiza Morais	04/05/92	Seção de Assuntos Sociais
59	100302	1023/01	Assistente Social I	Maria Raquel M. Sousa	24/04/92	Ações em Saúde Mental
60	110301	1128/01	Monitor Social	Maria Salomé Modesto Domingues	01/02/95	Seção de Apoio Orientação Criança
61	110301	1023/03	Assistente Social I	Maria Suelene Tavares Pereira	26/04/88	Seção de Apoio Orientação Criança
62	30201	1025/06	Assistente Social III	Marilene Genari	03/01/83	Seção de Planos Setoriais
63	110338	1128/02	Monitor Social	Marisa Teresa Rosa de Souza	10/04/92	UOMEN Tubalina
64	110303	1023/01	Assistente Social I	Marli Amaral Macedo Silva	24/06/94	Seção Apoio Orientação Criança Adolescente In.
65	100305	1023/04	Assistente Social I	Meire Amaral da Cruz	28/01/86	Seção Apoio Orientação Criança Adolescente In.
66	100303	1023/01	Assistente Social I	Mirna de Melo Macedo	27/04/92	Ações em Serviço Social
67	100303	1023/01	Assistente Social I	Nádia Oliveira Arantes Freitas Santos	01/11/96	Ações em Serviço Social
68	160200	1024/05	Assistente Social II	Naiza Frattari Yunes	16/09/82	Divisão de Limpeza Urbanos
69	50204	1023/01	Assistente Social I	Neiva de Fátima dos Anjos	09/04/96	Seção de Assuntos Sociais
70	110301	1128/01	Monitor Social	Neli Ferreira da Silva	01/02/95	Seção Apoio Orientação Criança
71	100504	1023/01	Assistente Social I	Neuma Martins Sá	23/05/94	Unidade de Saúde Dom Almir
72	100506	1023/02	Assistente Social I	Neuza de Freitas Comotti	30/04/92	Unidade Saúde Lagoinha

73	110500	1128/01	Monitor Social I	Nilta Marques de Oliveira	13/06/95	Divisão Projetos Especiais
74	110301	1023/01	Assistente Social I	Odete Cristina C. Dutra	24/04/92	Seção Apoio Orientação Criança
75	110302	1128/01	Monitor Social	Orlandina Silva do Nascimento Figueira	01/02/95	Seção Apoio Orientação Adolescente
76	110601	1128/01	Monitor Social	Paulo Roberto Amâncio Dias	24/02/93	Seção Apoio Trabalho
77	110401	1023/01	Assistente Social I	Raquel Gonçalves Ribeiro	24/06/94	Seção Atendimentos Emergenciais
78	50600	1023/01	Assistente Social I	Regina de Fátima Ferreira Assis	18/10/96	Div. Eng. Seg. Medicina do Trabalho
79	100101	1023/03	Assistente Social I	Regina Helena Justino	06/05/86	Núcleo Controle Avaliação
80	30201	1023/04	Assistente Social I	Regina Marquez Miranda	03/04/84	Seção Atendimentos Emergenciais
81	110500	1128/01	Monitor Social	Rejane Cristina Batista Nery	13/06/95	Divisão Projetos Especiais
82	100101	1023/01	Assistente Social I	Rita Ana da Silva Lima	08/07/96	Nucleo de Controle Avaliação
83	110401	1023/01	Assistente Social I	Rita de Cássia Silva Almeida	24/06/94	Seção Atendimentos Emergenciais
84	90304	1023/01	Assistente Social I	Rosângela de Monte Settat M. Cipresso	03/06/92	Centro Cultural Itinerante
85	100303	1023/03	Assistente Social I	Rosária Maria Paixão	22/09/87	Ações em Serviço Social
86	110701	1023/01	Assistente Social I	Rose Mary Bessa Ferreira	05/06/92	Seção Apoio Integrado Idoso
87	110700	1023/01	Assistente Social I	Roselaine Miranda Carrijo	23/05/94	Divisão Apoio Integr. Idoso
88	110600	1023/01	Assistente Social I	Rosvita Monica Severino Nunes	24/06/94	Divisão do Trabalho
89	110316	1128/01	Monitor Social	Rute Batista de Melo	30/05/94	U.D.I. N.S. das Graças
90	110325	1128/01	Monitor Social	Sandra Evangelho Silva	13/06/95	U.D.I. Santa Mônica
91	110302	1128/01	Monitor Social	Shirlei Aparecida Campos Silva	01/02/95	Seção Apoio Orientação Adolescente
92	100501	1023/01	Assistente Social I	Sibely de Melo Rocha Dias	20/06/92	Unidade Saúde Alvorada
93	100514	1023/01	Assistente Social I	Sônia Marina Martins de Oliveira Antune	04/09/95	Unidade Saúde Santa Rosa
94	110400	1023/01	Assistente Social I	Sueli Maria da Silva Lobato	24/06/94	Div. Assist. Promoção Social
95	110307	1128/01	Monitor Social	Suzana Rosália Duarte Bernardes Faria	01/02/95	U.D.I. Aparecida
96	110700	1023/01	Assistente Social I	Telma Medeiros de Oliveira	27/06/94	Div. Apoio Integrado Idoso
97	50204	1025/06	Assistente Social III	Terezinha Oliveira Guimarães	22/01/79	Seção Assuntos Sociais
98	110700	1023/02	Assistente Social I	Valéria Abadia Caixeta	27/04/92	Div. Apoio Integrado Idoso
99	100300	1023/01	Assistente Social I	Valéria Costa Abdala	10/06/92	Divisão Ações Saúde
100	100510	1023/02	Assistente Social I	Vânia Maria Martins II	30/04/92	Unidade Saúde Patrimônio
101	100503	1023/02	Assistente Social I	Vânia Rangel Cortes	28/05/92	Unidade Saúde Custódio Pereira
102	50204	1023/01	Assistente Social I	Vera Aparecida Freitas	04/10/93	Seção Assuntos Sociais
103	110100	1023/02	Assistente Social I	Vera Maria Guimarães Alves	02/05/89	Gabinete Secretaria Municipal de Trabalho e Ação Social
104	50203	1025/07	Assistente Social III	Vicentina Rezende Oliveira	18/02/76	Seção de Treinamento
105	110402	1128/01	Monitor Social	Zilda Silva Bernardes	01/02/95	Seção de Apoio ao Migrante

OBS.: Os destaques sombreados na tabela indicam que os respectivos funcionários foram admitidos até o ano de 1989.

ANEXO 6

Assistentes Sociais discutiram propostas. **Primeira Hora**, 16 de maio/1986, p. 05

"ASSISTENTES SOCIAIS DISCUTIRAM PROPOSTAS

As assistentes sociais de Uberlândia estiveram reunidas durante todo o dia de ontem, no Sindicato da Alimentação, com o objetivo de discutirem a votação do Projeto Lei da categoria, avaliarem o papel desempenhado pelas diretorias das Delegacias do Sindicato e do CRAS (Conselho Regional do Assistente Social) e levantarem propostas a serem levadas à nova diretoria que vier a assumir, quando das futuras eleições a serem realizadas no final de julho.

A Semana do Assistente Social foi iniciada no dia 13, com uma discussão sobre a conjuntura nacional e salário mínimo profissional, contando com a presença da representante nacional dos assistentes sociais da Região Sudeste, Maria Ester. No dia 14, houve uma discussão sobre o Pacote Econômico com debatedores da Cut e da Fasubra, e com a presença de professores de Economia da UFU.

No dia de ontem, às 8 horas, foi iniciada uma Assembléia no Sindicato da Alimentação, onde foram discutidos vários assuntos, entre eles, a votação do Projeto Lei da classe. Segundo a delegada do Sindicato dos Assistentes Sociais do Estado de Minas Gerais – sub sede Uberlândia, Nadir Vidal, o Projeto Lei regulamenta as condições de trabalho, carga horária, salário mínimo constitucional e área de atuação do assistente social. E acrescentando Projeto está na pauta em regime de urgência para ser votado e nós esperamos, e fazemos tudo, para que ele entre na pauta do dia que será votado o pacote das eleições, por haver neste dia, quórum na Plenária da Câmara. Um grupo de assistentes sociais de Brasília está em vigília permanente no Congresso, visando agilizar a votação do Projeto junto aos parlamentares.

A reunião prosseguiu na tarde de ontem, no Sindicato da Alimentação, com a presença de 45 assistentes sociais de Uberlândia, que em assembléia, avaliaram o

papel desempenhado pelas diretorias das Delegacias do Sindicato e do CRAS (Conselho Regional do Assistente Social) e levantaram propostas para que a nova diretoria que vier a assumir, consiga levar em frente suas metas de trabalho, partindo de uma discussão preparatória para que hava a composição de uma Nova Chapa para as eleições que serão realizadas no final de julho.

A categoria dos assistentes sociais está reivindicando uma remuneração de 10 salários mínimos para uma carga horária de 30 horas semanais, situação que segundo Nadir Vidal, possibilitará um trabalho de melhor qualidade, Cita ainda, que o Projeto Lei define a área de atuação do assistente social nas diversas áreas da Saúde, esclarecendo o número de assistentes sociais para o número de clientes.

Além disso, amplia o nosso mercado de trabalho, diz.

Existem atualmente no Brasil, cerca de 40 mil assistentes sociais, sendo que o Triângulo Mineiro conta com 360 elementos. Quanto à votação do Projeto, Nadir Vidal salienta que *'apesar do Pacote Econômico dificultar a discussão do nosso salário mínimo, creio que com a agilização que está havendo, nós teremos sucesso, pois esta é a nossa luta e acreditamos nela'*.

O dia de paralisação nacional dos assistentes sociais, em Uberlândia, terminou com a entrega da moção de apoio ao Projeto Lei Nº 4.645, de 1984 (da Sra. Cristina Tavares), aprovada na Câmara Municipal, ao vereador Sebastião Eurípedes dos Santos, a quem caberá encaminhá-la aos parlamentares em Brasília, no dia de hoje.

No próximo dia 21, as assistentes sociais de Uberlândia seguirão rumo a Brasília, onde assistirão a votação e renovarão o seu apelo aos parlamentares."

ANEXO 7

"Uberlândia-MG, 09 de março de 1987*

Ao

ENCONTRO DA ANAS – Assoc. Nac. Pró-Fed. Assistentes Sociais

- DIRETORIA –

ASSUNTO: DENÚNCIA DE IRREGULARIDADES

Caros diretores,

Tendo em vista a realização deste encontro, vimos, enquanto categoria de alunos, denunciar o abuso de poder da escola privada em que nos encontramos.

A "ABRACEC", Associação em que está incluída a Faculdade de Serviço Social de Uberlândia, tem apresentado irregularidades de diversos níveis, a começar pelo aspecto econômico. Iniciando o ano de 1987, enquanto não havia ainda qualquer decreto alterando o congelamento, foi cobrada uma taxa de matrícula com reajuste de 200,75% sobre a última mensalidade de 1986 e, após o decreto que estabelecia 35% de reajuste sobre a última semestralidade e mais 15% sobre a 1ª de 87 liberáveis pelo D.A. juntamente com o colegiado de professores, a mantenedora, sem consultar o "D.A.", estabeleceu o reajuste de 55% sobre o último semestre/86, alegando ser esta a decisão da maioria das escolas particulares de maior porte do Brasil. De início, o valor correspondente ao 1º semestre foi dividido em quatro parcelas, respectivamente: janeiro, fevereiro, março e abril. Em seguida, a mantenedora convocou o Diretório acadêmico e demais representantes de alunos, a fim de negociar um reajuste de 100% sobre últ. sem/86, cuja diferença sobre o já efetuado, seria paga nos meses de maio e junho. Temendo reação por parte dos alunos, a entidade lança mão de um argumento forte no momento: aumentará o salário dos professores, para acabar com a instabilidade provocada pelo baixo salário, caso os alunos

* Trata-se de uma carta manuscrita a caneta. Optamos por não identificar nem o rementente e nem aos cuidados de quem foi enviada para não causarmos nenhum transtorno. Utilizamos no lugar dos nomes originais, pseudônimos. Mantivemos a grafia original.

aceitem o reajuste. Então, a hora-aula que valia CZ$34,00 em, 86, poderia passar para CZ71,00 ou até mesmo CZ$80,00 (oitenta cruzados) no 1° semestre/87.

O último semestre/86 custou a cada aluno/a, o valor de CZ$1.596,00 (Hum mil, quinhentos e noventa e seis cruzados). No primeiro semestre/87, a Faculdade conta com cerca de 215 alunos e, para atender a esse curso superior, professores não especializados se encontram no quadro docente. Tal observação não visa desmoralizar a capacidade profissional de tais professores, mas denunciar a Administração que, ao fazer recrutamentos nesses níveis, justifica seus baixos salários e cria o círculo vicioso do ensino que deixa a desejar.

Diante da importância de serem encaminhados à ANAS os dados atuais da Faculdade, esta carta foi elaborada. Porém, por questão de emergência, não pôde a mesma ser levada em tempo hábil ao conhecimento dos alunos. Caso as informações citadas possam ter peso, a efeito de documentação poderá ser enviada uma cópia desta, seguida de abaixo-assinado dos alunos.

S.O.S. !!!

Abraços;

Maria Aparecida da Silva
2° Ano Serviço Social
-FASSU-"

(No envelope: "A/C Joana)

ANEXO 8



"As Meninas Rebeldes"[1]

Reunidas nesta foto estão, além de Eloah Mariza de Menezes (da esquerda para a direita, a terceira sentada), as alunas que fizeram parte da primeira turma do Curso de Serviço Social da ABRACEC: Niza Ribeiro da Luz, Josefina Maria Reis, Marileni Genari, Marilene de Oliveira, Sandra Nascimento, Irene Ribeiro, Eleusa Resende, Ubiraci Ranieira, Regina Bailoni, Dalva Silva, Edna Santos, Maria Guimarães, Terezinha Guimarães, Edna Alvim, Dinah Nascimento, Maria Clara Rezende, Najet Spir, Conceição Pinheiro.

1 UNIT. Serviço Social 25 anos. **Serviço Social em Revista**, Uberlândia, 1: 1, 1997, p. 3.

FONTES

JORNAIS CONSULTADOS

Jornal **Tribuna de Minas,** Uberlândia, 18 de janeiro de 1975, p.1

Jornal **Correio de Uberlândia,** Uberlândia, 28 de janeiro de 1976, p.3.

Jornal **O Triângulo,** Uberlândia, 29 de janeiro de 1976, p.3.

Jornal **O Triângulo**, Uberlândia, 09 de setembro de 1988, p.4.

Jornal **O Repórter**, Uberlândia, 13 de janeiro de 1943, p.1.

INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

Arquivo Conselho Regional de Serviço Social – CRESS 6ª Região

Arquivo Público Municipal de Uberlândia

Arquivo 40ª SRE – Superintendência Regional de Ensino

Biblioteca da Unit (particularmente os **Trabalhos de Conclusão de Curso** – TCCs)

Secretaria Municipal de Recursos Humanos da Prefeitura Municipal de Uberlândia

Centro de Documentação e Pesquisa em História – CDHIS/UFU

DOCUMENTOS

Lei Orgânica de Assistência Social – **LOAS**

Código de Ética Profissional do Assistente Social/1993

Relatório de Pesquisa **Situação do Assistente Social em Uberlândia e Região**, realizado pela Diretoria (gestão 87/89) da 2ª Delegacia do CRAS (Cons. Regional de Assistência Social) – 6ª Região e pelo Sindicato dos Assistentes Sociais.

Trajetória do Curso de Serviço Social – 20 anos, relatório realizado pelos Departamentos de Serviço Social e de Ciências Sociais. Faculdades Integradas do Triângulo - FIT, maio de 1992.

ENTREVISTAS*

Depoimentos gravados em 09-02-1996 e 12-05-1998 com **Eloah Mariza de Menezes** – Foi juntamente com seu ex-marido, Antônio Macedo, proprietária do prédio escolar onde funcionava a mantenedora Associação Brasil Central de Educação e Cultura – ABRACEC. Foi uma das idealizadoras e criadoras do Curso de Serviço Social naquela instituição. É natural de Alfenas – MG, onde fez o curso Normal. Em Campinas, São Paulo cursou Pedagogia na PUC. Atualmente é diretora do Centro Municipal de Estudos e Projetos educacionais – CEMEPE, órgão da Prefeitura Municipal de Uberlândia.

Depoimento gravado em 14-05-1998 com **Marilza Helena Betanho** – Veio para Uberlândia no ano de 1981, do Estado de São Paulo onde se formou em Serviço Social pela PUC. Atuou como docente na ABRACEC até por volta de 1985. Atualmente é Assistente Social na Escola de Educação Básica da UFU - ESEBA.

Depoimento gravado em 10-06-1998 com **Ana Virgilina de Paula** – Formou-se em Serviço Social pela UNAERP – Universidade Associação de Ensino de Ribeirão Preto. Veio para Uberlândia em 1974, sendo uma das primeiras professoras do Curso de Serviço Social da ex-ABRACEC, também foi vanguarda na abertura de alguns campos de estágios em diversas áreas na cidade. Atualmente é feirante.

---

* As transcrições obedeceram os seguintes critérios:
- As frases destacadas 'assim'são trechos da fala de terceiros, citados pelo depoente;
- Três pontos fora de parênteses significa que não foi dado continuidade à fala, tendo sido a mesma interrompida pela fala de uma das partes envolvidas.

BIBLIOGRAFIA

ALEM, João Marcos. "Representações coletivas e história política em Uberlândia". **História & Perspectivas**. Uberlândia: Editora da UFU, n°04, jan./jun., 1991, p.79-102.

AURELIANO, Liana Maria." Descentralização de políticas sociais: alguns exemplos da saúde, educação e assistência". **Revista Debates**. São Paulo: Fundação Konrad – Adenauer – Stiftung, n°10, 1996, p.25-31.

ÁVILA, Fernando Bastos de. **Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo**. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1967.

BRESCIANI, Maria Stella M. **Londres e Paris no século XIX**: o espetáculo da pobreza. São Paulo: coleção "Tudo é História", Brasiliense, 1982.

CANCELLI, Elizabeth. "O contrapiso e a violência". In: **O mundo da violência:** a polícia da era Vargas. 2ª ed., Brasília: UNB, 1994.

CARVALHO, A. M. P.; BONETTI, D. A.; IAMAMOTO, M. V. "Projeto de investigação: a formação profissional do assistente social no Brasil – Determinantes Históricos e perspectivas". **Serviço Social & Sociedade,** Cortez, n° 14, ano V, abril/1984, p. 108-109.

CARVALHO, Carlos H. de. "Da Delinqüência à Criminalidade (uma análise do discurso sobre a problemática do menor em Uberlândia 1980-1992)". **História & Perspectivas**. Uberlândia: Editora da UFU, n°10, jan./jun. 1994.

CARVALHO, Everardo de. "A assistência direta e a participação comunitária". **Revista Debates**. São Paulo: Fundação Konrad – Adenauer – Stiftung, n°2, 1993, p.121-131.

CARVALHO, Raul de. "Modernos Agentes da Justiça e da Caridade – notas sobre a origem do Serviço Social no Brasil". **Serviço Social & Sociedade.** São Paulo: ano I, n°2, Cortez, março/1980.

ESTEVÃO, Ana Maria R. **O que é Serviço Social**. 5ª ed. São Paulo: Coleção Primeiros Passos, Brasiliense, 1988.

GALASSI, Virgílio.Editorial. **Revista Documento**. Uberlândia: Ed. Interglobo, 1992. apud. CARVALHO, Carlos H. de. **Op. cit.**

IATAURO, Rafael. Ética e Controle do Poder Público Local. **Revista Debates**. São Paulo: Fundação Konrad – Adenauer – Stiftung, nº10, 1996, p.77-85.

JUNQUEIRA, Helena Iracy. "Quase duas décadas de Reconceitualização do Serviço Social: uma abordagem crítica". **Serviço Social & Sociedade.** São Paulo: Cortez, ano II, nº 4, dezembro/1980.

KISNERMAN, Natálio. **Sete Estudos sobre Serviço Social**, São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. **A Disciplinarização da Pobreza no Espaço Urbano Burguês:** assistência social institucionalizada, Uberlândia 1965-1980. São Paulo, Universidade de São Paulo, FFLCH, 1990. (Dissertação, Mestrado).

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Serviço Social**: identidade e alienação. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1991.

OLIVEIRA, Valéria Rezende de. "Política de assitência no Brasil". **Serviço Social & Sociedade.** São Paulo: Cortez, nº31, ano X, dezembro/1989.

RODRIGUES, Jane de F. Silva. **Trabalho, Ordem e Progresso:** uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense. O setor de serviços. 1924-1964. São Paulo: USP, 1989. (Dissertação, Mestrado).

SÁ, Jeanete L. Martins. **Conhecimento e Currículo em Serviço Social**: análise das contradições (1936-1975). São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, Antônio Gonçalves dos. Apud CARVALHO, A.M.P. de, BONETTI, D. A. e IAMAMOTO, M. V. et al. "Projeto de investigação: a formação profissional do assistente social no Brasil". **Serviço Social & Sociedade,** São Paulo: Cortez, nº 14, ano V, abril de 1984.

SETUBAL, Aglair Alencar. "Alguns Aspectos da História do Serviço Social no Brasil". **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo: Cortez, ano IV, nº12, agosto/1983.

TEIXEIRA, Joaquina Barata. "Concepção da Dimensão Política da Prática Profissional". In: **Serviço Social: as respostas da categoria aos desafios conjunturais**. IV Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, Congresso Chico Mendes. São Paulo: Cortez, 1991.

TEIXEIRA, Tito. **Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central:** História da Criação do Município de Uberlândia. Uberlândia: Udia Gráfica Ltda, 1ª edição, 2V., 1970.

UNIT. Serviço Social 25 anos. **Serviço Social em Revista**, Uberlândia, 1: 1, 1997.

WEISSHAUPT, Jean Robert. **As Funções Sócio-Institucionais do Serviço Social.** 2ª ed. São Paulo, Cortez, 1988.

YASBEK, Maria Carmelita. "A Escola de Serviço Social de São Paulo no período de 1936 a 1945". **Cadernos PUC** – Serviço Social. nº6, São Paulo: EDUC/Cortez, dezembro/1988.